

Teresa de Lisieux Lopes Frota



Trajetória dos meninos infratores no

**Ceduc Pitimbu**

Orientador: Dr. Orlando Pinto de Miranda  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

*TERESA DE LISIEUX LOPES FROTA*

***ENTRE O PAVILHÃO E O INFERNO:  
TRAJETÓRIAS DE MENINOS INFRATORES NO CEDUC/PITIMBU.***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para obtenção do título de doutora em Ciências Sociais na área de concentração Cultura e Sociedade.  
Prof. Orientador: Dr. Orlando Pinto de Miranda

Natal-RN

2006

TERESA DE LISIEUX LOPES FROTA

*ENTRE O PAVILHÃO E O INFERNO:  
TRAJETÓRIA DE MENINOS INFRADORES NO CEDUC/PITIMBU.*

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração Cultura e Sociedade, aprovada no dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2006.

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Orlando Pinto De Miranda – PPGCS/UFRN - Orientador

---

Dra. Simone Carneiro Maldonado – PPGCS/UFPB

---

Dra. Maria Lina Leão Teixeira – PPGCS/UFRJ

---

Dra. Brasília Ferreira Carlos – PPGCS/UFRN

---

Dr. Edmilson Lopes Júnior – PPGS/UFRN

---

Dra. Maria Da Conceição Almeida – Suplente

---

Dr. Antônio Ribeiro Dantas – Suplente

Aos **meninos infratores** do CEDUC/Pitimbu.

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai **Dr. Francisco Bezerra Frota** (*in memoriam*), facho de luz! Grande ser humano que sempre gostou de dançar a vida. E mesmo em outra dimensão, ele estará sempre presente na minha saudade.

A minha mãe **Bernadete Nogueira Lopes Frota**, que me traz sempre luz e calor. O brilho dos seus olhos é de quem sabe da alma humana. Meus irmãos, **Rosa Helena, Lúcia Rachel** e **Francisco Frota Júnior**. Cunhados, **Valdevi, Carlos Alberto** e **Maria Lúcia**. E meus sobrinhos, **Roberto, Flávia Danniele, Juma, Thaís e Nicole** que sem dúvida, sempre fizeram parte da minha vida.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN; Ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN – PPGCS. Ao Coordenador **Profº Dr. João Emanuel Evangelista**, pela atenção e a compreensão que por ele me foi dada.

A CAPEs, pela bolsa concedida para a realização do curso.

A todos que fazem a Escola Doméstica de Natal – ED, especialmente **Noilde Ramalho** (Tia Nó), pelo exemplo de mulher e profissionalismo, que muito contribuiu para minha formação. Só tenho que agradecer.

A Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA / IBRAPES, por ter me dado oportunidade de fazer parte da equipe de professores desde o início de seu funcionamento aqui no Estado do Rio Grande do Norte.

Ao **Prof. Hudson Brandão** sua esposa **Ana Maria Viana**, pela confiança e respeito ao meu profissionalismo, meu muito obrigada.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Orlando Miranda**, tudo que eu posso dizer não expressaria a admiração e a gratidão que por ele tenho. Foi realmente um privilégio ser

sua aluna, orientanda, e participar de vários trabalhos com ele em pesquisas; enfim, mais que tudo, a cumplicidade com que nos relacionamos foi o condimento essencial que deu o bom tempero ao meu trabalho e a meu crescimento pessoal. O Mirandinha como eu chamo, representa aquele encontro entre o afeto, o rigor e o apoio acadêmico.

A **Profª Drª Simone Maldonado**, que sempre me ajudou nas trocas de idéias, e é a culpada por eu ter descoberto outras trilhas apaixonantes como as Ciências Sociais, com certeza valeu a caminhada. Uma grande mulher e muita querida por mim. Sem esquecer o carinho e a paciência quando dela precisei.

A **Profª Drª Maria Lina Leão Teixeira**, cuja experiência e visão de mundo iluminou minha mente e me deu novo fôlego para a realização deste trabalho. Também pelo seu carinho e amizade, que mesmo à distância, me socorreu em diversos aperreios e desabafos, quando eu me encontrava tão cansada e estressada. Falar com ela fazia meu cérebro voltar a funcionar.

A **Profª Drª Brasília Carlos**, uma pessoa maravilhosa, que sempre admirei por ter “jogo de cintura” com as coisas da vida “e coisa e tal”. **Profª Drª Livramento**, pelo carinho e amizade. Ao **Profº Dr. Edmilson L. Júnior**, por ter aceito fazer parte da banca, é um grande prazer tê-lo como membro. A **Profª Drª Ceíça Almeida**, pela alegria e Ao **Dr. Alípio de Sousa Filho**, pela contribuição da tradução em francês.

Ao **Dr. Antônio Dantas**, pelas escutas de muitos telefonemas, reclamando e contando o meu estado de nervos. Sua gargalhada, e palavras carinhosas faziam efeito como se eu tomasse uma colher de maracugina.

A **Profª Drª Ilza Leão**, por quem eu tenho o maior carinho, admiração e gratidão, pela oportunidade de estar na UVA, uma Instituição que abracei com muito

carinho, dedicação e crescimento. A **Profª Isís Brandão**, uma pessoa maravilhosa, sempre com um sorriso bonito e uma determinação no olhar.

A Profª Ms. **Rosário Cabral**, pelo carinho e a amizade sem deixar de agradecer a confiança pela indicação da coordenação da Pós – Graduação. E aos coordenadores da graduação – UVA. **Prof. Gustavo Praxedis**, pelo carinho e as boas idéias que estamos sempre trocando e Profª **Hilma**, pela simpatia.

A **Profª. Drª. Gláucia Russo** que, tantas vezes de forma gratuita e espontânea, me ajudou nas dificuldades que apareceram ao longo da trajetória, teceu comentários, e muitas vezes foi exigente, rigorosa nas críticas e sugestões preciosas do meu trabalho. Como se não bastasse, é uma grande amiga.

Aos amigos **Profª. Ms. Ana Lêda** e ao Jornalista **Nilson**, que me deram muita força e carinho nos momentos mais difíceis de final de tese que passei, acreditando em mim e incentivando quando o cansaço era expresso no meu rosto e na minha irritação. Sem falar nas contribuições artísticas. A amizade de **Ana Lêda** e **Verônica** é uma dádiva de Deus, pois são as irmãs que ganhei aqui em Natal, com elas sempre contei para tudo.

A **Marlene Teixeira**, amiga do coração que desde que cheguei a Natal, laços muito fortes foram entrelaçados na nossa amizade, e que temos muitas coisas para contar: aventuras de praias, passeios, joguinho de baralho, e muitas risadas quando saíamos para nos divertir. Até hoje permanece o carinho e a alegria a cada vez que nos encontramos.

A **Profª Ms. Maiza Albuquerque**, pela grande força nas viagens de trabalho da UVA, sempre pronta a ir comigo, e em tudo que esteve presente, especialmente pela

figura humana que descobri nela, sendo isto fundamental para a relação de amizade que estabelecemos. Ao **Prof. Ms.** Ricardo Raposo, pela boa amizade que construímos.

Ao casal **Arabela e Eduardo**, pela luz que transcende de vocês e reflete em paz espiritual os meus caminhos.

Ao Cel. **Valdenor Félix** e sua esposa **Joana**, pela alegria e amizade. Valdenor é aquela pessoa engraçada que está sempre de bem com a vida, e pude contar com ele em muitos trabalhos de pesquisa juntos.

As amigas: **Francisca, Tacimá, Morena** e a todas as **funcionárias** da limpeza do IBRAPES – UVA. Sempre alegres, atenciosas, não deixavam faltar o meu cafezinho e minha água. A **Carla**, telefonista, pela paciência. Sem esquecer o grande astral de **Elitânia**, que me faz muito bem. Todas contribuíram muito com amizade, carinho, ajudando de perto, o processo árduo, porém apaixonante que vivi neste período de fim de tese.

A **Pof<sup>a</sup> Ms. Sheyla Pedrosa Brandão** e seu esposo **Prof. Ms. Thadeu Brandão**, pela gentileza das caronas, das trocas de idéias, confiança, e mesmo ausentes nos momento mais desgastante, sei que torcem por mim.

A **Prof<sup>a</sup>. Ms. Lindinjane**, uma boa amiga. Temos muitas coisas para contar neste doutorado; alegrias, aperreios, enfim, a falta de respeito com nossa bolsa da CAPES, porém, tudo passa.

As **Prof<sup>a</sup>. Lúcia Maria Torres** (em especial), **Prof<sup>a</sup> Maria Tereza Penha** e a **Prof<sup>a</sup> Daniella P. Faria**, pela paciência, amizade e a grande força nas apostilas, ou seja, no meu trabalho como Coordenadora da Pós - Graduação da UVA.

A **Eliana e Yara Saads**, pelo carinho e a torcida cheia de alegrias enchendo-me de coragem nas horas que o cansaço atrapalhava. A **Dr<sup>a</sup> Blanca**, pela amizade.

Ao **Edmilson de Jesus e Michelle**, membros da secretária da Pós-graduação, que sempre foram atenciosos comigo.

Seria uma lista infindável se fosse citar todos que, de algum modo, se preocuparam comigo neste processo de produção da tese. Desde já me desculpo por qualquer eventual esquecimento ou injustiça.

*Vim pelo caminho difícil,  
A linha que nunca termina  
A linha que bate na pedra,  
A palavra quebra uma esquina,  
Mínima linha vazia,  
A linha, uma vida inteira,  
Palavra, palavra minha.*

*Paulo Leminski.*

## RESUMO

Este trabalho está centrado na violência dos meninos infratores que se encontram confinados no Centro Educacional - CEDUC/Pitimbu, local onde foi realizada a pesquisa de campo, e as significações imaginárias da violência cometidas e sofridas por eles. Como o tema da violência é bastante amplo, agregando vários tipos de manifestações, o mergulho na discussão acerca da violência e as reflexões que recortam o temário das Ciências Sociais deixaram-me, não apenas traçar o imaginário relativo às produções que pontuam esse trabalho, mas também tentar identificar até que ponto as várias visões da ciência instituíram um saber que acaba limitando uma visão mais ampla e complexa das redes da violência. O caminho teórico-metodológico adotado na discussão sobre a violência, cultura, medo e crimes cometidos pelos meninos confinados levaram-me a considerar que tais intenções têm contribuído para o reforço de determinadas situações limites dentro dos pavilhões. Dessa forma, as discussões aqui postas versam, dentre outros pontos, sobre o espaço da instituição, suas metas, rotinas e as principais expressões da violência contidas nos relatos coletados. Abordo as origens sócio-culturais dos internos enfocando os ambientes de onde vêm, sua inserção social e seu cotidiano. Com tal busco analisar os elementos da cultura constituída, os valores, a lei do mais forte, o poder, a coragem, o medo, a astúcia a sabedoria e os sonhos. Trabalho com a noção de destino, que remete a inevitabilidade do crime e da morte, bem como a instituição nos aspectos em que ela reforça a violência e os valores considerados negativos pela sociedade. Tudo isso é realizado através da descrição das trajetórias de vida em sua maioria ligadas aos mais diversos atos de violência, seja ela praticada ou sofrida pelos jovens e adolescentes confinados no CEDUC/Pitimbu, e as daqueles com quem mantive contato.

**Palavras chaves:** Violência. Meninos infratores. Pavilhão. Cultura. Mortes. Valores.

## RESUMÉ

Cet étude est une recherche sur les significations imaginaires de la violence pratiquée par des jeunes délinquants ou à laquelle ils sont soumis, dans la condition de confinés chez le Centre Éducationnel CEDUC/PITIMBU, lieu où l'investigation a été faite. Dans la mesure où le sujet de la violence se présente plein de manifestations, nous proposons ici une réflexion sur l'imaginaire de la production théorique sur la question et en même temps nous nous proposons identifier jusqu'à quel point les diverses visions scientifiques établissent un savoir qui finit par limiter une conception plus complexe et profonde des réseaux de la violence. Le parcours théorique et méthodologique réalisé nous a permis conclure que certaines interventions finissent par renforcer des situations limites vécues à l'intérieur du Centre par les jeunes délinquants. Parmi d'autres aspects, nous traitons de l'espace de l'institution, leurs objectifs, routines, aussi bien que sur les principaux expressions de la violence qu'apparaissent dans les récits des jeunes. Nous traitons de leurs origines socioculturelles, en signalant les milieux d'où ils viennent et leur vie quotidienne. Ainsi, nous traitons d'analyser les éléments de la culture constituée, les valeurs, la « loi de plus fort », le pouvoir, le courage, la peur, l'astuce, la sagesse et les rêves. Nous remarquons aussi la notion de « destin » qui renvoie à l'idée que le crime et la mort sont inéluctables. Nous nous occupons de réfléchir sur le rôle de l'institution dans le renforcement de la violence et dans la reproduction de valeurs sociales. Dans cet étude, nous utilisons l'analyse des trajectoires de vie des jeunes délinquants pour comprendre la réalité de la violence à laquelle ils sont soumis.

**Mots-clés:** Violence. Jeunes délinquants. Institution. Culture. Mort. Valeurs

## ABSTRACT

This paper is centered in the violence of offender boys that are confined in the Educational Center - CEDUC/Pitumbu, where the field research was accomplished, and the imaginary significances of the violent acts committed and suffered by them. Since violence is a very wide theme, that covers several types of manifestations, the discussion concerning the violence and the reflections that form the thematic of the social sciences left me, just not to trace the imaginary relative to the productions that punctuate this work, but also to try to identify to what extent the several scientific views instituted a knowledge that ends up limiting a wider and more complex vision of the nets of violence. The theoretical-methodological perspective adopted in the discussion on the violence, culture, fear and crimes committed by the confined boys made me to consider that such intentions have been contributing to enhance certain extreme situations on the pavilions. In that way, the discussions are, among other points, about the space of the institution, its goals, routines and the main expressions of violence contained in the collected reports. I approach the interns' socio-cultural origins focusing the environments from where they come, their social place and daily routine. Thus I analyze the elements of the constituted culture, the values, the law of the strongest, the power, the courage, the fear, the cunning, the wisdom and the dreams. I work with the notion of destiny, that refers to the inevitability of crime and of death, as well as the institution in the aspects in that it reinforces the violence and the values considered negative by society. All this is accomplished through the description of the inmates' lives, most of them linked to several violence acts, practiced or suffered by the youths confined in CEDUC/Pitumbu, and those with whom I had contact.

Key words: Violence. Offender boys. Pavilion. Culture. Deaths. Values

## SUMÁRIO

<b>1 O CAMINHO TEÓRICO METODOLÓGICO.....</b>	15
<b>2 CEDUC/PITIMBU: ESPAÇO DE REVELAÇÕES E RELAÇÕES.....</b>	36
2.1 Cenário e personagens da pesquisa.....	36
2.2 O pavilhão e o inferno: passagem pelo CEDUC/Pitimbu.....	48
2.3 A Rotina diária : sobrevivendo no inferno.....	64
2.4. O lugar do meu menino: visitas da família.....	68
<b>3 A VIOLÊNCIA E A CIDADE.....</b>	78
3.1 Espaço e trajetórias: de onde vêm os jovens e adolescentes.....	86
3.2 Onde tudo começou: bairros e ruas da cidade.....	102
3.3 A invisibilidade social dos jovens e adolescentes.....	126
<b>4 ENTRE “ELES” E “NÓS” – O MURO.....</b>	134
4.1 O enfrentamento entre os meninos infratores e a polícia.....	143
4.2.CEDUC/Pitimbu: formação / deformação.....	159
4.3 Sonhos: o inacessível que morreu.....	163
4.4 A morte interdita... fim da história.....	168
<b>5 CONSIDERAÇÕES, O TRÁGICO DESTINO DOS QUE SOBREVIVERAM.....</b>	173
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	186
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO A – Reportagem do Jornal Parnamirim Notícias.....	190
ANEXO B – Tabela: Distribuição dos bairros e moradias.....	191
ANEXO C – Tabela: Distribuição dos bairros e moradias .....	192
ANEXO D – Tabela: Distribuição dos bairros e moradia.....	193
ANEXO E – Tabela: jovens e adolescentes entrevistados .....	194
ANEXO F – Tabela: Meninos infratores sobreviventes.....	195
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	196 a 200

**ENTRE O PAVILHÃO E O INFERNO:  
TRAJETÓRIA DE MENINOS INFRATORES NO CEDUC/PITIMBU**

**1 INTRODUÇÃO: O CAMINHO TEÓRICO – METODOLÓGICO**

Como o tema da violência é bastante amplo, agregando vários tipos de manifestações, centrei minha investigação na busca de compreender as práticas sociais concretas da violência no cotidiano de jovens e adolescentes, que se encontram presos no Centro Educacional CEDUC/Pitumbu e as significações imaginárias da violência cometida e sofrida por eles.

Interessa-me aqui situar os campos de expressão da violência e o modo como os meninos infratores colocam, relatam e nomeiam essas práticas em suas realidades sociais e, assim, apreender os vários significados construídos socialmente sobre o fenômeno, tendo como referencial os relatos que circulam sobre situações classificadas enquanto valores e como violentas.

A sociedade dificilmente sobreviveria sem normas e leis que estabeleçam e regulem os limites, os deveres e as obrigações de cada indivíduo no convívio social. Alguns dos valores, tomados como referencial pelos jovens e adolescentes, podem ser julgados como crime de violência, desde que firam as normas instituídas pelo contrato social<sup>1</sup>. Quando uma infração é efetuada, o agente tende a ser enquadrado na parte *maldita* do sistema de valores que regem a vida social.

---

<sup>1</sup> A idéia de contrato social desempenhou um papel importante na discussão dos direitos dos cidadãos em relação ao Estado, bem como base da legitimidade do Estado como instituição em especial forma proposta por Jean Jacques Rousseau (ROSSEAU, 1959, p. 32), Entre outros autores, Talcott Parsons, argumentaram que a Coesão social repousa em consenso sobre valores e não sobre um contrato social. (JOHNSON, 1997, p. 53)

É importante ressaltar que as organizações juvenis não estão isoladas da sociedade abrangente. Elas proliferam, decaem e, às vezes desaparecem num contexto institucional que tece uma trama de interações simbólicas entre jovens e adolescentes pertencentes a tais organizações e os representantes da ordem e da lei.

A socialização, definida como o processo pelo qual um indivíduo aprende a ser membro da sociedade (BERGER & BERGER, 1975, p.55), *ao mesmo tempo em que o introduz num mundo particular, introduz o indivíduo a si mesmo* (idem,1975). *Em outras palavras, por meio da socialização o indivíduo aprende regras e atitudes que lhes são transmitidas; interioriza-as, apropria-se subjetivamente das mesmas e, ao descobrir a sociedade, descobre a si mesmo.*

As tramas das relações que planejamos compreender têm o seu início na subjetividade de cada um, que é uma eterna desconhecida. Desvenda-se para nós, em todo processo de investigação, como matéria-prima dos esforços de decodificação do outro, do desconhecido. É como argila para que se possa moldar um mapa possível de interpretação de experiências estrangeiras e, muitas vezes, exiladas da nossa própria compreensão.

Foi assim que percebi a importância de minha resistência e temores, elementos que acompanharam todo o processo de pesquisa. Elas sinalizavam o campo imaginário que construí acerca da violência e de suas instituições no campo da cultura. Aprofundar medos e forças tornou-se a estratégia mais efetiva para adentrar no complexo mundo das práticas de violência entre os meninos infratores presos no CEDUC/Pitumbu.

Pensar o imaginário significa compreender as origens pré-conceituais a partir das quais se percebe o social. *Os objetos não têm valor algum por si mesmos e independem de nossas representações* (DURKHEIM, 1994, p.87).

Assim, as representações dos indivíduos são sempre *imaginárias*. Isso porque o modo de instituição do social é o imaginário, ou seja, é a maneira pela qual a sociedade imagina, representa suas projeções e as objetiva, denominando e classificando. Segundo DURKHEIM (1994) *a sociedade é, antes de tudo, um conjunto de idéias, de crenças, de sentimentos de toda espécie, num amálgama realizado pelo próprio indivíduo. (p.89).*

O mergulho na discussão acerca da violência e as reflexões que recortam o temário das Ciências Sociais deixaram-me não apenas traçar o imaginário relativo às produções que pontuaram esse trabalho, mas também tentar identificar até que ponto as várias visões da ciência instituíram um saber que acaba limitando uma visão mais ampla e complexa das redes da violência.

Percebi que apenas trilhando caminhos já percorridos poderia retornar os fios de sentido e reconstruir os campos de produção imaginária da violência. As abordagens sociológicas e antropológicas constituem, a meu ver, o terreno por excelência, de discussão e produção de sentido acerca das tramas da violência social. Partindo, então, do princípio de que os delitos cometidos pelos meninos confinados no CEDUC não se definem de forma alheia ao espaço e ao tempo, é preciso redefinir o seu contexto e as relações que os permeiam.

Para fundamentar o meu estudo, mesmo reconhecendo a multiplicidade de compreensões de violência e de autores preocupados com a questão, a trajetória que escolhi proporcionou-me encontros com o pensamento de alguns desses autores como:

Hannah Arendt, Foucault, Durkheim, Bourdieu, Norbert Elias, Berger, Geertz, Giddens, Caldeira, Zaluar, dentre outros que me ajudaram a compreender a violência, o espaço/tempo e as práticas dos meus personagens.

Segundo Giddens (1995, p. 261), a profusão de conceitos pode fazer perder *de vista aquilo que é específico à violência da forma entendida comumente – o uso da força para causar danos físicos à outra pessoa*. Ele constata a existência da violência em vários contextos da vida humana que quase sempre está relacionada a estruturas de poder. A violência representa um entre outros meios utilizados por indivíduos, por grupos ou pelo Estado para impor sua vontade a outros.

Em nossa sociedade e no grupo estudado, ocorre um certo refinamento da violência. Ela manifesta-se como uma linguagem, um jogo de signos e sinais que permitem a entrada em alguns grupos específicos. A violência, nesse sentido, é uma possibilitadora de relações, pois ao assumi-la como parceira na vida cotidiana, os sujeitos que a praticam se afastam de determinados espaços sociais, ou seja, dos espaços de aglomerações urbanas, para serem incorporados em outros, como as gangues, as quadrilhas e os grupos de tráfico, por exemplo; como tem sido assinalado pelos estudiosos da temática.

A violência não é um fenômeno recente, está presente em todas as épocas, grupos, culturas e sociedades, mas, na atualidade está mudando de caráter. Em nosso tempo, e para alguns grupos específicos, como é o caso dos meninos do CEDUC/Pitimbu, a violência torna-se a referência fundamental, sendo utilizada como um elemento distintivo em seu universo, garantindo-lhes respeito e status dentro da hierarquia grupal, ao mesmo tempo em que se apresenta como o *estar entre iguais*.

As práticas de dominação e violência se reproduzem, de modo consciente e inconsciente. São elas que serão aqui descritas e reveladas, como dimensões imediatas da violência, a partir dos relatos dos infratores; ao mesmo tempo em que lanço um olhar na exploração, repressão e violências sofridas por esses jovens e adolescentes dentro e fora da instituição.

O debate recentemente travado no campo da violência permite ao pesquisador lançar seu olhar também sobre os praticantes da violência, no meu caso específico os jovens e adolescentes confinados no CEDUC/Pitimbu; possibilitando percebê-los também como agentes que cumprem um papel importante e significativo na trama de suas histórias violentas na sociedade brasileira.

Nesse ponto considero interessante situar o pensamento de Norbert Elias (1996), a respeito da violência. Ele adota a tese de que a condição humana é alcançada numa construção lenta e prolongada do próprio homem. Nesse sentido, Elias e Durkheim comungam da premissa de que a fonte do mal está na natureza. Essa dimensão ética, de que o homem se civiliza, está presente no pensamento de Elias, assim como o de que o homem se socializa e se moraliza está no de Durkheim (1995). No entender dos dois, isso é um valor positivo.

Considerando a sociedade como produto do homem e o homem como produto da sociedade, Berger (1985, p.16) esclarece que *essa relação dialética consiste de três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização*. A exteriorização refere-se ao fato de que a sociedade só se dá através do homem, sendo, pois, produto do homem em sua *contínua efusão* sobre o mundo; ou seja, mediante sua atividade física ou mental. Sendo a sociedade parcela não material da cultura, é ela que estrutura

as relações dos indivíduos entre si, em padrões relativos há um tempo e a um espaço. É, portanto, feita de sentidos humanos exteriorizados.

A sociedade resulta da cultura, é condição necessária à existência da cultura. A sociedade construída pelo homem confronta-se com ele com facticidade exterior, subsistente fora da subjetividade, impondo-lhe padrões de comportamento a serem experimentados e apreendidos. Esse confronto constitui o momento conceituado como de objetivação, processo que determina que nem a sociedade, nem a cultura possam ser reabsorvidas à vontade na consciência. Ou seja, os objetos materiais e as normas que constituem a sociedade não são controlados pela vontade individual. Por sua vez, a interiorização é o meio pelo qual o indivíduo se reapropria da realidade objetiva e transforma as estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. Isto só é possível em sociedade e, portanto, numa relação do indivíduo com outros indivíduos. A interiorização pressupõe reciprocidade, para o estabelecimento de certo grau de simetria entre o mundo social externo e o mundo subjetivo. *O indivíduo não só aprende os sentidos objetivados, como se identifica com eles. Atrai-os a si e fá-los seus sentidos. Torna-se não só alguém que possui esses sentidos, mas alguém que os representa e exprime* (BERGER, 1985, p.28).

Identidade é um conceito que está no limiar de domínios que se interpenetram e, portanto, não podem ser tomados em separados: subjetividade e objetividade. O *a priori* social do conceito não pode, portanto, concordar com a consideração sociológica apenas no aspecto objetivo da relação indivíduo/sociedade ou a interação mútua entre indivíduos, processadas por certos motivos e interesses, que

constituem a sociedade e toda a realidade histórica, como pretenderam respectivamente Durkheim e Simmel <sup>2</sup>.

As Ciências Sociais têm a peculiaridade de não apenas interpretar, explicar o mundo e seus acontecimentos, mas também ao analisar, produzir uma teia de sentidos do vivido, recodificar as experiências que recortam o social. *A circularidade do conhecimento social [...] o conhecimento novo (conceitos, teorias, descobertas) não torna simplesmente o mundo social mais transparente, mas altera sua natureza, projetando-a para novas direções.* (HARVEY, 1992, p.153). Por tais motivos é que o movimento pendular das Ciências Sociais ocorre num ritmo tão intenso, pois, ao produzir conhecimentos, ele muda a face do mundo e aponta a necessidade de outras estratégias explicativas.

A sociedade contemporânea, por muitos nomeada de sociedade pós-moderna, parece provocar o sentimento de que o real escapa, de que a ordem encontra-se às avessas, como que parecendo se *dissolver na sucessão de constantes mudanças* (BALANDIER, 1997, p.127). *O autor observa que a contemporaneidade está superativa de tal forma, que produz incessantemente o desconhecido, tornando o homem estranho àquilo que ele próprio cria.* O homem não sabe mais entender o universo social e cultural que ele próprio forja. Predomina a idéia de *caos social, de vazio, de desencantamento, de niilismo* na sociedade, tal contexto refletindo intensamente nos jovens e adolescentes.

---

<sup>2</sup> Tanto Simmel (1977) quanto Durkheim (1978) mantiveram a dicotomia indivíduo/sociedade, na tentativa de estabelecer fronteiras entre a Psicologia e a Sociologia; a primeira seria voltada para o estudo do indivíduo e a segunda para o estudo da sociedade total. Embora Simmel tenha concebido a reciprocidade das relações sociais, ao estudar as formas de socialização, e a situação do indivíduo enquanto ser para si e para a sociedade, caracterizando uma relação de interioridade e exterioridade, manteve a consideração sociológica restrita à análise objetiva do processo de socialização. Além do mais, deixou de lado o estudo dos pequenos grupos sociais. Durkheim, por sua vez, ao avaliar a importância dos laços nos grupos primários na atuação do controle social e pessoal, deixou de lado as interpretações subjetivas dos atores sociais (ênfaticadas por Weber), na busca de ater-se à objetividade da realidade social, objeto do seu socialismo.

O sentimento de deriva social e de crise de valores parece incidir, de maneira aguda, sobre as condutas sociais dos jovens e adolescentes, e, mais particularmente, sobre sua subjetividade. Podemos perceber que o *mundo adulto* espanta-se diante do surgimento de determinados fenômenos sociais e culturais relacionados ao mundo da juventude.

De acordo com Batista e El-Moor, (apud BARÓ, 1999, p.139), o homem apresenta uma *abertura* para a violência e para agressão que o coloca *disponível* para adoção de atos violentos e agressivos. Mas afirma também que essa *disposição* só se transforma em ação se sofrer as influências provenientes de um contexto social. E, finalmente, sustenta que, na sociedade, a violência e a agressão, em geral, têm caráter instrumental, constituem-se em meios para algum fim, o que significa que suas práticas racionais são justificadas por meio de um fim determinado ou de certos valores.

O argumento social tem implicações sobre a ocorrência ou não da violência, e por isso se faz necessária à identificação dos valores que regem a vida cotidiana dos membros da sociedade. Dois exemplos: o individualismo estimula a violência e a agressão na medida em que podem se constituir nos meios para obtenção da satisfação pessoal; a exigência da competência quando ela requer a derrota do outro. É preciso ainda, considerar o grau de institucionalização da violência e as indicações de que ela está realmente enraizada na sociedade ou se ela se constitui no estilo de vida.

No meu percurso para construção de uma percepção da violência mais adequada ao meu trabalho, fui realizando leituras diversas relativas a teorizações e investigações referentes à temática da violência. A primeira idéia que se estabelece, para alguém cujo olhar passa a ser seduzido pela curiosidade acerca das práticas da violência, é de que a violência é uma dimensão estritamente destrutiva da vida social.

Assim, algumas questões se colocam: o que os jovens e adolescentes confinados, que praticam roubos, assassinatos à mão armada, estupro<sup>3</sup>, consideram violência? Como se articulam as tramas da violência e, fundamentalmente, que significados elas assumem para eles? O que faz com que a violência seja valorizada positivamente na vida dos jovens e adolescentes do CEDUC/Pitimbu, tendo em vista que lhes retira a liberdade e os coloca sempre no limiar da vida e da morte?

Quando tive os primeiros contatos com os jovens e adolescentes confinados no CEDUC/Pitimbu, observei que a violência está presente sob as mais diversas formas dentro da instituição, como poderá ser identificado ao longo da leitura dessa tese, nos espaços pensados para interpretar as redes e acontecimentos relativos à violência. Referindo-se ao CEDUC. Cabeção<sup>4</sup> um adolescente de 17 anos, assim se expressa.

Meu futuro é a morte. Enquanto eu estiver aqui preso não penso no futuro. Só quero sair vivo daqui. Aqui não recupera ninguém, só leva o cara pra trás, ou cadeia ou cemitério. O Boy saí daqui mais revoltado, pelo modo do tratamento, os apelidos, os xingamentos. Os educador tão aqui ganhando a “bufunfa” dele, não quer nem saber, não se importa com a gente. As Assistente Social, diz tá aqui pra ajudar. Um caralho, só leva reada e acaba fudido, tão aqui pra piorar a vida do cara. Recuperação é lá fora, recupero legal meu fumo, arma e tô na área de novo, a minha vida é o que tá valendo entendeu **(Cabeção, 17 anos)**.

O cotidiano do Centro Educacional - CEDUC/Pitimbu está repleto de ações que podem ser consideradas violentas, que não provocam apenas danos físicos, mas também marcam profundamente à personalidade dos meninos. Como essa instituição

---

<sup>3</sup> A palavra “estupro” é falada por todos na Instituição: Coordenador, funcionários e os meninos infratores, e por essa razão é aqui utilizada. Porém, a palavra “estupro” é usada para esse acontecimento no caso das mulheres, e quando têm rompimento do himem. Demais violências sexuais não são assim consideradas. No caso dos meninos, usa-se abusado sexualmente ou violentado.

<sup>4</sup> Identificar os jovens poderia, direta ou indiretamente, interferir na sua trajetória dentro e fora da instituição, por isso, optei por usar os codinomes ou apelidos dos internos ao contar seus relatos sobre: roubos, homicídios, crimes, assalto a mão armada e múltiplas façanhas de práticas violentas por eles cometidas.

vigia e está sempre reprimindo atos de violência física, eles acabam se mascarando, transvestindo-se com outras facetas e, dessa forma escapando do próprio controle da instituição. As violências mais comuns, justamente por serem ignoradas<sup>5</sup>, são aquelas de indisciplina ou incivilidade, discriminação e segregação racial e social, humilhação e desmoralização. Nesse caso, não há, necessariamente só agressão física, mais a ela se soma cotidianamente às ofensas verbais.

As ações institucionais que procuram conter a violência dentro do CEDUC têm dado resultados pouco visíveis ou mesmo insatisfatórios. Posso afirmar, inclusive, que elas não conseguem eliminar as práticas de violência. Ocorre uma cristalização da situação na Instituição: o trabalho realizado, por mais que procure manter a ordem ou busque se reorientar no sentido de trazer novas possibilidades para os internos, não vem sendo suficiente para uma mudança, quer do CEDUC, dos funcionários, dos educadores ou dos próprios infratores, como será mostrado no desenvolvimento deste trabalho.

Se as violências se configuram como uma forma de marcar presença, de gritar: *existimos!*, por outro lado elas rompem os vínculos que permitem um existir criativo, saudável. As formas estereotipadas de enfrentá-las, ainda que irregulares, reafirmam o próprio jogo da violência e a sensação de caos que se mantém.

Os infratores confinados no CEDUC/Pitumbu, embora busquem formas *normais* de expressão da juventude, através do seu comportamento, parecem reforçar as diferenças com os de fora, os outros, tendo por base a noção compactuada de espaço e a construção de códigos culturais compartilhados apenas entre os mais

---

<sup>5</sup> Ignorada porque os educadores que trabalham no CEDUC/Pitumbu, não orientam os meninos infratores sobre a violência verbalizada, acham que é uma discussão qualquer e não dão muita importância ao *bate boca* nas celas. Acontece que muitas vezes a violência verbalizada provoca a violência física entre eles.

*enturmados*. Nas referências que fazem a si interferem dados objetivos, como definições formais da justiça e o pertencimento a uma classe social ou categoria distinguível de outras.

Nelas interfere também o caráter conflituoso das relações que os infratores travam com outros atores sociais, permeadas por valores, idéias, sonhos, lutas, expectativas e sentimentos, além das maneiras pelas quais manipulam a identidade social para o melhor convívio com os *diferentes*, quer afirmando-a, negando-a ou encobrindo-a, conforme chama a atenção Goffman (1988). Em outras palavras, como a perspectiva em que se inserem esses sujeitos é de relacionamento e não de isolamento, eles atribuem significados à realidade experimentada e apropriada, lançando mão de esquemas interpretativos, usando símbolos sociais e informações que detêm, para interagir com outros indivíduos.

O caminho teórico-metodológico adotado na discussão sobre violência, cultura, medo e crimes cometidos pelos meninos confinados, levaram-me a considerar que tais intenções têm contribuído para o reforço de situações de determinadas situações limites dentro dos pavilhões, como as competições, brigas, rivalidades e traições, elementos fundantes da vida social.

Ao adentrar o espaço de convívio com os meninos infratores<sup>6</sup>, ao conversar com eles fui compondo a minha *colcha de retalhos*, minha estratégia metodológica. O sentido das tomadas de decisões foi se construindo na medida em que ia me aproximando e percebendo a referência de sentido construída entre as violências praticadas por eles e entre eles.

---

<sup>6</sup> Durante os contatos e entrevistas realizadas com os personagens que compunham o meu cenário, assegurei a todos o sigilo das informações que me eram repassadas.

O CEDUC/Pitimbu, campo de pesquisa, é uma Instituição mantida pela Fundação de Assistência a Criança e o Adolescente – FUNDAC, que lida com jovens e adolescentes infratores praticantes de delitos graves. Esse espaço de confinamento abriga uma média rotativa de 59 jovens e adolescentes do sexo masculino, na faixa etária de 14 a 21 anos de idade.

A instituição está localizada no final de uma área habitada do bairro Planalto, que fica na cidade de Natal. O lugar não é de fácil acesso para quem está na cidade, pois o percurso é longo e os transportes coletivos não chegam até lá. São alguns quilômetros de estrada carroçável, cercada por matagais, onde é comum ocorrerem atos de violência, pois o espaço é um bom esconderijo, tanto para quem foge do Centro Educacional, como para reuniões de turmas e realização dos “acertos de contas<sup>7</sup>”.

Uma observação que considero relevante registrar diz respeito à construção de uma penitenciária<sup>8</sup> ao lado do CEDUC/PITIMBU. O fato já gerou revolta entre os jovens e adolescentes que se encontram confinados, pois eles escutavam constantemente ironias dos educadores apontando que seu destino é morar brevemente na *nova casa*. Qualquer problema entre os pavilhões é motivo para ouvirem comentários negativos e cruéis por parte dos funcionários, tais como: *Boys, vocês só vão mudar de lugar, o futuro de vocês é uma cela de segurança máxima, está aqui, ao lado de vocês. Bicho feroz tem que ficar preso*. Essa frase, eu ouvi muitas vezes dos educadores dirigida aos meninos confinados, quando os mesmos estavam se comportando fora do limite. *E nas entrevistas que eu fazia com os meninos, sempre*

---

<sup>7</sup> Segundo comentários dos meninos infratores a divisão do dinheiro dos assaltos, das vendas de drogas e muitas vezes a execução de alguns que não cumpriram suas tarefas ou traíram o chefe, é ali realizada.

<sup>8</sup> Ver a respeito reportagem do jornal Parnamirim Notícias, de 15 de setembro de 2002 (anexo número 1).

*um comentava: viu professora o que esses peste deseja pra nós, cadeia dura, é só o que sabe dizer pro boy.*

A filosofia do Centro Educacional é a reeducação dos jovens e adolescentes. Nesse sentido, são oferecidos cursos de alfabetização, oficinas de teatro, dança, serigrafia, dobradura, bijuterias e papel reciclado. Vale ressaltar, no entanto, que isso só ocorre esporadicamente, dominando na instituição a ociosidade.

O CEDUC/Pitimbu parece um mundo à parte, um corte no tempo e no espaço, na vida desses jovens e adolescentes, e o que vivenciam lá fora se torna representativo para toda vida, seja positivo ou negativo, mesmo sabendo que o tempo os arrasta sem demora e os leva sem retorno. Para os jovens e adolescentes, que vivenciam as mais diversas formas de violência em seu cotidiano, existe o hoje; o agora é a única coisa que lhes pertence e é esse tempo do instante que cada um parece sentir que é preciso viver plenamente, se arriscando, roubando, matando ou morrendo.

Parece que o futuro é uma misturada com o presente vivido por esses jovens e adolescentes. O que importa é sobreviver, presos ou livres, já é um crédito que acreditam ter, porém, são sempre situações de vidas instáveis, passageiras que acabam redundando em novas prisões, renovando e agravando o processo, tornando a liberdade mais difícil de ser conseguida legalmente.

Na prática de pesquisa, somos seres falantes, perguntadores, queremos saber tudo. Ao obter respostas, muitas vezes nos deparamos com um emaranhado de depoimentos que darão um quadro de possibilidades do que será o objeto de análise.

Em alguns momentos, mesmo sabendo do significado de certos termos ou gírias peculiares ao grupo, ainda assim eu os questionava, na busca de perceber a lógica da explicação desenvolvida pelos diferentes jovens e adolescentes. Becker,

(1993, p.165) ao trabalhar com *Outsiders*, também indica, no que se trata ao uso de gírias, que *se pode obter informações muito boas insistindo para que seus informantes e entrevistados expliquem a linguagem a ele (Entrevistador)*. Ao explicar, por exemplo, o que é *cheiro do queijo*, cada um deles acrescentava novos detalhes a essa dinâmica de acontecimentos.

A nossa gangue quando quer pegar um boy de outra gangue inimiga, a gente arma e ele vê no “cheiro do queijo”, cai na armadilha como se fosse patinho, mas se descobrem se armam com mais gente, daí salve-se quem puder, pois a guerra está feita, é porrada, é furada, é morte **(Zeca Doidão, 18 anos)**.

Quando queremos fazer acertos de contas com pilantras, também preparamos o cheiro do queijo e ele cai na onda e é pego. A professora entendeu o que é o “cheiro do queijo?” Nosso mundo é cheio de gírias... Armadilha nós chama de “cheiro do queijo” **(Manelzinho, 16 anos)**.

Estava doido para pegar um boy que me devia uma grana de uma pedra, o esperto vivia embaçando e só lucrando as minhas custas. Um dia arrei pra ele bonitinho, veio só no “cheiro do queijo” e não pode fugir, virou presunto ali mermo **(Dunga, 20 anos)**.

O dono da boca que eu trabalhava adorava pegar as presas que devia muito pra ele, e ele sabia a hora de apagar, pois não ia ficar sustentando vagabundo no vício. Pelo “cheiro do queijo” ele atraía... As vez ainda deixava o maluco dá sua última cafungada no pó **(Fineza, 17 anos)**

Se a gente pensar em fazer uma rebelião, e os Boy tudo combinado, a gente chama um educador bem Mané e diz que tem um Boy passando mal, o boy tá lá fingindo uma dor, ele entra sem chamar o policial e é ali que a gente rende ele. Caiu no “cheiro do queijo”. Aqui o passatempo é bolar algo pra a gente se mandar. Se precisar até a senhora na hora da disparada pra rua é levada como escudo de nós, não durma no ponto, quem avisa, sabe das coisa. **(Fininho, 18 anos)**

O cheiro do queijo é uma referência a ratoeira, no qual se coloca o queijo para pegar o rato que é atraído pelo queijo. Aí há uma simbologia interessante. É o “esperto”, o homem, o ser racional que arma a ratoeira, a armadilha para pegar o rato, ou seja, o “otário”, aquele que não está atento e não conhece as regras do jogo. No fundo há aí a idéia de hierarquia entre o “esperto” e o “otário”.

Também é interessante o perigo constante de quem está no CEDUC. Há apenas a ilusão do respeito, mas o que ocorre de fato é um jogo de forças e uma tensão constante em que os meninos não vêem nada além de si mesmos, das possibilidades de mudar sua vida, fugir, se dar bem, etc.

No CEDUC/Pitimbu, é possível vislumbrar o campo como lugar de constante tensão e armadilhas imprevisíveis. Mas o que dizer diante das surpresas e das histórias que me eram relatadas, se muitas vezes eu não conseguia decifrar o contexto enigmático onde elas se inseriam? Por outro lado, vê-se que o pesquisador, mesmo escolhendo o objeto da busca, não possui um domínio total sobre ele. Ainda que parta de perguntas bem formuladas, embasadas em sólidos referenciais teóricos, o campo é, indubitavelmente, o local onde a capacidade de lidar com a surpresa e a capacidade de entendê-la determinará o êxito de seu investimento.

Assim, o que pode o campo dizer sobre a trajetória do pesquisador e, por extensão, sobre o objeto da pesquisa? Se o campo é basicamente uma novidade, é também o local de estranhamento, no sentido de que é *a priori* uma experiência contrastante. Isto porque o campo por si mesmo não autoriza o ingresso do pesquisador e, em muitos momentos, se cristaliza de tal forma que retroalimenta a dificuldade de acesso, delimitando papéis e atitudes possíveis. Além do mais, cedo ou tarde, o pesquisador vê-se diante de uma situação onde precisa conquistar espaço.

Procurei descrever primeiramente os fenômenos observados, na relação com os meus sujeitos. Na medida em que a pesquisa foi progredindo, minha análise foi se aprofundando. Registrava os dados colhidos a partir das conversas, limitando ao máximo as interferências externas e evitando estabelecer quaisquer conclusões precipitadas.

Quando resolvi conhecer o Centro Educacional CEDUC/Pitimbu<sup>9</sup>, local onde se inseria a minha pesquisa de campo, fui inicialmente conversar com o Coordenador da Instituição, a quem apresentei uma declaração do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, que me credenciava como aluna de doutorado. O Coordenador, ao conversar comigo explicou-me que o CEDUC estava passando por momentos críticos e dificuldades internas<sup>10</sup> e que as pesquisas e visitas, que não tivessem ligação direta com a instituição ou os internos estavam suspensas, mesmo assim, abriu uma exceção para mim, por se tratar de uma pesquisa de doutorado com pretensões sérias; nesse contexto é que fui liberada para começar o trabalho.

Logo na minha primeira visita, os jovens e adolescentes confinados ao me verem descer do carro da polícia, começaram a gritar e bater nas grades. Não entendia direito o que diziam, mas o olhar rápido e nervoso, chamou minha atenção para a reação dos infratores diante do estrangeiro, do invasor. O grito alto de um educador, fazendo-os parar com a confusão ao dizer: *não é quem vocês estão pensando. Não é gente da qualidade de vocês*. O silêncio talvez de decepção dos jovens e adolescentes confinados, devolveu-me um pouco de tranqüilidade e me fez perceber que os pavilhões eram na verdade celas e lembravam presídios.

Eu estava chegando numa hora bastante polêmica, quando jornais publicavam constantemente notícias deturpadas e sem base real sobre o CEDUC. Além disso, alguns estudiosos tinham publicado um livro intitulado: “Um Olhar Sobre o CEDUC” Lei X realidade numa instituição de privação e liberdade (PARCELLE, 2001 \_

---

<sup>9</sup> Final de junho de 2002.

<sup>10</sup> Dificuldades financeiras, atingindo o quadro de funcionários e educadores, escassez nos alimentos destinados aos internos e; a estrutura física em condições precárias necessitando de consertos, especialmente os espaços onde os meninos infratores se encontram confinados, ou seja, os pavilhões.

Companhia Terra mar), onde criticavam desde a estrutura, a falta de professores, as oficinas realizadas, a alimentação e até a própria Filosofia do Centro Educacional.

Naquele momento não só os meninos infratores estavam irritados, mas toda a equipe que ali trabalhava. Todos tentavam resguardar a imagem já arranhada do CEDUC. Havia um comportamento não muito espontâneo, um clima desassossegado entre os funcionários. A primeira visita foi praticamente infrutífera, havia reunião da equipe, eu não poderia me alongar nos contatos, assim fui embora sem conhecer o campo de pesquisa e os atores do meu cenário, marcando com a Assistente Social um outro dia para retornar.

Durante um ano que lá estive pesquisando foram observados 57 jovens e adolescentes, entre 14 e 21 anos de idade, cumprindo pena de reclusão por infrações graves (múltiplos assassinatos, estupro, assaltos à mão armada e com práticas de violência). Conteí com a boa vontade de alguns funcionários e o interesse em colaborar com a pesquisa por parte deles e dos meninos confinados. Além da disponibilidade de membros de 17 famílias, as quais tive oportunidade de entrevistar dentro do CEDUC/Pitimbu.

Olhando para trás, com a pesquisa de campo concluída, percebo que participei de momentos marcantes com os meninos infratores confinados do CEDUC/Pitimbu. Ao ouvir seus relatos, muitas vezes recheados por confissões *perigosas*, íntimas; ao exercer ainda que relutante, o papel de *conselheira* no que se refere ao uso de preservativo; ao fazer palestras, esclarecendo algumas práticas relacionadas à saúde, higiene e; levando-lhes alguns filmes para manter com eles uma discussão sobre temas polêmicos ou que pertencessem ao seu universo e driblar um

pouco da ociosidade presente nas mentes e corpos dos que ali se encontravam, fui tecendo a minha personagem e conquistando um lugar naquele espaço.

Além da observação, das conversas abertas, das entrevistas, realizei também leituras dos prontuários<sup>11</sup> processos, boletins de ocorrência, relatórios de visitas familiares, pareceres técnicos, documentos relativos aos jovens e adolescentes presos, que são mantidos na Instituição CEDUC/Pitumbu. Isto me ajudou na verificação dos dados obtidos através dos outros procedimentos, e na própria dinâmica das entrevistas complementares.

Foi difícil convencer-me, que há algum tempo a pesquisa estava concluída. Meu orientador reclamava a minha insistência em voltar ao campo, mas, eu me sentia parte dele e creio que alguns fatores influenciaram nesta minha dificuldade: a angústia de me separar das relações que eu construía dentro da Instituição com os jovens e adolescentes, e alguns funcionários do CEDUC/Pitumbu; a certeza de que, a partir desta separação, eu teria que realizar um esforço solitário de escrever minha tese. Em resumo, eu vivia o que é possível chamar de um rito de passagem, no sentido de que deixar o campo significava, ao mesmo tempo, um novo começo e uma despedida.

O *estar lá* (GEERTZ, 1989) no campo povoado de outros atores sociais, onde se desenrola uma trama, tal e qual o pesquisador jamais poderia ter vivido, é o que determinará as respostas que ele obtém e as interpretações que constrói. Já no *estar aqui*, frente ao computador e à profusão de informações colhidas a serem articuladas, é onde o pesquisador é capaz de construir sua interpretação própria do mundo pesquisado. Esse movimento pendular que toda pesquisa compreende requer

---

<sup>11</sup> É comum aparecer nos prontuários diferentes versões da história de vida, assim como nomes e idades que não correspondiam à realidade.

do pesquisador, no primeiro momento, um esforço de envolvimento, e no segundo, um distanciamento forçado para que possa analisar criticamente o material coletado e a experiência vivenciada.

Selecionei casos que considere emblemáticos para interpretação dos significados das práticas cotidianas de violência cometidas pelos meninos infratores. De início abordo o que denomino de violência, desenvolvendo o conceito a partir dos relatos, ou melhor dizendo, do estudo das várias *linguagens* que os jovens e adolescentes constroem em torno da violência, tanto simbólica como física, a qual estão submetidos e submetem outros indivíduos; bem como do diálogo travado com diversos autores com os quais fui me deparando no processo de construção do trabalho.

Assim, o trabalho de tese está estruturado em quatro capítulos.

O *primeiro capítulo* trata do cenário e dos personagens da pesquisa. Nele analiso, o espaço da Instituição, suas metas, rotinas e as principais expressões da violência contidas nos depoimentos coletados. Tomo como referencial o mundo dos infratores a partir de seus relatos e, ao mesmo tempo, da configuração que as violências praticadas e sofridas por eles assumem dentro do CEDUC/Pitimbu. Além disso, trabalho também com as visitas familiares, a partir do ponto de vista dos internos.

No *segundo capítulo*, abordo as origens sócio-culturais dos internos (locais, condições de vida, família, invisibilidade), enfocando os ambientes de onde eles vêm, sua inserção social e seu cotidiano. Para tanto, realizo ainda uma breve descrição dos bairros de onde procedem, que representam o espaço de vivência do cotidiano e muitas vezes os lugares onde tudo *pode começar*; ambientes nos quais os jovens e adolescentes se deixam contaminar pela infinidade de imagens, impressões e necessidades que o mundo da cidade grande impõe.

No *terceiro capítulo*, analiso os elementos da cultura constituída – os valores: a lei do mais forte, o poder, a coragem, o medo, a astúcia, a sabedoria e os sonhos. Trabalho com a noção de destino, que remete a inevitabilidade do crime e a morte, bem como com a instituição nos aspectos em que ela reforça a violência e os valores considerados negativos pela sociedade.

Por fim, no *quarto capítulo*, apresento e discuto minhas principais conclusões, realizando um apanhado geral das discussões anteriormente postas, bem como situando o leitor com o momento atual, através da descrição das trajetórias de vida – em sua maioria ligadas a idas a penitenciárias ou a volta ao mundo do crime – ou das mortes precoces dos jovens e adolescentes com quem mantive contato.

## **CEDUC/PITIMBU ESPAÇO DE REVELAÇÕES E RELAÇÕES**

*Sob uma má influência dos boyzinhos da cidade, começou a roubar, já no primeiro roubo ele dançou, e pro inferno ele foi pela primeira vez, violência e estupro do seu corpo, vocês vão ver, eu vou pegar vocês...*

Legião Urbana / Faroeste Caboclo



*Cada crime,  
uma sentença.  
Cada sentença,  
um motivo,  
uma história  
de lágrima,  
sangue, vida  
e glórias.*

Racionais Mc's / Diário de um detento

## 2. CEDUC/PITIMBU: ESPAÇO DE REVELAÇÕES E RELAÇÕES.

### 2.1 CENÁRIO E PERSONAGENS DA PESQUISA.

*Preciso com urgência, palavras que se usem em caso de emergência.*

*Titãs, Palavras.*

Este capítulo, mais do que simples considerações metodológicas, consiste na descrição do campo de pesquisa e das relações que um pesquisador mantém com o objeto e os personagens estudados. Além de conter uma reflexão que poderíamos chamar de *fria* dos acontecimentos mais *quentes* que o trabalho contempla.

A partir da convivência com o cenário e das intermináveis conversas mantidas com os jovens e adolescentes e demais atores que compunham o Centro Educacional CEDUC/Pitimbu, não me foi possível abandonar um certo olhar melancólico e associar, contemplativamente, as fortes simbologias que acredito estarem cravadas no espaço.

Assim, tento separar o que é real do que é *inventado* – não no sentido de falso, mas naquilo que se refere ao que pode levar a uma interpretação confusa – sendo necessário, portanto, que a pesquisa se volte para o comportamento – a ação social – pois, para Geertz (1989), é nela que as formas culturais encontram articulações.

*Não se pode tomar a cultura como um conjunto de valores e crenças que pairam acima da vida concreta das pessoas* (GEERTZ 1989, p. 24). Na pesquisa realizada o conceito de *contexto cultural*, trabalhado pelo autor vai emergir como pista

elucidativa para a análise interpretativa dos relatos *anotados* quando da minha inserção no CEDUC/Pitimbu.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretativos (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível. Isto é, descrito com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

Como o pesquisador é um eterno viajante que está sempre conectado e conectando vários mundos culturais, o desafio era deixar-me levar atentamente pelo rumo dos relatos dos meninos infratores que em suas falas me levam a percorrer os caminhos tortos e os becos sem saídas de suas mais violentas histórias.

Minha volta ao CEDUC/Pitimbu ocorreu no início de Julho de 2002. A Assistente Social e um Educador foram me apresentar o espaço físico da Instituição. Começamos pela Administração, que se mostrou o lugar mais limpo e organizado, do CEDUC. Lá se encontra a sala da equipe técnica da coordenação, a secretária, o consultório médico e odontológico, banheiros e uma sala para descanso dos agentes, onde ficam também guardados em um armário os pertences dos infratores<sup>12</sup>.

Ao lado do prédio administrativo se encontra um amplo refeitório com mesas grandes e bancos compridos lembrando assentos de igreja, onde os meninos fazem as refeições. Nos dias de visita serve de salão para os encontros e conversas familiares. Quase em frente ao prédio da administração existe um outro edifício onde funciona a sala dos professores, as salas de aula, de vídeo e um espaço para realização de

---

<sup>12</sup> Esta sala foi cedida para mim durante toda a pesquisa de campo. Os meninos infratores eram então trazidos pelos educadores individualmente para que fossem entrevistados. Quase todos queriam conversar, o que se devia, em parte também à ausência de atividades no CEDUC, o que os deixava ociosos e a maior parte do tempo confinados em suas "celas"; dessa forma, sair do pavilhão se constituía como algo vantajoso para eles.

oficinas. Observei atentamente o local. Queria conhecer, captar os detalhes e extrair o máximo daquele mundo que me mobilizava a buscar o sentido e o significado do estar confinado. Tudo me pareceu revestido de uma tonalidade escura que se impunha ao olhar.

Antes de adentrarmos mais na instituição, a Assistente Social convidou-me para um cafezinho, quando me explicou como funcionava a divisão dos detentos. Na época estavam confinados na instituição 59 meninos<sup>13</sup>, divididos em oito pavilhões numerados, sendo eles: *Um, Dois, Três, Quatro, Cinco e Sete*, denominados de núcleos de convivência. O pavilhão *Seis* é o de isolamento chamado “cafua”. A “cafua” é o espaço do castigo. Os internos que provocam brigas, ou tentam fugir, dentre outras infrações, são encaminhados para lá. Uma cela *crua*, sem colchões, sem claridade, isolada. Ela é uma espécie de *solitária*. No momento que eu estava conhecendo o CEDUC, cinco adolescentes estavam de castigo por terem *estuprado*<sup>14</sup> um novo colega de cela.

O pavilhão *oito* - o Núcleo de Progresso de Medidas - é destinado aos mais comportados ou aqueles que estão perto de ser libertados. Segundo a Assistente Social, o pavilhão oito se configurava como um dos mais organizados. Naquele momento havia apenas quatro meninos a espera da audiência<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Porém, quase todos os dias a instituição CEDUC/Pitimbu recebia mais meninos infratores.

<sup>14</sup> Não adentrarei especificamente na questão do estupro ou da sexualidade; aqui eles são citados, talvez até mais de uma vez, somente por estarem diretamente ligados à questão da violência.

<sup>15</sup> De seis em seis meses são avaliados. Essa espera é cheia de angústia e ansiedade. É assim que os jovens e adolescentes contam o tempo que falta para a sua avaliação judicial, muito embora a maior parte das vezes estejam impossibilitados de fazer uma previsão. Quanto mais se aproxima o momento de um novo encontro com o juiz, o interno tende a ficar mais ansioso. Apesar da angústia diante da perspectiva de liberdade, ou seja, com as expectativas de um futuro incerto “lá fora” é comum o medo que eles sentem. E isto não é produto de fantasias. As mudanças desejadas pelas equipes ou pelas famílias nem sempre se fazem acompanhar de iniciativas concretas que possam apontar saídas alternativas e atrativas à criminalidade.

A cada lugar da instituição que eu ia conhecendo era como se eu não estivesse lá e não interagisse com a dinâmica dos acontecimentos. Principalmente ao deparar-me com os pavilhões cheios de jovens e adolescentes *enjaulados*, que encostados à grade chutavam, gritavam e agrediam os colegas que também queriam ver a novidade. Queriam saber se eu era a nova Assistente Social, Jornalista, Professora de Alfabetização ou de alguma oficina; falavam todos ao mesmo tempo. Antes de estranhar os meninos infratores eu me estranhara, algo me impedia de fitar o olhar forte (intimidador, pretensioso, cínico) daqueles jovens e adolescentes.

A precariedade da estrutura física começa nas *celas*. Em alguns *quartos* cabem apenas dois ou três colchões de solteiro e o banheiro é apenas uma bacia sanitária enterrada no chão e um chuveiro. Este espaço onde se amontoam cerca de cinco a seis<sup>16</sup> meninos, demonstrava toda a organização da Instituição. As paredes sujas, a encanação quebrada, dão uma mostra do que é o CEDUC. Nos pavilhões, grades de ferro enferrujadas muitas vezes transformam-se em bastões, em armas durante as rebeliões ou brigas entre rivais opostos.

Diante do quadro que pouco a pouco se compunha na minha percepção da Instituição, eu não conseguia enxergar direito, meus olhos buscavam refúgio. Eu ouvia mecanicamente a Assistente Social e um Educador explicando-me as coisas, mas tinha pressa e não conseguiria suportar ficar muito tempo ali. Havia um odor insuportável, incômodo, que não vinha apenas da sujeira do ambiente, mas dos jovens e adolescentes que ali estavam, daqueles corpos marcados por escoriações, hematomas,

---

<sup>16</sup> Em um determinado momento o pavilhão cinco chegou a abrigar 10 meninos. Segundo o depoimento de uma das mães entrevistadas, no espaço não havia lugar nem mesmo para ficar de cócoras. Vale salientar que comparado aos outros o pavilhão cinco é o que tem maior espaço físico.

feridas abertas e recém-cicatrizadas, dentes cariados, mau hálito. Era o cheiro do bicho homem, maltratado, ferido, misturado com a falta de higiene do ambiente.

Queria correr, fechar os olhos, tapar os ouvidos, eu não conseguia enganar os meus sentidos, o meu olfato aguçado me provocava e fazia remoer o meu estômago. Queria estar longe daquela realidade, que agora estava conhecendo e causava-me um profundo mal-estar. Faltava-me chão, a ânsia não era provocada apenas pelo aspecto físico, mas também pela diferença existente entre a realidade vivenciada por eles e a minha vida que se passava do lado de fora.

Mas, a curiosidade que sentia era ainda mais forte e cheia de urgências. Eu estava ali, especificamente como pesquisadora, para ficar, ver, ouvir e posteriormente falar/escrever. Deixando meu olhar correr por cada canto da instituição percebia que ia sendo tocada pela força das imagens e situações que saltavam diante dos meus olhos. Fui aos poucos, acostumando-me com a idéia do lugar, o cheiro dos meninos e descobrindo novas nuances captadas pelo olhar<sup>17</sup>. Essa inquietação era experimentada no contato com a vida que se tecia, no olhar confuso e prolongado do cenário dos meninos nos pavilhões. Na maior parte dos momentos, assumia o papel de pesquisadora, exercendo a curiosidade e vivendo a perplexidade como atitudes vitais da observação. Esse primeiro encontro desencadeou outros encontros. Continuei com a viagem do olhar. Precisei manter a energia necessária para estar diante de atores imersos na lógica do movimento.

Como falei anteriormente, meu acesso ao CEDUC/Pitimbu foi facilitado pelo fato de eu vir da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e estar fazendo

---

<sup>17</sup> Suely Rolnik (1997, p. 26) numa *insólita viagem à subjetividade* traduz a importância do olhar, ao convocar do olho uma potencialidade que chamará de 'vibrátil', "que faz com que o olho seja tocado pela força que vê".

uma pesquisa para minha tese de doutorado. Apesar de legalmente autorizada, a legitimidade da minha presença só seria aos poucos construída. Eu me sentia estranha e os próprios atores que compunham o campo assinalavam o meu não pertencimento, a certeza de que eu não era parte daquela estrutura e estava ali de passagem.

Então, à medida que fui adentrando no universo de minha pesquisa, tendo contato com os meninos infratores, escutando seus relatos, observando seus atos, por menores – até mesmo os que aparentemente sem importância pudessem parecer – ia fazendo minhas anotações, algumas gravações e conhecendo melhor cada compartimento da instituição e das pessoas que ali trabalhavam. O fato de estar na instituição me permitiu também o contato com os familiares dos meninos nos dias de visita.

As palavras soltas dos meninos, os relatos colhidos e as histórias contadas pelas mães ou por algum outro membro da família nos dias de visita, serviram também de guias para a organização do sistema de idéias tecidas neste trabalho. Esse percurso proporcionou a visão de mundo<sup>18</sup> como eixo principal para captar as questões que afetam a vida no universo dos jovens e adolescentes presos no Centro Educacional – CEDUC/Pitumbu.

Ao dar vez e voz aos meninos infratores estou, na verdade, trazendo ao espaço público a fala de pessoas invisíveis e mudas, tornando protagonistas estes seres que sempre foram meros figurantes nos discursos oficiais e que têm muito a contar e encenar. O espaço criado era, portanto, o de circulação das coisas da vida cotidiana, dos seus valores, cultura, das ações singelas e cruéis, de um modo de viver

---

<sup>18</sup> *Visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora as coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade* (GEERTZ 1978, p. 143/144).

permeado pelo medo de morrer e angústia da violência, ambos, porém, relegados às sombras do anonimato.

Antes de vim para cá, eu tava vendendo drogas com um amigo na favela do Detran, a gente vendeu pro cara e ele quis sair sem pagar, fui falar com ele na moral, mas ele apontou uma arma pra mim e disse: - aí boy, sai fora que você tá muito novo pra morrer. Aí eu tava de baixo, sem arma, fiquei na minha. Passou uma semana aí foi o caso de eu querer pegar ele, mostra meu valor. Quando ele pingou na favela, todo malandrão, eu dei muita corda, quando se distraiu eu cheguei perto dele e perguntei: - porque eu era muito novo pra morrer, então ele estava muito velho pra viver, não é? Já com um oitão na cabeça do Mané, ele não podia fazer nada. Dei três tiros nele e pronto, era uma vez um malandro **(Alê, 18 anos)**.

O cotidiano é revelador da violência, tensão, onde a vida vale muito pouco e a desconfiança é uma constante; tudo acontece muito rápido e é resolvido na hora, sem muita conversa. Há uma banalização da própria vida e da dos outros. O relato supracitado nem por um momento causou constrangimento a Alê. Na verdade, ele queria ser reconhecido como um matador temido e ao falar sentia-se importante, se autovalorizava.

Assim, os valores como a coragem, a agressividade, a força e mesmo a crueldade, assumem na composição do seu imaginário um lugar de destaque, concorrendo para a aceitação desses jovens e adolescentes em determinados grupos, bem como para o arranjo da sua identidade e sobrevivência cotidiana.

No desenvolvimento da pesquisa, fui mergulhando no campo onde a violência, vida e morte dançam juntas, se confundem num jogo de prazer e dor, de virtudes, vícios e vinganças numa espécie de limiar entre a razão e a loucura. É

exemplar o que me perguntou e disse ao mesmo tempo um adolescente ao me abordar nos corredores.

Professora, a senhora vai fazer um livro sobre nós? Beleza! Não esqueça de botar meu nome completo e dizer o que eu fiz lá fora. Eu repito, matei o assassino do meu pai e não se arrependo, pois era tudo que eu queria nessa vida. Agora tenho respeito dos boy, e fazia tudo de novo, pode botar no seu livro. Eu me sinto de peito lavado, quando vim pra cá matei o homem errado, me comportei, paguei minha pena, aí o juiz perguntou pra eu se eu não pensava mais nessas coisas de matar, eu jurei de dedo cruzado, mas no mesmo dia que fiquei na liberdade, eu apaguei o felá da puta, vagabundo que deu fim no meu pai (**Léo, 17 anos**).

O depoimento acima aponta para a percepção de que não apenas a persistência, a afirmação da alteridade e a forma como alude a seu objeto podem garantir ao pesquisador o eixo na busca dos significados. Faz-se necessário, pois, desarmar as armadilhas daquilo que aparece como situação nova, atravessada pela força que o coloca em risco, diante do inesperado e do estranho. É preciso, então, decifrar o enigma, porque só assim viverá o pesquisador para garantir a existência do objeto de sua pesquisa (GEERTZ, 1989).

Por outro lado, vê-se que o pesquisador, mesmo escolhendo o objeto de sua busca, não possui domínio sobre o que privilegia. Ainda que parta de perguntas bem formuladas, embasadas em referenciais que inauguram um caminhar, é o campo, indubitavelmente, o local onde a capacidade de lidar com a surpresa e poder entendê-la determinará o êxito de seu investimento.

A observação de um jovem de 19 anos, que fazia a limpeza na sala onde eu recebia os meninos, de imediato me deixou apavorada, sua atitude ao avançar na

minha direção, parar na minha frente, pegar minha mão e começar a cheirar compulsivamente me chocou, ainda mais ao dizer:

A senhora é cheirosa! É perfume caro, eu sei, também é cheia da bufunfa pode comprar né? A senhora usa sempre esse cheiro bom, toda vez que a senhora chega eu sinto de longe. Foi na loja do shopping, loja de barão. Eu já assaltei uma granfina e roubei o perfume dela, de dentro da bolsa, era esse seu cheiro. A senhora tá aí com ele, dentro da sua bolsa? Deixe eu ver, me dê para eu dar para minha boy (**Biriba, 19 anos**).

A entrada de um educador interrompeu a fala do adolescente que não parava de falar e cheirar minha mão, não me dando oportunidade de conversar com ele. O educador vendo a cena mandou ele sair para que eu pudesse trabalhar. A situação havia mudado, os papéis tinham sido trocados, agora era o olhar do jovem que estava apavorado e nele o apelo para que eu nada falasse. Imediatamente expliquei ao educador: *ele está aqui falando do meu perfume*. O educador franziu a testa e disse: *confie não professora, confie não*.

Passei dias pensando no que aconteceu, no entanto, foi assim que aprendi que, maior que o meu desejo de ser aceita pelos jovens e adolescentes do CEDUC/Pitimbu, era o meu incômodo de vê-los observar em mim aquilo que, provavelmente, não poderiam ter por outra via senão pelo roubo. Era também em momentos como estes que eu confirmava a oposição que interligava a minha identidade a deles e a certeza de que, no campo, eu era descoberta e me descobria.

Durante a pesquisa de campo, fui entendendo que a fala, assim como a linguagem, tem o poder de revelar e de ocultar, ou de outro modo, de falar para além do texto legível, daquilo que é *dito*. A fala desses jovens e adolescentes é um terreno ambíguo, e *escorregadio*, sendo necessário, antes de tudo trabalhar com *pedaços* de

narrações, tentar perceber como aqueles atores se comunicam, como organizam a lógica de seus relatos.

Tais dificuldades fazem parte do ofício do pesquisador e estão implícitos no acerto de contas do cientista consigo mesmo. Assim, percebi que nem sempre negações e silêncios significam que não há nada a confessar. *Uma palavra pode ser ao mesmo tempo uma mensagem trocada e a negação de toda a mensagem, ela pode se pronunciar como signo ou como contrário de um signo* (CLASTRES, 1990, p.87).

A partir desta concepção, é que as entrevistas foram transmutadas em conversas, em que minha posição de mobilizadora de questões e de sujeito que escuta as várias falas livres, desencadeadas *pelos temas postos em circulação, colocou-me na condição de uso de uma atenção flutuante*<sup>19</sup>. Não basta a simpatia pelo objeto de pesquisa, é preciso ter uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência.

As condições responsáveis pelo estabelecimento de relações de confiança indispensáveis ao encontro da subjetividade - pesquisador/pesquisados – pode diminuir ou amenizar a assimetria das relações inerentes à tarefa de *estudar os outros* (TEIXEIRA, 1986; 1994, passim).

Duvido que qualquer pesquisador possa afirmar com total convicção que seu trabalho não é *a priori* e *a posteriori* para si. Isto significa a caracterização de uma atitude meramente egocêntrica, no sentido da ausência de distinção entre a realidade pessoal e a realidade objetiva, ou de uma atitude ingênua, onde prevaleçam as crenças em certeza subjetivas. Em outras palavras, parece-me necessário, antes de qualquer

---

<sup>19</sup> A atenção flutuante, discutida por Thiollent (1982, p.86), permite estimular o entrevistador a explorar o universo cultural sem questionamento forçado. É um modo de deixar a conversa fluir sem que deixe de ser necessário, em dados momentos, estimula certos assuntos, pedir esclarecimentos de outros e, até mesmo conduzir os temas das conversas para questões de interesse do pesquisador.

coisa, desconfiar de si para desconfiar dos outros e colocar limite naquilo que representam nossos sentimentos e angústias. E, assim, poder alcançar os outros, com fragmentos daquilo que sempre somos e também daquilo que por vários motivos, jamais poderíamos vir a ser. Como escreveu Da Mata (1984, p.156-162), *sobre o ofício do etnólogo, este deve aprender a transformar o exótico, sabendo que nem o familiar se converte completamente no exótico e nem no familiar porque há graus e modalidades de familiaridade e de diferenciação*<sup>20</sup>.

O encontro com a pluralidade humana despertou-me mais ainda para outros encontros: como ou com a rede de relações sociais nas práticas cotidianas e outros aspectos que apareceram nos relatos durante as entrevistas e no *fuxico*, que me chegavam em momentos menos informais. A fofoca ou *fuxico*, como eles denominam, está associada também à quebra da privacidade em relações aos meninos confinados do CEDUC/Pitimbu: criticam-se, através dela os colegas do pavilhão, fala-se das coisas que acontecem nos grupos formados lá dentro, principalmente no dos *educadores*. Os *educadores* também participam da rede da fofoca, através dela conhecem os meninos infratores e se fazem conhecer por eles, tarefas são redefinidas, se fazem amigos e inimigos, nela a vida também se tece.

Tem uns boy aqui dentro que veve fuxicando pro diretor dos nossos esquemas, tá doído pra levar uma surra e passar uns dia sem andar. Tem um educador otário também que chega com história de ser amigo pra nos dedar, mas já descobrimos e tenho até pena dele. Quando eu ainda tava lá fora, matei um por causa de fuxico besta. Um Mané foi inventar pra minha boy que a irmã dele tava grávida de eu, só pra fazer fofoca, a rua toda quando cheguei das paradas sabia, a minha boy tava

---

<sup>20</sup> Da Mata explica que ambas trazem idéias de que os fatos, as pessoas, as categorias, as classes etc. podem ser parte ou não do universo diário do pesquisador. Ao não equacionar as noções em termos daquilo que é simplesmente conhecido e não conhecido, faz com que no íntimo e o próximo estejam englobados nas nações, levando o etnólogo a refletir sobre a complexidade que envolve a construção de interpretações sobre enigmas sociais (1984, p.156-162).

com a cara inchada de chorar. Fui tirar satisfação e o Mané quis engrossar, dei só um tiro, foi contar fofoca no inferno **(Maluco, 19 anos)**.

De acordo com o pensamento expresso por Cláudia Fonseca (2000, p.08) a *fofoca envolve, pois, o relato de fatos ou imaginados sobre o comportamento alheio. Usando contra os fortes, a fofoca é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque.*

Fui pra cafua, porque um Mané fofoqueiro inventou para o coordenador que eu estava falando no pavilhão pros meninos que ele, o coordenador, gosta de pegar na piroca dos meninos. Já estava perto da minha audiência, aí, castigo uma semana. E quem falou que o coordenador gosta mais de uns meninos, porque em troca de serviços de sexo dar o que eles querem foi esse Mané e eu que paguei o pato. Um educador, que a senhora já deve ter ouvido falar que ninguém gosta dele, ainda me deu umas pauladas e me deixou sem janta, disse que era pra eu aprender a não ser fofoqueiro e não falar o que não sei<sup>21</sup>. **(Rouxinol, 14 anos)**.

Dentro do CEDUC/Pitimbu, pelos jovens e adolescentes a fofoca é vista como uma arma violenta, pois através dela excluem-se pessoas, constroem-se hierarquias e estigmatizam-se uns aos outros. Ninguém se considera fofoqueiro, é sempre o outro que é, considerado *dedo duro, puxa saco do coordenador ou do líder do seu pavilhão, verdadeiro laranja* que está sempre se escondendo atrás dos colegas. Agora todo mundo concorda em dizer que há fofoca constantemente no CEDUC, e que a força da fofoca muitas vezes fornece informações em troca de pequenas coisas, como uma roupa de marca ou a mudança de pavilhão, para citar alguns exemplos. No entanto, prejudicam alguns que já estão quase para ganhar a liberdade.

---

<sup>21</sup> Embora o relato possa remeter à idéia da sexualidade, não pretendo aqui trabalhar tal tema, tendo em vista que ele se distancia em muito da discussão por mim realizada. Para uma aproximação do tema da sexualidade ver Foucault (1997), Giddens (1993), Parker (1991), dentre outros.

Somente através da convivência com esses meninos infratores privados de liberdade, as conversas entabuladas por palavras<sup>22</sup> e idéias soltas, foi ficando claro o motivo da minha presença; fui deixando de ser a estranha para ser a confidente; passando a ser a professora que vai escrever um livro e contar suas histórias (drogas, violências e as aventuras no mundo do crime). Isto, ao mesmo tempo, me conferiu um espaço em seu cotidiano, marcando minha inserção na Instituição.

## 2.2 O PAVILHÃO E O INFERNO: A PASSAGEM PELO CEDUC/ PITIMBU

*Cada crime, uma sentença. Cada sentença, um motivo,  
Uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias.  
Abandono, miséria, ódio, sofrimento, desprezo,  
desilusão, ação de tempo. Misture bem essa química,  
pronto: fiz um novo detento.*

*Racionais MC's, Diário de um detento.*

Na experiência contrastante da pesquisa são criadas distorções entre aquilo que constitui as expectativas do pesquisador e os interesses dos atores sociais que compõem o campo. Parto dessa experiência. A saída é compreender como funciona o campo e, sobretudo, como vencer dificuldades, tais como as limitações colocadas pela instituição ao estar ali dentro, tentando entender a causa das violências praticadas por jovens e adolescentes, perceber os problemas que se enredam e compõem o universo do CEDUC/PITIMBU. É nessa ótica que eu gostaria de introduzir minhas descobertas no campo, um certo modo de ver e os desvios que precisei estabelecer.

---

<sup>22</sup> A palavra para Hannah Arendt, não apenas tem função de estabelecer o diálogo, motivar a comunicação, mas, essencialmente de revelar a própria presença dos indivíduos na esfera das atividades humanas (...) a dimensão do social ainda se configura como espaço de visibilidade e revelação pessoal através das palavras.

Na medida em que fui caminhando, aos poucos ia percebendo como a violência é construída e vivenciada na vida desses jovens e adolescentes, tendo como referência a prática de atos violentos, contida em seus relatos.

A violência faz parte do dia-a-dia deles, não apenas quando estão fora do CEDUC, mas, principalmente, dentro dele. Há um enorme desrespeito pela vida e pelo ser desses meninos que se expressam, tanto nas condições indignas em que são inseridos, quanto na própria forma como alguns funcionários da instituição os trata, deixando de lado sua humanidade e infância e percebendo-os apenas como elementos perigosos ao convívio social que não merecem nenhum tipo de consideração ou respeito.

O inferno com certeza é aqui! Não existe outro não. O pavilhão é sujo, a privada é quebrada, sou tratado pior que cachorro sardento, os educador vevem com piadinhas, só porque levei um tiro perto do rego da bunda, os educador me chamam de dois cu, ai eu passei a maior humilhação com os boy aqui, o Mané cismou com eu, fica falando que eu não tenho mais jeito, só a morte vai me endireitar. Já me deu um tapa na cara e me deixou algemado na grade do pavilhão quase o dia todo e sempre me chamando de dois cu. Deixa o juiz me liberar desse inferno, ele vai ver o que é bom, vai amanhecer com a boca cheia de formiga e uma bala enfiada no cu. Eu tenho a minha moral, o dele tá guardado, uma hora eu saio daqui eu confio em eu ainda vou sacanear muitos até porque só quem não presta como nós os marginal **(Dois Cu<sup>23</sup>, 17 anos)**.

Dessa violência corriqueira, presente na convivência entre funcionários e infratores, as situações de humilhações são mencionadas pelos jovens e adolescentes com muita frequência. No relato acima a condição de humilhação não é decorrente da situação de estar preso, pagando pelo seu erro, mas do constrangimento imposto pela desqualificação moral a que o violentado foi obrigado a passar perante os demais

---

<sup>23</sup> Este adolescente relatou-me que este apelido ficou no lugar de seu nome e quem o colocou foi um educador que estava chateado com o seu comportamento. Inclusive disse ter passado muita vergonha e humilhação das perguntas bestas que os meninos e os educadores lhe faziam.

colegas que estão também presos, sem que ele possa revidar ao insulto, de igual para igual, como forma de reparo da desmoralização. Aqui o poder se mostra claramente, mas forja contra-poderes, pois Dois Cu sabe que está em uma situação desigual, mas que isso pode mudar e quando ocorrer os papéis podem se inverter e ele passar a ser o possuidor do poder.

O sentido da humilhação vem com expressões desagradáveis que acabam mexendo com os brios do adolescente. As afrontas são expressas na fala, mas também nas atitudes: bater na cara tem um significado que vai além do mero apanhar, pois culturalmente homem não apanha, principalmente na cara. Tais ocorrências fazem com que os jovens e adolescentes do CEDUC/Pitimbu, muitas vezes, se organizem para revidar as agressões sofridas, reafirmando cada vez mais os esquemas de violência. Além disso, acabam circulando comentários a respeito das situações aviltantes que os jovens vivem, o que contribui para a construção do sistema simbólico do grupo.

Segundo as leituras realizadas, esse quadro parece se repetir em quase todos os Estados do Brasil, guardando-se as devidas proporções e especificidades. A violência está no cotidiano das ruas e das instituições responsáveis em operacionalizar as medidas sócio-educativa de privação de liberdade. No CEDUC/Pitimbu ela é sentida e está presente em diversos relatos, um deles parece ser exemplar por evidenciar as agressões físicas sofridas pelos internos.

Teve um dia de rebelião, aí que eu apanhei de barra de ferro no espinhaço. Um menino de menor com outro menor tentaram segurar o educador, pegaram ele pelo gogó, o valentão ficou branco, nesta hora eu me meti e segurei com mais força a camisa dele. O bicho pegou, na hora que acabou a rebelião. Entraram no pavilhão 5 e foram logo chamando os policial com arma na mão, o educador mandou *baixar o cacete* em todo mundo, até em quem não tinha nada a ver, apanhou. Sei quem tava lá no pátio saiu todo mundo nu, foi pra parede e pegue

cacete. O educador que seguramos, pegou o de menor e deu um murro no nariz pra quebrar, aí lasque porrada no menino. Era nessa outra sala que tem aí do lado, dava só de chute se a professora visse o estado que o menino ficou, nem andar direito ele andava **(Bené, 18 anos)**.

A perspectiva de Geertz (1989) me faz entender que o eixo básico de investigação não deveria se limitar a identificar como a violência acontece, mas essencialmente *anotar* a sua rede de significados que se produz e reproduz na dimensão do espaço como construção cultural. Sendo assim cada relato colhido, cada campo de análise interpretativa desse trabalho vai se construindo a partir das experiências consideradas significativas e violentas que se expressa no cotidiano dos jovens e adolescentes presos no CEDUC/PITIMBU.

Conversando com um funcionário, sobre a equipe de educadores, ele comenta:

É preciso ver professora, que por mais que a coordenação, equipe técnica tenham a compreensão da necessidade de um trabalho educativo, não se pode culpar ou responsabilizar estes profissionais, pois é óbvio que o Estado não oferece condições para efetivação dessas medidas. Não se faz muita coisa com competência profissional sem condição objetiva de trabalho e sem recursos financeiros. Como uma escala de 4 a 5 educadores vai trabalhar com 50 a 60 meninos, que cada dia aumenta o número deles? Essa realidade Institucional necessita de uma atenção efetiva por parte do Estado e FUNDAC **(Educador, 35 anos)**.

A fala acima evidencia o quanto o CEDUC/PITIMBU ainda precisa de fato concretizar medidas sócio-educativas efetivas de acordo, não apenas com os princípios determinados pelo ECA, mas também através do trabalho de educadores com competência ética, pedagógica e técnica para o desenvolvimento de uma prática

coerente com as necessidades dos meninos infratores e em consonância com a filosofia da Instituição.

Dentre os trabalhos a serem desenvolvidos, considero interessante a inclusão de oficinas diversificadas para preencher o tempo e tentar envolver os jovens e adolescentes com atividades que lhes satisfaçam e, ao mesmo tempo possam ser úteis para sua sobrevivência e vida profissional futura; realização de cursos de alfabetização, incluindo lições de cidadania; o melhoramento do espaço físico, oferecendo condições de vida adequadas para a sua idade, no período em que estiverem cumprindo pena, e o oferecimento de uma alimentação saudável que possibilite um desenvolvimento físico e psíquico adequado. Os próprios funcionários reconhecem que a FUNDAC não tem recursos suficientes, dificultando o trabalho educativo e a efetivação do ECA, que poderia ser de grande importância para o futuro dos meninos infratores.

Os repetidos discursos sobre comportamentos violentos são inevitáveis, pois fazem parte da tessitura da vida dos meninos, do seu cotidiano e por isso estão sendo repetidamente reafirmados em suas falas. A violência está em tudo, até mesmo nos rituais que se repetem incontáveis vezes, especialmente na chegada de novos meninos para cumprirem pena. Os veteranos já possuem uma regra, uma *acolhida* para os novatos. A *torcida* de cada pavilhão para colocarem o menino no seu espaço é acirrada entre eles. O motivo é que se o novato não concordar em fazer sexo oral ou lavar as roupas de todos do pavilhão durante uma semana, que é o tempo certo para chegar outro novato, eles o violentam de uma maneira cruel, colocam sabão em barra na sua boca, para abafar os seus gritos, o amarram, colocam numa posição adequada e alguns seguram enquanto não chega sua vez, enquanto outros fazem fila para concretizar o ritual: o estupro.

Zac conta como foi sua primeira noite no pavilhão cinco:

Ao chegar no CEDUC, os boy que já tão lá, quando viram os carros da polícia, já começam a gritar mais um, mais um, quando me viram sair algemado aí que gritavam, bota ele aqui, bota ele aqui. Fui levado ao coordenador e ele mandou me botar no pavilhão cinco. Só tive sossego até 2 da madrugada, os boy me acordam com um tapa na cara e mandou eu chupar o pau dele e dos outros cinco boy, eu disse nem morto, meteram um pano na minha boca e foram em mim de um por um, acharam pouco e ainda meteram um cabo de vassoura, fui ser atendido pela médica na hora do almoço, aqui ninguém se importa com nós não **(Zac, 15 anos)**.

Ali dentro, os menores são vítimas dos maiores, ou, é possível dizer, dos mais experientes. É por isso que a violência dentro dos pavilhões continua a crescer. Esses jovens e adolescentes carregam suas ações de crueldade e até mesmo entre iguais o ódio e a revolta aparecem como uma defesa. A frieza ao atacar, ao roubar, ao tentar se defender do próprio mundo que os acua e rejeita cada vez mais, os enreda em uma trilha violenta que tem apenas um fim: a morte<sup>24</sup>.

Os desafios que acontecem a cada hora entre os meninos presos nos pavilhões do CEDUC, são arriscados: mortes, roubos, massacres, homicídios, estupros, espancamentos, assim como a angústia e o terror sem fim. Nada do que há de pior na violência é estranho a esses jovens e adolescentes – a engrenagem da violência é sempre contínua, sangue chamando sangue, a rapinagem violenta alimentando-se vorazmente de cegas e inesgotáveis violências.

Eu só matei aquele homem porque esse covarde do pavilhão quatro, matou minha mãe, é questão de honra pra mim acabar com ele, então vim pra cá pra ficar mais perto dele, e só vou ficar em paz quando eu acertar minhas contas com esse Mane, só mata pelas costas que é pra

---

<sup>24</sup> A discussão da morte será aprofundada no terceiro capítulo desse trabalho.

pessoa não se defender, é por isso que ele tem tanto homicídio nas costas e a cabeça desse bosta vale ouro, lá fora tem uma ruma de gente a espera dele. Sua cabeça breve será cortada e mostrada numa passeata, igual ele fez com a orelha de um boy na favela. Eu era do bem agora sou do mal, matei um agora pra matar outro é mais fácil e se a gente tá lombrado aí é que fica fácil **(Lulu, 17 anos)**.

A violência é sempre uma resposta à outra violência – é assim que normalmente as coisas são percebidas e relatadas pelos jovens e adolescentes. Nesse sentido, a história de violências e crueldades está, ao mesmo tempo, inscrita nas relações sociais cotidianas e como um aspecto inseparável das demais expressões que vão, aos poucos, revelando o modo de vida dos adolescentes e da formação que vão obter dentro do CEDUC/PITIMBU.

Eu fumo maconha, cheiro cola, tomo rupinol e já experimentei o crack. Gosto dessa viagem com as drogas. E foi numa dessas viagem que eu matei um velho ao tentar roubar sua carteira. Ele reagiu aí eu fiquei muito violento. Peguei uma barra de ferro e bati, bati, quanto mais eu batia mais tinha vontade. Tava doidão, acho que nem sabia o que tava fazendo. O crack é muito louco, leva o boy a matar a fazer besteira, aí vim parar aqui, neste inferno, pode acreditar professora, aqui é o inferno até o diabo a gente vê sem querer **(Grafite, 20 anos)**.

As relações de conflito<sup>25</sup> são um item obrigatório na construção da identidade<sup>26</sup> daqueles cujas relações aparecem marcadas pela cultura da violência, pois cria a convicção tácita de que o crime e a agressividade são inevitáveis e são mesmo fatores fundamentais para sobrevivência, tendo em vista permitir-lhes a inserção em grupos de iguais, além da conquista de um lugar privilegiado dentro do espaço em que os jovens se encontram confinados.

---

<sup>25</sup> Segundo Zaluar (1994), os conflitos entre os infratores são resolvidos pela violência. Os jovens e adolescentes são auto-empresários de si mesmos, sacrificando-se no altar *do comércio ilegal* e eu diria, da própria vida.

<sup>26</sup> A construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e conseqüências materiais e isto é visível no conflito entre os meninos infratores, entre os grupos formados, nas brigas, turbulência e na desgraça social e econômica que esses conflitos traz.

Eu mato! Matar pra mim passou a ser uma brincadeira. Meu primo que mataram. Eu se espelhava nele. Éramos, às vezes só um, sem turma. A gente disputava quem ia matar mais, competia mais entre nós, não tinha briga... Tiraram ele de circulação. Na favela pra eu não tem lei, a lei dos grande é matar, já cresci ouvindo tiros, correndo e mãe me escondendo pra eu não ser atingido pelos tiro. Os polícia não quer saber quem é você, o que fez, eles descarregam em qualquer um basta ser da favela. São igual a eu, a professora concorda? Quem veve nesta vida é assim, ou mata ou morre **(Martins, 20 anos)**.

A partir da observação direta dos meninos confinados no CEDUC, seus relatos diversificados, os significados de violência que eles iam construindo, para mim o conceito de violência parecia estar se diluindo em suas ações e discursos, como se não fosse lógico falar sobre ela, mas, apenas tentar compreendê-la, não perdendo de vista a multiplicidade de sentidos e a infinidade de situações em que ela aparece. Um depoimento de um jovem foi elucidativo quando afirmou:

Violência sou eu, e os outros presos que a professora tá vendo aqui. Ei! Tá vendo esse furo? (levanta a camisa e mostra) foi briga, por causa de um tênis com um colega, eu queria, ele queria, roubamos juntos o boyzinho, mas os dois queria o tênis. Na disputa ele morreu, e aí, foi acidente, né? Podia ser eu. Então violência é pura ação, ela quebra na porrada, ela fura na faca, canivete; atira com arma, queima, rouba o que a gente quer, persegue e mata também. É por isso que a violência é calada, não grita, não diz nada, pra quê? Descobrem, prende nós e pode fazer o que quiserem. A gente só usa da violência para se defender. E é assim com todos nós, a senhora vai ouvir de todos os boy que o mundo é violento, agora os mais fudido vem preso. Só não entra em cana quem tem poder, o poder é tudo desde muito tempo **(Rick, 19 anos)**.

Esse jovem se considerava a própria personificação da violência, uma violência que pulsa e se reproduz no cotidiano de cada um deles, na pobreza, na luta pela sobrevivência, nos desejos não satisfeitos, na falta de liberdade; sentimentos e situações que ampliam cada vez mais a angústia, a ansiedade, a incerteza, a

insegurança e, às vezes, o seu próprio poder que se apresenta, através da violência praticada e recebida, em dimensões variadas, sutis ou explícitas.

Tais práticas são construídas a partir de uma ação tática, nem sempre reveladas à observação e à apreciação públicas. Entretanto, constituem um modo permanente de exercícios de poder impregnado em todas as dimensões da vida cotidiana, como analisado por Foucault (1987) cuja perspectiva Machado resume muito bem: *Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente* (MACHADO, 1982, p. 10).

Esta potencialidade está, deste modo, expressa porque é consequência de uma relação, Arendt analisa: *a ação, embora possa provir do nada (...) atua sobre um meio no qual toda relação se converte em relação de cadeia, e todo processo é causa de novos processos*, (1987, p. 203) acrescentando a autora que: *como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros* (idem).

Uma atitude transgressora, resistente, inscrita no campo do social, não deixa de ser um produto decorrente das práticas visíveis de dominação e de violência sobre as pessoas. *Apesar da violência ser um dos instrumentos de efetivação e impositiva da dominação, ela em si não pode ser considerada uma expressão de poder* (ARENDR, 1994). *Assim, O poder é aqui compreendido como algo circulante, que dissemina e é capaz de atuar sobre as relações sociais: o poder deve ser analisado como algo que circula, como algo que funciona em cadeia (...)* *O poder pode funcionar e se exerce em*

*rede (...). Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles* (FOUCAULT, 1982, p. 183).

Cabe analisar, deste modo, o conjunto das práticas sociais que transgridem e resistem, sejam aquelas de contornos visíveis, sejam as imperceptíveis ao olhar desatento. A análise deve ser realizada tanto no sentido de que toda ação produz uma rede de outras ações, referida por Arendt, quanto ao sentido foucaultiano de que, onde há relação de poder, o campo de resistências está potencialmente dado. Isto significa reconhecer também que, embora as práticas de violência, no relato analisado, tendem a diluir a liberdade de ação, poder e expressão de cada um e da coletividade, elas não são capazes de se tornarem o único campo de ação, dada a própria natureza relacional de poder como relações de poder, capaz de criar respostas tanto em termos táticos quanto estratégicos, tanto de reação quanto de transgressão.

O pavilhão cinco é o mais violento, os boy bota pra rear mesmo, e se tiver chance nego apaga o outro aqui mermo dentro do CEDUC, é por isso que Pereira (funcionário) não deixa cruzar encontro de pavilhão, tem nego que precisa fazer acerto de contas com boy aqui dentro, tem mais poder de mandar nego pro quinto do inferno, com ação e muita violência pra cobrar as pendências lá de fora. Tem cara que bota pra fuder mesmo, tem boy que até o coordenador tem medo, aí o cara canta de galo, tá de cima todos tem medo dele **(Caverinha, 16 anos)**.

O poder se expressa também na violência, que se encontra disseminada em toda a realidade, sendo necessário uma visão crítica e aguçada para identificar sua manifestação nas entrelinhas do fenômeno da vida social. Em especial quando se refere à violência praticada por jovens e adolescentes, a identidade pessoal só é possível quando descarrega no outro o mal – o violento – que cada um trás em si. Como por exemplo: *Não fui eu quem começou, ele me provocou*. Esse discurso sempre

foi dominante nos pavilhões, provocando brigas e desentendimentos entre os internos. Os adolescentes estão sempre procurando algo para gastar energia: gestos, palavras, agressões, tudo que possa chamar atenção. A violência é a rotina, que se repete todos os dias, ou melhor, a cada momento.

Eu fiquei quatro dias na cafua só eu, mas eu não fui o culpado, de ter furado o boy, agora se eu contasse, os boy do meu pavilhão, iam me pegar, aí só Deus sabe o que eles ia fazer comigo, aí fiquei de laranja. Tô todo mordido de muriçoca, arreventado e a puta da assistente social ainda disse que eu só vou pra audiência daqui a três mês, por mal comportamento, professora já era para eu ter saído desse inferno, que ódio! (**Chico Bomba, 15 anos**).

A raiva, o desprezo, o ódio passam a ser considerados sensações naturais na vida desses jovens e adolescentes, sendo princípios norteadores de sua relação com as pessoas na sociedade. O olhar social cristaliza uma identidade estigmatizante da qual os meninos infratores tentam escapar, mas raramente conseguem. Dessa forma a violência adquire para eles uma positividade, tornando-se mesmo um dos fatores fundantes da sua identidade.

O castigo é representado pelos agentes institucionais como uma necessidade educativa, uma questão de justiça, uma forma de tranquilizar a própria consciência, pois, segundo alguns educadores, o castigo físico é a *linguagem* que os meninos infratores entendem. *É com o castigo que se educa*. Os técnicos se tranquilizam pelo fato de não se auto-representarem como *punidores*, mas *educadores*.

Como diz Foucault, *a função corretiva dos educadores, coordenadores, vigilantes etc, é maior do que a exercida pelos detentos do poder penal* (1977, p.219). De fato, o poder sobre o infrator, sobre sua reeducação e punição, é disputado pelos

agentes institucionais, sobretudo pelos técnicos ou mesmo o coordenador, tendendo às práticas coercitivas em frequência maior do que às persuasivas.

Para os meninos infratores do CEDUC/PITIMBU, muitos adereços adquirem importância na construção da identidade de marginal, assim, é comum vê-los exibir colares, brincos, anéis e piercings. Através deles os jovens infratores se constroem como iguais e diferentes uns dos outros e da sociedade abrangente. Usam tatuagens, cortes e cores de cabelos específicos, recriam o corpo como um símbolo da sua condição marginal. Os sujeitos têm consciência que sua condição de classe acentua o caráter estigmatizante que recai sobre eles e é reforçado pelos adereços que compõem sua indumentária.

Se eu morasse em bairro bom, eu podia usar o que eu quisesse, mas a partir do momento que sou da zona norte e gosto de usar pincing, tatuagens, anéis, etc, sou visto como marginal, os próprios educadores dizem logo: olha o vagabundo cheio das informações, agora se eu fosse de bairro bom, era: isso é coisa da juventude. Agora corpo de pobre é outra coisa é como uma doença contagiosa, só é bonito no corpo do rico, ele pode botar tatuagem no olho do cu e continua ser coisa bonita da juventude, nós somos logo chamados de vagabundo, de marginal, só de coisa que não presta, tem até policial que tem tatuagem, devia ser proibido (**Peninha, 15 anos**).

A consciência da exclusão faz emergir a consciência da identidade de marginal também como situação imposta socialmente. É interessante, pois, observar que os indivíduos lançam mão da mesma qualidade particular sobre o qual se apóia a representação do corpo vagabundo (adereços, tatuagens) para conquistar prestígio e assinalar sua especificidade *no jogo da vagabundagem*.

O que os jovens e adolescentes querem demonstrar é estar nesse jogo, porém, os elementos que eles utilizam querem assinalar uma espécie de rebeldia e de

pertencimento a um grupo específico. E entre os meninos do CEDUC, principalmente os que são envolvidos com gangues, (DIÓGENES, 1998, p.1991) *a tatuagem é uma das formas de comunicação visual utilizadas nas tramas da identidade juvenil; ela revela por imagens o que as palavras não conseguem exprimir, ela “retrata” as identidades.* Ordem social, da qual dificilmente poderão sair, os impossibilita de resignificar a sua auto-imagem. O depoimento de Carluxo<sup>27</sup>, um jovem de 19 anos, que limpava o jardim e conversava comigo enquanto eu esperava o transporte para vir embora, demonstra esse sentimento através do seu relato abaixo. Ficava conversando, falando da família, na vontade de ser milionário, e como se sentia ali dentro do CEDUC. Outra coisa que ele adorava falar era o apelido que os meninos colocaram nele, parecia que ele gostava mais do apelido do que seu próprio nome.

A gente se sente bandido, ladrão, criminoso, inútil principalmente aqui dentro, sem poder fazer nada, desprezado, humilhado, fraco. É muito triste o boy se sentir excluído de tudo, vê a situação de frente é de lascar, as vez, vem gente aqui e fica nos olhando com pena, como se nós fosse um bicho nojento, agressivo, principalmente essas madames que vem fazer caridade, te olha torto, faz isso pra dizer que são boazinhas, se preocupa com o coitadinho do preso, mais nem chegar perto de nós elas chega, tem medo que a gente tome a bolsa dela machuque ela, sei não **(Carluxo, 19 anos)**

Diante do olhar social imediatamente estigmatizante, que parece tornar irreversível essa marca colada à sua pele, eles (re) agem tal qual o olhar do outro determina. A violência passa a ter um lugar importante no processo de constituição identitária dos jovens e adolescentes do CEDUC/PITIMBU. Assim, a partir do momento que a sociedade nega a sua faceta cruel, dirimindo-se de culpa e do fracasso dos

---

<sup>27</sup> Carluxo, assim o chamamos meninos do seu pavilhão, por ele gostar e falar muito de carro de luxo e viver fantasiando como seria sua vida assim que ele se tornar rico, comprar uma mansão, um avião particular e roupas de marca, ter empregados para tudo e um segurança particular.

membros e projetando a responsabilidade para fora de si sobre determinados *locus* onde há uma maior facilidade de absorção dos estigmas, os objetos-alvos terminam por incorporá-los irredutivelmente.

Um relato que me chamou a atenção, contado por um dos jovens entrevistados, diz respeito à violência cometida contra o seu cachorro Furunco. Para eles a violência é tudo que os atinge, mesmo quando dirigida aos seus animais de estimação ou os objetos dos quais eles gostam. E a violência, tal qual é vivida no cotidiano dos meninos infratores, se revela com um instrumento disciplinador do espaço social, influenciando diretamente nas posturas básicas e visões de mundo de seus agentes sociais.

Uma vez eu vinha da casa do meu colega e no caminho encontrei 3 Mané dando umas pauladas no Furunco, um vira-lata amigo mermo de eu, deram tanto no bichinho que sua patinha quebrou. Saíram dizendo que da próxima ele ia virá comida de urubu, só porque Furunco lambeu o sanduíche do pilantra. Eu vendo tudo sem poder fazer nada era 3 Mané, fiquei com tanta da raiva e fui procurar meu Tio e fomos na polícia da parte. Os três Mané pegaram uma surra para aprender de respeitar os animais. Daí eles vieram tomar satisfação com eu, e foi aí que eu perdi a cabeça e dei um tiro e pegou em um deles que ficou manco, igual ao Furunco. Eu nunca tinha feito isso, nem sabia atirar, mais ele mereceu pagou por eu e pelo Furunco **(Chupeta, 15 anos)**.

O relato não apenas é inusitado, mas justifica a existência de dois pesos e duas medidas nos critérios de classificação sobre um fato violento ou não: contra uma violência reprovável, negativa e perniciososa, uma outra seria justificada e estaria representada como justa, positiva e tolerável, figurada como instrumento educativo de correção.

Recorrentemente, reproduz-se, no modo de sentir, pensar e agir cotidianos, práticas de violência sem que sejam percebidos alguns atos graves, por esses jovens e

adolescentes. As histórias humanas fornecem numerosos exemplos neste sentido e, é na medida que se toma contato com o cotidiano, que aos poucos se entende o falar e o agir, o sentir e o fingir, o ser e o estar; então se pode elaborar um quadro da realidade social e dos valores desses jovens e adolescentes.

A violência vai tomando formas diversas. Assim, não podemos afirmar que se trata apenas de garantir a sobrevivência ou o status de cada um e o seu papel no grupo. Se estivermos falando da violência em geral, está em jogo também o poder de ferir o outro, de subjugar, humilhar e mesmo ter controle sobre um determinado sujeito, seja ele um indivíduo, um grupo ou uma sociedade.

Tô aqui por homicídio. Matei um boy que tomou minha bicicleta, eu tava desarmado no pedaço dele, mas também gravei a cara do pilantra. Um dia tava sentado na esquina de casa pintou um boy querendo comprar maconha, fiquei olhando aquele Mane e me perguntando da onde eu conheço ele. De repente veio a noção: é ele, e é hoje. Falei pra ele vai ali naquela rua que chego já lá, oh! A rua sem saída eu tava feito. Peguei uma barra de ferro e já cheguei cumprimentando com uma porrada nas costas. Lembra da minha bicicleta? Perguntei pro Mané, ele teve a noção e disse: Hei, boy vamo papiar. Aqui não tem papo nenhum. Continuei a dá porrada até ele cair morto. E pra certificar se tava presunto mermo ranquei a orelha dele e mostrei a todos da favela **(Miudinho, 18 anos)**.

É por este caminho que Miudinho interioriza, assumindo como *natural* a sua vingança tão esperada por ele e a essência do que é pelos colegas valorizado: sua bicicleta, a humilhação por estar no espaço do outro, e agora o poder e o prazer, pelo outro agora estar no seu espaço. Seria mais fácil a sua vingança, covardemente sem nem mesmo ter um acordo. As regras do jogo para esses jovens e adolescentes são encaradas como uma esperteza maior, um truque desleal. O importante é mostrar que o jogo vira e fica quem sabe melhor a regra.

No mundo dos jovens e adolescentes do CEDUC/PITIMBU, a violência e o comércio aparecem entremeados. Ocorre uma monetarização das relações e a violência é naturalizada, há quase uma indiferença pelo ato de matar, como me foi relatado. O valor da vida humana é substituído pelo dinheiro. O assassinato é o cumprimento de uma negociação pré-estabelecida, que possibilitará a posse do dinheiro.

A posse de arma de fogo aparece como algo comum e é facilmente conseguida. A arma na mão desses jovens e adolescentes dá poder e impõe respeito. Matar ou morrer é uma questão de sorte ou oportunidade. Não há arrependimento, o assassinato traz respeito a quem o comete e permite-lhes transitar entre iguais, o que não seria possível de outra forma. Não há acordo, se mata ou morre, os jovens e adolescentes não vêem a violência, ela é a rotina instalada no seu cotidiano. Ela é a única certeza que eles parecem ter e aparece quase como um pilar em sua vida. Sem violência a vida desses jovens passa a não ter sentido, ela é responsável pela própria formação da identidade de cada um deles.

A violência encontra-se disseminada em toda a realidade, sendo necessário uma visão crítica e aguçada para identificar sua manifestação nas entrelinhas do fenômeno da vida social, em especial quando se refere à violência praticada por jovens e adolescentes, a identidade pessoal só é possível quando evacua no outro o mal – o violento que cada um trás em si.

Nos pavilhões, por exemplo, todos têm a mesma conversa: *Eu não fiz nada de mais, estou aqui porque tive que me defender, se eu não fosse rápido eu estava debaixo de sete palmo (Lulu, 17 anos)*. Através das desculpas que relatam, é que você percebe a rotina dentro do CEDUC no dia-a-dia dos jovens e adolescentes confinados.

As disputas, os xingamentos, os apelidos, troca de tapas, chutes, etc. Estão sempre procurando algo para passar o tempo e na maioria das vezes é através da violência física.

### **2.3 A ROTINA DIÁRIA: SOBREVIVENDO NO INFERNO**

O modo de vida dentro da instituição CEDUC/PITIMBU parece que introjeta uma forma de ser específica, marcada pela ociosidade e pela violência, pelos meninos; reafirma o estigma que recai sobre eles: marginais, ladrões, assassinos e pessoas incapazes de desenvolver habilidades e trabalhos úteis. Na verdade, existe uma constante vigilância em relação aos jovens e adolescentes que busca silenciá-los, acalmá-los e porque não dizer, domá-los, pois por trás dela encontra-se a idéia de que, estando dormindo esses jovens e adolescentes não incomodam, não vão dar trabalho, não causam problemas, tudo fica em paz, em harmonia. Paralelamente, estando os internos controlados, os funcionários ficam *desocupados* (VOLPI, 1999), porque se esquivam de desenvolver atividades diretas com os jovens e adolescentes, na maioria das vezes alegando o problema da *(in) segurança*.

A observação continuada evidencia que os jovens e adolescentes nos pavilhões, dia e noite ociosos, trancados das sete horas da manhã às dez horas da noite, à espera da hora do café, almoço ou jantar, fumando cigarros, contando façanhas, planejando fugas, estão enredados indelevelmente numa rede estigmatizante. Como eles dizem: *mato o tempo pra ele não me matar*. As fugas da Instituição não são freqüentes. Em 2002, apenas dez fugas foram registradas. Mas os fugitivos, geralmente, não conseguem ir muito longe.

Fui pego no flagrante aos 14 anos, tava aqui esperando a audiência do juiz que fica embaçando. Passou seis mês e a primeira brecha que tive fugi do CEDUC, fugi muitas vezes desse inferno em forma de casa de recuperação, que todos fala. Recuperação que não acredito, o boy sai daqui marcado, a gente soma e vamo continuar a cheirar perigo donde a gente tiver, basta saber que fomo interno pra nos olhar esquisito, segurar a bolsa com força, ou dizer em tom baixo: cuidado é um ex-interno. Mas professora, os educadores, os agentes, todos são iguais a nós, que comete delito, a diferença é que eles tão solto, mas o caráter de alguns é mais sujo que a privada da cafua. A comida é cospível, o pão é azedo, os agentes comem a comida que a família trás dia de visita, o refri e todos aqui sabem e fazem que não vê, e sabe que é com sacrifício que a mãe dos boy trás. Negam água pro boy<sup>28</sup>. A sacanagem nos pavilhões rola toda hora com os novatos e os mais babacas. Os castigos são apenas castigos, até um caso ser mais grave (**Zezinho, 17 anos**).

A violência para esses jovens e adolescentes presos no CEDUC/PITIMBU está relacionada a ameaças tanto física quanto simbólica – expressa pelas práticas violentas. Em seus relatos, fica claro que estão dispostos a enfrentar a tudo e a todos, desde os educadores e as práticas mais violentas até aquelas consideradas, mesmo por eles mesmos, abomináveis. Buscando sempre uma saída e tentando se defender, eles revelam uma forte indignação por estarem presos; contam repetidas vezes o porque de estarem ali, se colocando como vítimas e demonstrando revolta e muita agressividade, como se estivessem esperando a hora da vingança, até porque o inimigo às vezes está ali ao seu lado no pavilhão vizinho. É um mundo de incertezas, de espera, de esperanças, de liberdade, onde todos lá dentro parecem ser marcados pelo inexorável peso dos delitos que estão sempre cometendo.

Aqui neste inferno é a quinta vez que volto professora. Um colega me convidou para um assalto a mão armada eu tinha 15 anos, mas sempre gostei de ter dinheiro, não pensei e aceitei. Num deu certo, fui pego eu e o colega também de menor. Fugiu com um mês. Depois vim por assalto a

---

<sup>28</sup> Tal denúncia foi referendada durante uma conversa informal com o coordenador do CEDUC/PITIMBU: *quem está precisando de psicólogos são os educadores (...) a novidade de hoje foi negar água para os internos.*

um banco com uma gangue, depois roubo de supermercado, cumpri a pena um tempão aí o juiz liberou total, aí entrei para o trabalho (risadas). Fui vender drogas pesada mermo, estava me dando bem, rolava grana e eu tinha um sonho de ir para o Rio de Janeiro, casar com uma boy linda, ter meu carro, e continuar no trabalho, já tinha referencia... Aí um dia numa briga pra não morrer eu matei, agora tô aqui por homicídio e vivo, pois os educador diz que eu tenho proteção, mas eu sei que tenho que tomar cuidado, quando o boy mata, a vida dele fica encrocada, fazer o que, a gente veve nesse mundo assim. O sonho não acabou não, sair daqui e ficar vivo eu me mando nem que eu vá de trem, carona, mais um dia chego no Rio de Janeiro **(Sabugo, 17 anos)**.

Nesse mundo de tormentas cotidianas, os relatos desses jovens e adolescentes revelam sonhos, fantasias, aspirações, projetos de vida que, na sua maioria, estão ligados ao mundo do crime. Há, deste modo, espaço para os desejos, o belo, o prazer e o risível, e também para as paixões impossíveis ou mesmo as realizadas sob o signo do ódio, da perversidade e da morte. Sob a impotência que se revela desse *mundo cão*, adverso ao fraco, ao pobre, ao dominado, emergem as buscas de sua superação e negação: a busca é sempre uma estrada cuja direção é incerta. O movimento de idas e vindas parece marcar a vida desses jovens e adolescentes confinados nas inúmeras passagens pelo CEDUC/PITIMBU.

Os meninos infratores explicam seu comportamento pela revolta que sua situação de vida lhes provoca. Eles comentam: *a rotina no CEDUC está de matar, o pior é que nada está prestando*. São inúmeras as reclamações que vão desde a ociosidade, ou seja, o fato de estarem sem nada para fazer; até a própria alimentação, dentre outras coisas dizem: *o pão é azedo; a bolacha é dura; suco horrível, só água; os educadores coça a bunda, pega no pão e dá ao boy; o pão já veio com gosto de água Marilena; vai comer o galeto daqui, o galeto se alevanta e sai correndo*.

O pavilhão cinco sem TV, lixo, tá tudo quebrado, fossa fede, nada é bom. Os outros pavilhões são um pouquinho melhor. O pavilhão três é de frente pra porta, dá pra ver se tem visita pra eu, pois a dia que mãe não aparece, acho que é falta de grana, a mãe rala pra caralho. Outra coisa, se eu me lembrar a última vez que fui no médico, eu me dane, ele só faz assinar com a caneta e nada de remédio. Dentista, o boy só vai se for para arrancar, tá tudo quebrado dentro da sala dele e o frescão só recebendo a bufunfa, eu nunca vi lugar mais violento do que esse, e depois somo nós que cheira perigo (risadas). O inferno é aqui, quem quiser conhecer o inferno, não precisa morrer **(Cheira Balde, 18 anos)**.

No CEDUC/Pitimbu, casos graves de indisciplina são tratados na base do diálogo; como punição utilizam atividades físicas, mas mesmo assim, segundo o coordenador, alguns necessitam ser *acordados*, ou seja, castigos mais pesados, na base da porrada, uns dias na cafua, etc.

Alguns dos infratores participam em atividades de limpeza, arrumação do refeitório, cuidar do jardim, lavar banheiros, passar um pano nas salas, mas a maior parte parece condenado à inatividade. Um dos meninos comenta:

Tô aqui preso, tudo bem mais não vou fazer nada que esse bando de palhaço quer. Só porque não fui limpar o banheiro peguei uma semana de cafua, o educador ainda diz: - bora ladrão. Eu respondi: eu não sou ladrão, caí por um homicídio. Mas ele respondeu: - você é ladrão, que você roubou a vida do cara, mais se eu roubei a vida do cara professora foi para me defender, eu não acho que isso é ser ladrão, esses educador daqui são burrinho, nem eu que num estudei, tô certo, professora? **(Tareco, 15 anos)**.

A conhecida figura do infrator confinado em celas chamadas de pavilhões, sob a *guarda de um corpo despreparado de agentes, vigilantes, inspetores etc. deve ser definitivamente abolida* (VOLPI, 1999, p.57). *Ela não atende em hipótese alguma, aos fins sociais a que se dirige o Estatuto*. No CEDUC/Pitimbu, percebe-se essa grande falha. Mesmo que os agentes hoje denominados educadores, policiais etc. sejam

*preparados*, a experiência já tem demonstrado que não passam de carcereiros sem nenhuma carga pedagógica para formação da cidadania, dificultando para a instituição a filosofia de reeducação tão planejada.

#### **2.4 O LUGAR DO MEU MENINO : VISITAS DAS FAMÍLIAS.**

*... olha aí, olha aí,  
é o meu guri e ele chega...  
chega estampado, manchete, retrato,  
com venda nos olhos,  
legenda e as iniciais.  
Eu não entendo essa gente, seu moço, fazendo  
alvorço demais...  
O meu Guri - Chico Buarque de Holanda.*

No CEDUC/PITIMBU, em meio a todo um universo, feio e sem cor, as visitas se constituem em um momento importante, o momento de estar com o outro, com a família, com as pessoas de quem se gosta e que, pela sua presença dão uma nova cor ao ambiente. Elas são realizadas nas quartas-feiras e domingos e têm uma duração de 3 horas. A maior parte dos familiares que visitam os jovens e adolescentes é do sexo feminino: mães, tias, avós e namoradas ou companheiras.

A abordagem com as famílias foi um momento mais complicado da pesquisa. Nem todos dispunham de tempo para conversar comigo, pois não podiam perder a Kombi da FUNDAC que os levavam de volta a cidade e, muitas vezes, não estavam dispostos abrir mão do tempo que tinham com os meninos. Por outro lado, quando a aproximação se consolidava, as entrevistas eram sempre muito ricas, já que os visitantes consideravam o diálogo como um espaço em que podiam expressar suas satisfações e críticas ao CEDUC.

Meu menino tá aqui, já faz seis mês. O CEDUC não está ajudando muito, tenho achado ele mais agressivo, não está tendo nada para encher a mente dele, fica aí nesse pavilhão com certeza pensando o que não presta. Tô rezando para que os professores voltem e as oficinas comecem a funcionar, pois ele não gosta dessa dos patos. Sonho com minha família unida de novo, eu ele e as irmãs **(Marusa, 35 anos)**.

Com as entrevistas realizadas com as mães, busquei entender as relações das famílias com os filhos e também com a Instituição. Logo de início percebi que as mães tinham muita necessidade de falar e poucas foram às vezes que precisei fazer perguntas diretas.

Nos dias de visita, só era possível observar, pois o CEDUC parecia um *vulcão em erupção*. Viaturas chegavam e saíam, meninos eram chamados para audiências, funcionários iam e vinham. O clima era de alvoroço, somado a tudo isso, havia a própria tensão dos jovens e adolescentes ou dos seus familiares na expectativa do destino que lhe seria dado. Além do mais, os meninos ficavam muito dispersos, ansiosos e agressivos; isto para não falar do ânimo deles para conversarem comigo, seja devido à noite mal dormida – pela dúvida se a mãe vinha ou não visitá-lo – , seja pela dor resultante das agressões recebidas dos colegas que se tornavam mais freqüentes durante esse período.

A família, como instituição social, é feita de sentidos humanos externados, permanece real, porque reconhecida coletivamente, e funciona como sistema poderoso de controle, com vistas a impedir que as condutas dos indivíduos caminhem em direções possíveis (BERGER & LUCKMANN, 1978) e na prática comumente observada, como é o caso do delinqüente, do infrator. Há de ser admitida também a existência de relações de poder entre os atores sociais que dela fazem parte, as quais

geram tensões permanentes, tal como se verifica em qualquer grupo social, entre classes ou no sistema social amplo (VELHO, 1974; MILLS, 1970).

A instituição família, mesmo para os meninos infratores pesquisados, é de grande importância. A noção de família presente em sua representação refere-se ao modelo nuclear dentro de uma definição que é possível entender como consensual. Nos dias de visita a euforia e a ansiedade deles é visível. Entre eles, aqueles que quase não recebem visitas, são ainda mais agressivos com os colegas.

Uma família é pai, mãe e filhos juntos dentro de uma casa com amor, e carinho. Uma família serve pra ajudar uns aos outros (**Samoa, 15 anos**).

Uma família veve unida, não briga, não bota o filho pra fora de casa. Tenho pra mim que família é amor, união (**Zecão, 18 anos**).

Ah! família deve ser legal, muita gente brincando, sem briga, estudando, a mãe mais o pai feliz, com amor, carinho, é isso que acho (**Rouxinol, 14 anos**).

Na referência ao modelo nuclear, as representações de família estão carregadas de um forte significado estratégico e emocional, traduzido por categorias que refletem a função cooperativa entre os seus membros, permeada de vinculação afetiva.

Esse mesmo significado se faz presente nas falas e expectativas dos jovens e adolescentes confinados no CEDUC/PITIMBU com relação às próprias famílias. No entanto, o significado se apresenta muito mais como um modelo idealizado, no qual a união e a afetividade são supervalorizados. Entre as famílias que deveriam ser/ter e aquelas que efetivamente se concretizam, há um abismo, cujo significado é traduzido em termos de falta, de ausência, presente tanto nas falas dos meninos quanto das

mães em relação a eles. A possibilidade de preenchê-la raramente é vislumbrada fora da unidade familiar.

Deixa ver como posso falar de família. É meus meninos todo junto em casa. É ajuda, união e amor de todos. Sem isso nem sei se tem família. **( Dada, 39 anos).**

Minha família?... Falta tanta coisa... Não tenho ninguém pra me ajudar. Se pelo menos tivesse união entre os irmãos. Mas como meu menino mais novo tá aqui, os outros não querem nem saber, sem isso não vai pra frente **(Toinha, 41 anos).**

Sempre que me aproximava das famílias para conversar, a expressão do rosto das mães mudava, os olhos brilhavam, contendo lágrimas que nunca desciam. No lugar delas, surgiam palavras soltas justificando o fato do seu filho estar preso, como se fosse a única coisa que lhes restava. O desabafo, apesar da dor, tentava mostrar alegria, resistência e força para e pelos filhos. Como lembra Goffman, *quando é necessário, o indivíduo tenta livrar a cara, manter uma fachada dando a impressão de que é forte, preservando a imagem pública e não querendo parecer frágil ou estúpido* (1985, p.22).

Meu menino está aqui, porque não escutou os meus conselhos, quando quis voltar atrás já era tarde. Parou de estudar, entrou para uma turminha, a qual iam vender drogas, assalto a mão armada, roubo em ônibus e assim foi indo até que matou um homem. O que meu menino queria na medida do possível eu dava, só que ele queria cada vez mais, mais e o saco do mais não enchia nunca **(Amélia, 45 anos).**

É, minha mãe me deu muito do conselho, mais eu queria ter minhas coisas e consegui pelo caminho errado, hoje tô aqui, não vou dizer que se arrependo, mais quero sair vivo daqui. Depois eu penso o que fazer **(Bento, 17 anos).**

O mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, crenças, valores e práticas, desconsiderar isso é colocar essa multiplicidade sob camisa de força de uma única forma de emocionar, comunicar.

Os conflitos, muitas vezes, se expressam em ações violentas como é o caso da violência doméstica contra criança, adolescente, jovem, bem como os atos de violência praticados por eles mesmos contra membros de sua família, amigos ou mesmo pessoas estranhas ao convívio social.

O meu menino está aqui por culpa do homem que eu estava vivendo. O desgraçado enquanto não jogou o menino aqui não sossegou. Ele meteu meu menino numa quadrilha perigosa lá da favela. Tirou o menino da escola e disse que o trabalho é que enche bucho. O menino gostou, dinheiro no bolso roupa de marca, tênis, relógio e várias coisas que na idade dele é muito bom. Resultado foram fazer um assalto e lá meu menino não conseguiu escapar e ainda levou bala nas pernas, podia tá morto. O desalmado se picou, tem dias que não tenho dinheiro pra nada, faço uns bicos e vou levando. **(Nazaré, 39 anos)**

O não acesso às comodidades exaltadas pelo mundo moderno, vulnerabiliza os jovens e adolescentes que partem para o mundo da criminalidade e das drogas, em busca daquilo que lhes foi negado por sua própria condição social. Começam fazendo *aviãozinho*, entram para gangues, quadrilhas organizadas, passam a realizar assaltos, roubos, até chegarem aos assassinatos, sejam eles encomendados ou para *lavar a honra*, ou seja, ingressam paulatinamente no mundo da violência que se torna parte de suas vidas e suas famílias.

A violência é vivenciada e praticada por esses jovens e adolescentes, o sonho e a esperança de cidadania prometidas pela violência, através dela, torna-se uma realidade cada vez mais distante. Segundo VOLPI (1997) *é falho um sistema que não consegue dotar o seu público de um capital mínimo para enfrentar os desafios da*

*vida com algumas possibilidades de ser incluído como cidadão na participação da vida social* (2001 p. 128).

Portanto, não posso falar das famílias dos infratores sem falar do seu pertencimento a uma classe social ou a um grupo constituído de uma identidade coletiva que designa o *status*<sup>29</sup> do indivíduo perante a sociedade.

A violência pode ser vista como *fato social total* por apresentar em seu processo constitutivo elementos oriundos de várias esferas da vida social, não somente da econômica, como é comumente reforçado e pensado em nível de senso comum. Para Alba Zaluar (1987) entender a violência, deve ser uma tarefa que lança mão de uma visão internacionalista, a fim de explicar a complexidade desse fato social. Com tal afirmação a autora quer dizer que é necessário pensar a violência para além de um fenômeno local, como uma realidade presente em todas as partes do mundo.

Espera-se das famílias pobres que seus componentes trabalhem, eduquem os filhos, economizem, estejam sempre unidos e se esforcem para melhorar sua condição de vida. Fora dessa condição fala-se em uma *desnaturalização familiar*, expressão carregada de um caráter funcional e valorativo, já que atribuem à família todos os fracassos de seus membros (VOLPI apud OLIVEIRA, 2001 p.32 ).

O infrator define-se e é definido pela mãe como aquele que entre os irmãos sempre foi o mais rebelde, o mais revoltado com o pai, o que menos ouviu os conselhos que ela lhe deu, o que menos aceita a disciplina. Mas ele também é aquele que, antes de *fazer as coisas erradas* ou de *se meter com vagabundo* era um bom filho, o mais inteligente, o mais esperto para ser um trabalhador e vencer na vida, o mais

---

<sup>29</sup> O *status* se constitui em um valor, ou seja, capital social, a definir o comportamento, as expectativas e as atribuições ou papéis que se espera que se desempenhe (VOLPI, 2001, p. 117).

preocupado com o sofrimento da mãe e com o destino da família. Isto faz com que para a mãe, na maior parte dos casos, o infrator continue situado no lugar do bom filho, *do meu menino* ou *meu gury*, como diz a música de Chico Buarque, porque mesmo preso, continua a se preocupar com ela e com os irmãos menores, não obstante os conflitos familiares que seu ingresso na vida do crime provocou.

Mulher meu menino tá aqui por pura falta de obediência, quantas vezes eu falei pra não andar com essa turminha que ele arranjou, mas ele me jurava que nem cigarro fumava. Ele é preocupado com a gente, só tem eu e a irmã. Ele me ajudava muito, trabalhava de engraxate e sempre trazia um dinheirinho, uma besteirinha para a irmã, depois mulher meu menino desandou de um jeito que um dia me agrediu, já era a maldita da maconha. Houve uma morte e ele tava junto, mas eu acredito que não foi ele. Se ele sair logo vou mudar de Natal, voltar pro interior, eu num güento ver meu menino assim, nós somos pobre, mas ele tem a caminha dele, dorme aqui quase no chão. Eu saio daqui e choro o dia inteiro. **(Chica, 40 anos).**

Minha família não tem culpa de nada não. A culpa é minha. Eu é que não presto, porque não ouvi os conselho de mãe, se eu tivesse ouvido os conselho dela, tava trabalhando e não tinha entrado nessa vida. Agora já foi, quero sair daqui. Aqui é uma escola ao contrário. Tudo o que é de ruim a gente aprende, se o boy vem pra cá parar com atos violento, se é aqui que a gente aprende ainda mais violência... **(Bráulio, 19 anos).**

Embora a culpa seja assumida como algo individual, os jovens e adolescentes compreendem que a relação família-infrator existe. Ocorre que, sendo a família referida pelo lugar central que a mãe passou a ocupar, tendo em vista que quase sempre o pai é um personagem ausente, seja fisicamente ou no sentido de não exercer um papel fundamental na família, e sendo a mãe investida das funções de provedora e de representante da moral familiar, os meninos infratores assumem a culpa como algo individual.

A mãe é tudo pra mim, pai nem sei se tive. Não gosto nem de falar nessa coisa de pai. Mãe sempre foi quem ralou pra botar comer em casa, meu pai é um vagabundo, bêbado, mulherengo. Entrei nessa de trabalhar para traficante, para ter as coisas e dar uma vida melhor pra mãe. Não deu certo, mas continuo sendo o filho amado por ela, agora meu pai não quer nem saber, pra ele eu já morri faz tempo **(Mikael, 15 anos)**.

Meu marido nunca ligou pra nada, só sabia fazer filho. Trabalho e educo como posso meus meninos. Quando chega bêbado só sabia espancar as crianças, deixei ele. Pra viver com cabra irresponsável, covarde, raparigueiro é melhor ficar sozinha. Meu menino caiu, mas não foi falta de conselho. Tô aqui esperando ele sair o tempo que for **(Darlene, 45 anos)**.

Mas qual é o perfil predominante dos pais reais dos jovens e adolescentes infratores confinados no CEDUC/Pitimbu? Nas histórias familiares destes meninos é comum encontrar papéis relativamente padronizados de pai e mãe: pais ausentes e mães ávidas de afetos, situações que podem ser consideradas pouco estimuladoras do processo de individualização, seja pela ausência, seja pelo excesso de presença. Dois relatos de internos no CEDUC/Pitimbu descrevem bem tais personagens.

... meu pai, bem dizer, não serviu pra nada, vamos mudar desse assunto. Ah! Minha mãe é tudo, sempre conversou comigo, me deu conselho e mesmo eu caindo aqui como maconheiro, ladrão, pra mãe eu sou o mesmo menino dela, não me abandona vem visitar eu, traz comida, fica hora aqui chorando, mandando eu rezar **(Canibal, 18 anos)**.

Tanto as mães quanto os jovens e adolescentes confinados no CEDUC se referem a um pai irresponsável, covarde, fraco e que *nem parece que é macho*. Sua condenação moral também diz respeito ao fato de não aparecer perante a justiça como responsável pelo filho, sendo, portanto, referido igualmente ao fato de não assumir as funções que, pela questão de gênero, lhe seriam atribuídas, já que o domínio materno

repousa no cuidado da casa e na orientação dos filhos, no campo daquilo que é privado e não público.

## **A VIOLÊNCIA E A CIDADE**

*(...) fugiu de casa as sete horas  
da manhã no dia errado,  
levou na bolsa umas mentiras pra contar.  
Deixou pra trás os pais (...)  
Um passo sem pensar,  
um outro dia um outro lugar.*

*Capital Inicial / Natasha*



*A cidade é uma  
estranha senhora,  
que hoje te sorri  
e amanhã te devora...*

*Chico Buarque / Os Saltimbancos*

### 3. A VIOLÊNCIA E A CIDADE

*A cidade é uma estranha senhora, que  
hoje te sorri e amanhã te devora...  
Chico Buarque (Os saltimbancos).*

A cidade revela-se como o lugar por excelência de um tipo específico de violência: aquela que se dá do indivíduo contra o indivíduo. Nela podem ocorrer variadas tensões e fragmentações, desigualdades e alienações, fermentando agressões e destruições que atingem pessoas, coisas, idéias, sentimentos, atividades e ilusões. Em um instante alguém pode ser atingido, mutilado, deformado, arruinado ou assassinado.

Com a cidade de Natal não poderia ser diferente, pois vem de forma visível se tornando a cada dia uma cidade grande. A cidade é mais e mais impregnada pelos conflitos de uma urbe que pretende se tornar metrópole e que, por isso, já enfrenta em seu interior muitos problemas relativos ao tipo de individualidade que a cidade grande e moderna estimula e constitui.

Caminhar pelas cidades e observar a multidão faz parte da vida de milhões de pessoas, em todo o mundo. Quem está andando nem sempre tem consciência da infinidade de códigos visuais e de comportamentos que foram aprendidos e reaprendidos para que a experiência pudesse um dia ser vivida com prazer e/ou apreensão através de um entendimento razoável sobre o que se passa. A multidão no final do século XIX ainda era o novo e assombroso personagem das cidades que se expandiam no ritmo acelerado da industrialização. As aglomerações de pessoas eram assustadoras e indecifráveis. Foi preciso aprender a conviver com a multidão, a fazer parte dela e a identificar seus movimentos e sinais. Ainda hoje, a maneira de observar e

interpretar a multidão nas ruas é diferente. O pedestre, os flanelinhas, o camelô, o pedinte e o policial vêem a mesma realidade com olhos distintos e diferentes focos de atenção, o que produz imagens diversas, às vezes até mesmo conflitantes. O ambiente das cidades modernas subtende a heterogeneidade e a pluralidade de concepções já que os agentes sociais fazem parte de grupos sociais distintos, apesar de viverem no mesmo espaço.

Na medida em que a cidade se torna maior e mais complexa, por suas diversidades e desigualdades, acomodações, tensões e hierarquias, produzem-se condições ora de alianças, ora de ruptura, conflito e violência em seu interior.

A maioria das pessoas tem a impressão ou convicção de que a cidade convida à violência, pelos desafios e estímulos que apresenta a indivíduos e a coletividade. No imaginário social o campo aparece como contraponto, o lugar da calma, da paz, do bucólico<sup>30</sup>. É como se a cidade fosse o lugar das mais diversas, surpreendentes e cruéis formas de violência, a despeito da promessa de que ela pode ser símbolo de civilização, reino da liberdade, obra de arte coletiva.

A violência é colocada nas ruas, nos bairros, nas favelas, nas praias, no cotidiano dos habitantes, no tráfico de drogas, nas gangues, nos recantos mais escondidos do ambiente urbano, espalhando-se como rede e formando a tessitura da cidade. No senso comum quase todas as pessoas falam de violência urbana, tanto pelo que ouvem e lêem como pelo que sofrem direta ou indiretamente. Tudo ocorre como se violência e cidade não pudessem ser pensados separadamente.

---

<sup>30</sup> Não se pode negar que a violência não está apenas na cidade, mas também no campo, embora tome contornos diversos. Neste sentido, pode-se afirmar a existência de estratégias, em permanente movimento de visibilidade, ao mesmo tempo em que as *táticas e astúcias* como criação possível, significa a *arte dos fracos*, como analisado por Michel de Certeau (1994). Assim a violência pode gerar formas e maneiras de viver, agir e pensar que vão disputar espaço na vida social.

Falam da cidade como o lugar das mais diversas e brutais manifestações de violência, desde o roubo, estupro, homicídio, drogas, assaltos. *Sendo que muitas dessas manifestações envolvem agentes e vítimas, cúmplices e beneficiários indivíduos ou grupos pertencentes a diferentes círculos da vida social* (IANNI, 2004, p. 26).

A violência não é um fenômeno exclusivo da cidade, embora esteja fortemente ligada a ela. Hoje o fenômeno da violência urbana enquanto ameaça coletiva serve de referência a novos modelos de comportamento. Vemos cotidianamente as pessoas passarem agarradas às suas bolsas ao caminharem pelas ruas. Elas vivem angustiadas, estressadas, preocupadas consigo, com os filhos e parentes; fecham suas casas com grades, cercas elétricas, grandes e muros que as separam do exterior e da violência que parece estar do lado de fora. Enfim, parecem aterrorizadas com a violência que as rodeia.

Como diz Foucault: *É então que aparece e se desenvolve uma atividade de medo, de angústia diante da cidade* (1979, p. 87). Ocorre uma certa perplexidade diante do outro, as pessoas já não se reconhecem dentro da multidão e o sentimento de solidão invade sem pedir licença.

Tudo indica que o rápido crescimento da maior parte das médias e grandes cidades brasileiras é, senão totalmente, ao menos em parte responsável pelos sentimentos coletivos de insegurança e medo diante da violência e do crime. Sentimentos que ultrapassaram as tradicionais barreiras de classe, gênero, geração, etnia. Hoje, independente de clivagem sócio-econômica ou cultural, o pavor da violência cria uma profunda inquietação nas pessoas.

Com o crescimento da violência nas cidades ocorreu uma mudança explícita no comportamento das pessoas: não se caminha mais sozinho, não se atravessa certas

áreas, não se permanece na rua em determinados horários e se percebe cada vez mais a necessidade de buscar proteção pessoal através de seguranças privadas e outras formas de proteção. Tais fenômenos parecem resultar de um visível pânico social.

O medo está em todo lugar, espalhado em todo o mundo. Ele desce do pedestal das imagens simbólicas que povoam o imaginário coletivo e se projeta na vida cotidiana das cidades, tornando-se o combustível do estresse e preocupações diárias das pessoas. A violência também está em todo lugar. O crime é parte da rotina da cidade, de toda cidade.

Quando as pessoas ditas *normais* não se encontram encurraladas em suas casas, olhando a miséria, a violência e o caos da cidade através dos canais da mídia, estão nas ruas, mas, sempre mobilizadas pelo sentimento de defesa, medo e hostilidade em relação a presenças dos meninos infratores, que em princípio, estariam lhe retirando a segurança e tranquilidade e agredindo a cidade com suas presenças incômodas.

Na atualidade, algo diferente está acontecendo. Há anos ocorrem muitos crimes, isso se sabe. *O novo, o que é perturbadoramente novo é o ódio, o volume e a quantidade de ódio e revolta que os jovens e adolescentes carregam consigo* (SOARES, 2005, p.43 ). Esse ódio percebe as diferenças, as impossibilidades. O outro é aquele que tem e se constitui como um ser humano, somente porque possui um certo nível social, ao passo que o menino do CEDUC, por exemplo, é privado de tudo e sente isso como uma violência. Projeta o seu ódio naquele que deveria ser igual<sup>31</sup> a ele,

---

<sup>31</sup> *Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada como algo que remete a si própria. A diferença tal como a identidade simplesmente existe* (SILVA, 2000, p.74).

constrói um outro que aparece como culpado por sua situação e desconta a violência sentida na própria pele.

A impressão que ficou para mim ao ouvir os relatos de alguns dos meninos infratores confinados no CEDUC é que o ódio vazou. Está solto dentro da instituição, no meio da rua, nos bairros e favelas e como diz Martins, 20 anos: *até mermo entre os grandes safado do poder da sociedade*. O que está em jogo é dinheiro e poder. E quando se joga com alguma finalidade material, cada momento é previsível. O ódio mais uma vez é escravo da razão, por mais desumana que ela seja.

No caso dos meninos do CEDUC/Pitimbu a violência dos jovens e adolescentes é corrente, diária; nem sempre lógica, e quase sempre sangrenta. Não há espaço para compreensão; acabou o diálogo, o afeto, só resta o ódio e a luta pela sobrevivência.

Professora, eu acho o fim da picada é esse filhinhos de papai que me olha torto, principalmente quando pinto em algum lugar que parece ser feito só para eles. Lugar público é para todos. Matei um barãozinho que implicou por eu está lanchando no mesmo lugar que a massa podre dele estava, quis aparecer pegou um balaço no peito. Não me arrependo, ele aprendeu a lição, não suporto gente besta. Se eu estava lá comendo o mesmo que ele, ou com dinheiro roubado (como ele falou) ou não, eu estava pagando igual **(Kakau, 16 anos)**.

Eu tenho ódio desses Mané, riquinhos, olha pra gente com desprezo. Tava uma galera desses bostinhas só frescando com minha cara quando eu passava na praça, comecei a andar armado. Uma noite quando passei, escutei de um deles metido a besta: *olha só o tênis dele é da hora*. O sangue subiu, meu tênis não era de marca, mas naquele momento ia ter. Avancei com a arma pra cima do mané, os outros frouxos correram, mandei ele tirar os tênis, calçar os meus da hora, e sai com o dele de marca. E pra deixar minha marca dei dois furos no braço dele **(Feroz, 19 anos)**.

Alguns lugares mesmo que públicos são segregadores. Em uma sociedade de aparências o que importa a forma e a imagem projetada pelo outro. Há espaços que

exigem símbolos de *status* sócio-econômico, e aqueles que não são portadores deles são tratados como seres indesejados, sendo submetidos a vários tipos de preconceitos e discriminação, que vão desde o não atendimento até a marcação sobre os meninos infratores, através da agressão verbal ou física. No caso dos jovens acima, a violência aparece como uma possibilidade de se impor em um determinado território, de ser respeitado pelo outro que o segrega e humilha.

Através das conversas que ia tendo com os meninos do CEDUC/Pitimbu, percebi que não é só o tráfico de drogas o único problema que os atinge e interfere nas comunidades em que vivem esses jovens e adolescentes. O que se passa é conseqüência da falta de um tudo, principalmente oportunidades de estudo, educação, trabalho, lazer.

Quando esses meninos procuram a entrada para o crime não é só para sustentar o vício, alguns nem são usuários freqüentes da droga. Muitos deles estão ali para contribuir em casa e ajudar a mãe e os irmãos, para andarem com roupas de marca, para sobreviverem, sentir que não são “lixos humanos”, que têm um valor e são admirados pelos colegas por estarem trabalhando com traficantes. Na fala de um dos meninos infratores: *olha é difícil, nem todos conseguem um cargo de confiança dentro do crime, é preciso ser esperto, qualquer bobeira vai pro ralo.*

Eu fiz de tudo para trabalhar numa boca, mais o dono achava eu muito lerdo, pois duas vezes dancei com os home por vacilo, aí ele sabia da minha ficha e não confiava. Foi aí que me juntei com dois colegas e começamos a roubar as pessoas dentro do ônibus, supermercado. Só eu não usava droga e muita das vezes eu sentia medo, mas enfrentava as armadilhas que nós armava. Eu queria ter dinheiro, ter as coisas, comer comida boa, tomar coca-cola, sorvete, ter meu valor, ser visto pelas boy, andar bem vestido. Então fui entrando cada vez mais nesse mundo. No assalto, matei um cara e fui pego no fragrante. Tô aqui, mais

ainda sonho em ser um grande traficante e ter a maior boca do bairro, vou ser respeitado e de resposta **(Boy Lerdo, 17 anos)**.

Esses jovens e adolescentes presos no CEDUC, quando resolvem trabalhar para o traficante, sentem-se poderosos, podem comprar coisas como bebidas, lanches, sair com as garotas, ser assediados por elas, esbanjar dinheiro e também podem possuir o que querem; decidem se matam ou não, usam a violência como querem, têm voz e aparecem aos seus próprios olhos e aos do seu grupo como pessoas poderosas, a quem é preciso respeitar. Tudo isso parece ser mais significativo do que não correr riscos, estar seguro, o que estaria em desacordo com seus sonhos, sua coragem e necessidades e, além de tudo, demonstraria uma certa covardia.

Assim, a simples presença de um menino de periferia nos lugares freqüentados por jovens de classe alta ou média, já aparece, para aqueles que têm algo a ser privado, como uma afronta e um convite aberto à violência. A *quebra* das regras implícitas de estratificação dos *lugares sociais*, a transposição dos limites ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, enuncia novos modos de expressão da exclusão e da violência urbana. É assim que formas variadas de sociabilidade vão se constituindo a partir dessa inusitada dinâmica da exclusão social.

A percepção do estigma projetado sobre o morador de bairros pobres e favelas, o lugar social que ele ocupa, as imagens que circulam em torno dele evidenciam a cidade como espaço segregado por rotas diversas, lutas, derrotas caminhos que se diferenciam e se antagonizam. A idéia da exclusão integra-se à dimensão do estigma, condensando no plano imaginário a figura do *fudido* e do *bandido*.

Quem tem grana professora, mata e rouba também e ainda fica em liberdade, ao contrário do pobre que não tem nada é fudido mermo. E tem mais por causa da aparência veve levando nome de bandido, marginal e o caralho de asa. Os rico acha que alguns lugares de Natal eles compra, são dono. Mais a violência vai explodir para todos (risadas), o mundo já está de cabeça pra baixo, esculachado. Filho de rico um dia só dentro de uma cela é a coisa mais engraçada, chora, se treme todo, sabe que não pode contar com nós e sente que está no nosso espaço. Pena, que os home libera logo, vem advogado filho da puta, pai, mãe, e toda família, sem acreditar que o cuzão cometeu algo errado, sempre foi os colega que meteram ele nessa. Tem sujeira maior que essa? Que ódio!!! Sei que eu é que vou morrer no lugar de um bosta rico desse já odeio por natureza esses boy, não chego nem perto **(Fatal, 19 anos)**.

A violência e o medo combinam-se a processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social. Na verdade, medo e violência, coisas difíceis de se entender, fazem o discurso reproduzir e circular, pois, impõem separações, constroem muros, delineiam e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e de evitação e restringem movimentos. Em resumo, em relação aos meninos infratores as pessoas sentem medo da violência praticada por eles e elaboram preconceitos e tentam eliminar ambigüidades.

A cidade, para os jovens e adolescentes se expressa claramente na desigualdade, na fome e na exclusão social. Para eles, o inimigo mora do “outro lado”, em espaços inacessíveis aos pobres da periferia. A rebeldia e a exclusão juvenil invadem o palco da cidade, produzem enredos culturais diversificados, em que a pluralidade e a diversidade articulam-se dentro de um mesmo referente: o direito de ser reconhecido como habitantes e consumidores da e na cidade, para a constituição de grupos identitários.

Na análise que segue, mostro como os relatos dos meninos confinados no CEDUC/Pitimbu, de crimes, roubos, crueldades recortam experiências de violência e, ao fazer isso, reorganizam e dão novos significados, não apenas as experiências individuais, mas também ao contexto social no qual ocorrem. A narração, diz Certeau (1984, p.77), é uma arte de falar que é *ela própria uma arte do agir e uma arte do pensar*. Os relatos dos crimes desses jovens e adolescentes são um tipo específico de narrativa que engendram um tipo específico de conhecimento.

### 3.1 ESPAÇO E TRAJETÓRIAS: DE ONDE VÊM OS JOVENS E ADOLESCENTES.

*(...) fugiu de casa às sete horas da manhã/no dia errado/ levou na bolsa umas mentiras pra contar.  
Deixou pra trás os pais (...) um passo sem pensar, outro dia, um outro lugar, pelo caminho garrafas e cigarros sem amanhã por diversão roubava carros (...) a vida é bela, o paraíso é um comprimido, qualquer balaço ilegal ou proibido.*

*Alvin L/Dinho Ouro Preto*

O olhar sobre o espaço do CEDUC/Pitimbu, onde os meninos infratores se encontram confinados, traz o risco de uma leitura incorreta pautada na idéia de que a criminalidade e violência são dois tipos de ação bem definidos ligados diretamente a questão da pobreza; ela parece, a primeira vista, se localizar em ruas e bairros periféricos ou em favelas da cidade de Natal<sup>32</sup>, nos quais os jovens e adolescentes circulam antes de serem confinados. O aprofundamento da discussão e mesmo uma observação mais acurada não deixa dúvidas de que as diferentes formas de violência

---

<sup>32</sup> Mãe Luíza, Felipe Camarão, Cidade da Esperança, Favela do Detran, Favela do Japão...etc, todos os bairros periféricos apresentam uma maior efervescência juvenil nas ruas do que bairros residenciais de classes sociais economicamente mais elevadas, como Tirol, Petrópolis, Morro Branco e outros localizados no *centro* urbano.

estão disseminadas em todos os recantos da cidade e não apenas relacionada a espaços e pessoas pobres.

Tal constatação parece ser reafirmada pelo fato do homem urbano se vê encurralado atrás de aparatos de segurança e inúmeras precauções em seu dia-a-dia. O olhar mais atento para a paisagem da cidade mostra o quanto à violência está presente nos bairros ricos: são cercas elétricas, empresas de segurança privadas, um grande arsenal de armas de fogo que se espraiam por toda parte. Todas as incertezas e angústias pontuadas pelo medo, sentimento peculiar de uma classe média decepcionada na satisfação de suas necessidades de conforto, proteção e autodefesa, aparecem assim associadas a um tipo de convivência cotidiana entre maneiras de viver bastante diferentes e permeadas de tensão, que se mostram na proximidade de bairros ricos e favelas ou periferias sobrepostas na dinâmica da grande cidade.

Mobilizados pelo medo, os cidadãos adeptos da lei e da ordem ou talvez da sua lei e sua ordem, procuram de acordo com seus recursos, se proteger de todas as maneiras possíveis, das circunstâncias e elementos de risco que atingem uma ordem social que se queria preservar na efervescente dinâmica dos grandes centros urbanos. Uma das dimensões dessas formas de se proteger se dá mediante a interferência no modo de ordenação dos espaços nos quais se dramatizam as relações sociais.

Embora tenha afirmado anteriormente que violência e pobreza não estão diretamente associadas, não poderia deixar de constatar que no Centro Educacional é imediatamente visível para qualquer observador que os jovens e adolescentes lá confinados não pertencem às classes mais favorecidas, ao contrário advêm de lugares pobres, bairros periféricos, vilas e favelas. O que, é preciso chamar a atenção, não

reafirma a tese anterior, mas demonstra, na realidade, o tratamento diferenciado que é dado aos que têm melhores condições financeiras em nossa sociedade.

Nas minhas observações e o tudo mais estudado dentro do CEDUC, fica claro que só pobre e miserável cumpre pena na instituição. O relato de Naor (16 anos) não é a única evidência de que isso ocorre, mais uma delas.

Eu e um filhinho de barão fomos roubar uma farmácia para pegar um barato para fazer a cabeça. Fomo pego, e o Mané ainda atirou no vigia, logo fomo levados para delegacia do menor, quando ele me convidou, jurou que se algo desse errado o pai dele nos tirava na boa. Acredite... Ele nem desceu pro CEDUC na mesma noite dormiu na casa dele, fui acusado de tudo sozinho, e estou aqui nesta bosta por tentativa de homicídio e roubo. O Mané na hora H nem lembrou de eu. Professora, pobre é culpado de tudo quando tá de mutreta com rico. Pois eles não chegam nem a conhecer o CEDUC, é a lei do cão, do inferno, da selva, somo bichos feroz **(Naor, 16 anos)**.

Especialmente nesse relato, o que percebi foram as evidências de que as condições de pobreza e de desigualdades sociais<sup>33</sup> suscitam não apenas sentimentos dolorosos de humilhação, mas também de ressentimento onde o outro é considerado como participante de uma superabundância vital da qual se está excluído. Por isto, é compreensível que o jovem de periferia utilize gírias para ridicularizar, chocar os jovens e adolescentes das elites: *mané, boy metido a rico, filhinho de papai, cuzão, otário, burguês, boiola, barão, bunda mole, ele é as prega do cu, pau pequeno, rosca furada, chupa rola*. Uma forma de aumentar a distância social entre eles, só que no sentido inverso, se diferenciando daquilo que se acha sujo, feio, indigno, ao fazer isso, de certa

---

<sup>33</sup> Novamente me remeto a Silva (2000, p.96), ele diz: *que a identidade e a diferença não entidades preexistente, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição.*

forma os meninos se colocam superiores aos possuidores de melhores condições financeiras.

No CEDUC/Pitumbu posso afirmar que os meninos de periferia, os pobres e miseráveis são os que estão realmente pagando por seus delitos. Na instituição eles passam a conhecer outras formas de violência, pois precisam também aprender a se proteger dela. A violência vai sendo ensinada pelos mais experientes para aqueles que estão chegando, sempre através de exemplos concretos que atingem os mais fracos, física e ou psicologicamente. Os mais antigos mostram seus métodos, estilo e, porque não dizer, sua paixão pelas agressões, assassinatos, chantagens, roubos, destruições, dentre outras formas de violência. Nada do que seja crapuloso dentro do CEDUC é estranho a esses meninos. O medo vai sendo trabalhado e reproduzido, e nele a violência é a um só tempo combatida e ampliada.

Quando fui visitar meu menino no CEDUC, foi que vi o quanto ele estava mudado, muito agressivo, com pensamento dos piores que a professora imaginar, apesar de não ter estudo eu saí dali achando que algo de muito sério acontecia dentro das celas. Chorei muito e entreguei a Deus, pois sabia o fim do meu menino, era só botar os pé fora dali ou matava ou morria. Eu ficava apavorada só em imaginar. Ali ele estava mais violento do que nunca e usava mais agressividade para defender sua pele. Percebi mancha rochas nos braços, arranhões no rosto... fugiu do CEDUC e apagaram meu menino no mermo dia **(Martina, 38 anos)**

Algumas mães ficam apavoradas quando o filho é posto em liberdade, pois elas sabem que a volta pra casa é perigosa para eles. Elas têm consciência que para o filho não tem meio termo. Ou eles irão matar e voltar para o CEDUC/Pitumbu ou em pouco tempo estarão mortos. Em geral, as mães encontram-se em um labirinto, um beco sem saída, pois não podem tirá-los do CEDUC para mandá-los a outro lugar, pois às vezes os parentes mais próximos são ainda mais pobres. Não há saída, a não ser

aceitar a situação em que o filho se encontra e recebê-lo de volta em casa. Com relação aos meninos envolvidos com atos infracionais, que possuem uma situação sócio-econômica melhor, os pais os colocam em outros lugares, os internam em clínicas particulares para que recebam tratamento adequado no que concerne ao uso de drogas, mudam de cidade, de escola, enfim, fazem tudo o quanto é possível para que os filhos não precisem passar pela dura realidade do CEDUC, o que, em geral, parecem ser atos muito mais efetivos do que a internação na Instituição em pauta.

O ordenamento dos espaços urbanos deveria, assim, ser sinalizado com tudo aquilo que representasse a possibilidade de emoldurar a vida social num sistema fixo de valores e de poder. Nas cidades, a sinalização desses espaços, abertos e necessariamente públicos, abre um território especial, uma região teoricamente do povo, nas palavras de Roberto da Matta (1991, p.19), *onde os problemas estão centrados sempre no coletivo e na multidão, naqueles estados que são o inverso do indivíduo que o sistema de vida moderna consagra com normal e ideal.*

Assim, a rua, lugar por excelência destinado à vivência coletiva, constitui-se muitas vezes, na ótica cidadina, em espaço incerto, permanentemente aberto ao conflito e embate de modos de vida diversos. As questões que envolvem a relação de vida íntima e privada com a comunidade são freqüentemente demarcadas pela oposição casa/rua. Oposição que, para o caso particular da sociedade brasileira, ganha um significado mais abrangente, como nos faz entender Da Matta, para quem “casa” e “rua” não são, entre nós, palavras que,

... designam apenas espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações,

músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (1991, p. 17).

“Casa” e “rua” designam, então, não apenas esferas de significação sociais que permitem separar contexto e configurar atitudes, que contêm visões de mundo ou éticas particulares, são também *modos diferenciados e complementares de ordenar e de reconstituir e construir ou inventar a experiência brasileira* (DA MATTA, 1991, p. 47).

Vivendo aglomerados com suas famílias, em locais desprovidos de serviços e equipamentos públicos que proporcionem uma socialização comunitária digna, livre de opressão e constrangimento, é natural que muitos jovens e adolescentes busquem nas ruas da grande cidade a satisfação de suas necessidades, afastando-se, desse modo, de sua comunidade original.

O mundo da rua representa, nesse contexto, um universo a ser explorado, sem limites e imposições. É o espaço da liberdade, liberdade de ação e locomoção, lugar onde os meninos podem ser donos de si mesmos e de seu tempo. São grandes as astúcias e as peripécias desses meninos no reinventar diário da vida cotidiana. Mas, por trás delas há todo um sofrimento, um desejo enorme de descobrir o outro e a si mesmo, de explorar o novo espaço que promete uma liberdade incondicional, mas que é também, na realidade, permeado por regras sociais e interditos: vigiado pelos olhos atentos das pessoas que passam, dos guardas parados nas esquinas, enfim dos indivíduos que constroem a cidade e passam a perceber a discrepância entre a paisagem que se quer construir e aquilo que os meninos representam.

A maioria dos meninos com que tive a oportunidade de conversar no CEDUC, já morou na rua ou em barracos de bairros periféricos, além de, como eles afirmam: *no meio do mato quando preciso; na casa de um e de outro; quando os home*

*aparece a gente se emburaca na primeira casa que tiver aberta. Para eles, além da liberdade e da segurança que a rua parece professar, trata-se também de proteger a família. Como eles mesmos dizem: é preciso ficar longe da família quando a gente está no crime.*

Moro na rua faz um tempão, não ia prejudicar mãe e minhas irmãs, o barraco já é fraco, quando vão atrás de mim quebram tudo, então na rua eu tenho mais segurança e de longe protejo mãe. Trabalho com o dono da boca em outro bairro e às vezes durmo por lá, na casa de um, de outro, não tenho lugar certo. A rua é o canto mais certo e eu me viro muito bem. Agora caí, tô aqui preso no CEDUC, mais depois volto pra rua, pro trabalho que sei fazer **(Marley, 16 anos)**.

Eu era gêmeo com o que mataram. Meu irmão idêntico a eu trabalhava na pizzaria, e eu trabalho vendendo drogas, aviso quando a droga chega sou fogueteiro também. Um dia meu irmão vinha pra casa e uns boy de outro bairro que queria me pegar, não sabia e pegaram meu irmão, quanto mais ele se explicava mais apanhava, caiu e bateu a cabeça na quina da calçada e morreu, depois que os Mané ficou sabendo que era gêmeos de eu. Meu irmão morreu no meu lugar, nunca mais tive coragem de voltar pra casa. Agora quando sair do CEDUC vou ver, a mãe pediu que eu volte pra casa **(Coragem, 18 anos)**.

Comecei a trabalhar pra boca de aviãozinho, num mermo dia pulei fora de casa, pois sei que na hora, que os home vem atrás, só da pra mãe, os home num respeita nem mulher, chega quebrando tudo. Então a coisa mais certa que Deus me deu foi mãe, aí pros peste não fazer essa humilhação com ela que é boa, eu desapareci de casa. Tanto que só num dia da visita que ela vai ver eu, pois ficou sabendo que tô aqui preso **(Bombom, 16 anos)**.

Não é difícil entender o que se afigura nessa visão específica da rua, eleita como local de proteção para os malandros, marginais em geral, e por isso a rua é o lugar mais seguro do que a própria casa, que deixa de ser o seu referencial de vida, de carinho, de tranquilidade, enfim, de tudo aquilo que se soma e define a nossa idéia de lar e calor humano. Essa é a idealização da casa, do lar, mas na prática nem sempre é isso que ocorre. Embora ela seja idealizada como aconchego, nem sempre há carinho, calma, calor humano. A partir do momento que os meninos confinados no

CEDUC/Pitumbu, cometem seus delitos a rua passa a ser o lugar de proteção e a casa o lugar do perigo.

Os home vem com tudo nos pegar em casa, mexem em tudo sem pedir permissão, e acabam botando a casa e a família da gente na pior, quebram tudo atrás de droga, arma, e as vez ainda bate nas pessoas. Eu fico bolado e sigo outro caminho, me misturo na rua com outros, me escondo pelas brenhas, mas pra casa não volto, lá o lobo mal está mais faminto para me pegar. Professora, essa historinha do lobo mal era a que eu mais gostava de ouvir da minha mãe quando pequeno. Bom, eu matei um velho que reagiu, mas o filho dele me reconheceu depois de muito tempo e eu fui preso ali na esquina da locadora FM **(Bob Esponja, 18 anos)**.

A moradia dos jovens e adolescentes passa a ser a rua. O lugar público transforma-se em privado, o que ocorre por vários motivos, já que nele se consegue alimentos; brinca-se em terrenos baldios; dorme-se nas calçadas das igrejas, sob as marquizes de casas comerciais ou em casas ou armazéns desocupados; troca-se conhecimento com outros meninos e adultos. A rua é o espaço de socialização, nela se dominam e internalizam as normas de sobrevivência e a moral própria ao mundo que escolheram.

Escolhi o mundo dos espertos eu diria (risadas), bandido é o boy que tem a visão, a noção da vida que leva, ele sabe o que acontece, ou vai morrer ou vai preso, é o jogo da sorte ou do azar. O boy pra ser bandido tem que ser esperto, saber que o crime é um meio de sobrevivência pra você e sua família. Saí de casa mais sempre ajudo minha mãe. A rua me mostrou várias coisas boas e ruins, aprendi a me defender cedo. Assaltei, matei, vendi drogas. Caí tô aqui no CEDUC, mas não se arrependo de ter saído de casa foi a melhor escola **(Cabeção, 17 anos)**

Eu apanhava muito do home que ficou no lugar de pai, e mãe ficava triste, mais não largava daquela praga, não podia se meter porque ele dizia que tava me educando pra eu não ser bandido. Um dia depois de uma pisa de corda, deixei todos dormir e fui embora de casa pra sempre. O pilantra andava atrás de eu, mais eu já estava nas droga, na rua, eu era de eu mermo e minha casa era a rua. Esbarrei com ele um dia, meu padastro, e ele veio correr pra pegar eu, os colegas cercaram e

ele se mandou com medo. Depois eu muito doido de tudo resolvi matar aquele que me espancou muita das vez. Cai aqui no CEDUC, mas quando sair não volto pra casa pra que? **(Orelha, 17 anos)**.

Viver na rua implica um aprendizado particular, a valorização de certas qualidades, do mesmo modo que o aprendizado escolar implica na assunção de capacidades específicas. Na rua, é necessário aprender a sobreviver, a se defender, a se fazer respeitar, portanto, a lutar, a assumir e reinventar signos de reconhecimento e pertencimento a um determinado grupo.

Há quem diga que na rua se encontra de tudo um pouco. Ela aparece como um mosaico, que ora mostra seu lado fascinante, ora o seu aspecto mais cruel. São indivíduos solitários ou não, ricos e pobres que nela apenas passam. Uns criam raízes, outros criam laços afetivos e outros perdem a direção.

O meu menino saiu de casa e foi morar com uns colegas para trabalharem com um traficante, fui atrás várias vezes, não teve jeito, chorei muito. Um dia foi preso por matar um rapaz que devia um dinheiro a eles lá da boca, de menor aí desceu para o CEDUC/Pitumbu, cumpriu a pena, voltou para casa mais só passou três dias. Veio um dia me visitar e disse: tá difícil mãe de sair dessa vida, tô atolado de dívidas, quem não paga... Eu tenho que pagar ou continuar matando, é um labirinto e eu ainda não consegui encontrar a saída. Veio só se despedir, na mesma noite mataram ele na esquina, eu ouvi os tiros nunca pensei que fosse meu menino, existe sofrimento maior para uma mãe?**(Coralina, 40 anos)**.

Cometer ou não um ato criminoso é uma questão bastante circunstancial na vida desses meninos, uma vez que a permanência fora de casa, nas ruas faz com que estejam continuamente expostos às possibilidades de praticar delitos, aumentar suas dívidas com traficantes, etc., o que os obriga a se inserirem cada vez mais no mundo do

crime<sup>34</sup>. Para esses meninos o crime se torna uma roda viva, seja porque eles tornam-se viciados nas drogas que em geral ajudam a comercializar, seja porque em meio a eles adquirem dividas monetárias ou de sangue que, em geral, são pagas através dos mais diversos atos criminosos ou com a própria vida.

Os jovens e adolescentes criam modos próprios para se relacionarem entre si e com aqueles com quem convivem e dependem no cotidiano. Segundo Magnani, é *nesses espaços que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais* (1996, p.19).

Na rua o cotidiano dos meninos ganha um ritmo peculiar. Nela eles começam a ter acesso às drogas, trabalham de aviãozinho, assaltam residências e cometem inúmeros delitos, uns mais graves, outros menos. A vida para eles é cheia de aventuras e riscos, a ameaça de agressões de fora e ou do próprio grupo estão sempre presentes e fazem parte do aprendizado da escola da rua.

Comparada com os limites estreitos de sua casa, a vida na rua, a partir da percepção deles, aparece como o que há de melhor, é recheada de descobertas fantásticas, cheia de atrativos, novos conhecimentos e informações, e também lhes dá a oportunidade de observar o modo de vida de pessoas pertencentes a outras classes sociais.

---

<sup>34</sup> O crime fornece um simbolismo com que discutir sobre outras coisas que são percebidas como erradas ou ruins, mas sobre as quais não pode existir consenso de interpretação ou vocabulário. Também oferece o simbolismo com que discutir sobre outros processos de mobilidade e descendente. Além disso, o crime fornece uma dramatização para a narrativa de eventos aos quais falta esse caráter dramático – por exemplo, um processo de quatro década de mudança num bairro -, mas cujas conseqüências podem ser perturbadoras para os indivíduos que as experienciam. Na fala do crime, o medo do crime se mistura com a ansiedade sobre inflação e posição social; a condição individual se entrelaça com a situação social e com as transformações na cidade, no espaço público e no bairro; as experiências biográficas refletem as condições sociais. Na verdade é a translação recorrente e a reflexão contínua desses diferentes níveis por meio do vocabulário do crime e suas categorias que trazem dramaticidade para avaliação dos atuais dilemas da sociedade (CALDEIRA, 2000, p.39).

O comentário de Dona Paulina, mãe de um infrator, demonstra o quanto a entrada no mundo do crime aparece como uma alternativa para o cotidiano cheio de privações vivido pelos meninos, que vêm na droga a possibilidade de melhorar de vida.

Meu menino todos os dias saia para fazer bico, ganhar um dinheirinho e ajudar nas despesas da casa, foi engraxate, entregou mercadoria de supermercado, limpou jardim em casa de rico às vezes por um prato de comida. Então um homem um dia convidou para ele trabalhar de entregador, só que seria só para ele e que pagava bem. Ele foi, os dias foram passando e meu menino quase não vinha em casa, estava atolado nas droga e seu trabalho era entregar droga para gente rica. A bomba estourou e quem pagou foi ele que apanhou muito e ainda está preso. Ganho pouco, muito pouco, mais não tinha necessidade do meu menino entrar para essa maldição. Aqui, nem que for farinha com feijão, se come. O pai e os irmãos não vão visitar o bichinho; eu, além de me matar de trabalhar ainda arranjo tempo para levar algo e beijar meu menino. Quem devia tá preso dona professora, era esses homem que vem desviar o caminho do pobre, oferecendo luxo e tudo mais **(Paulina, 47 anos)**.

O relato dessa mãe nos mostra uma das maneiras como se dá a entrada desses jovens e adolescentes no mundo do crime. A pobreza e as privações que os filhos passam, as humilhações por serem de periferia, o preconceito que é estampado na cara das pessoas, o descaso do pai<sup>35</sup>, a ignorância de educar espancando os filhos. Tudo isso contribui para eles aceitarem convites de estranhos, promessas, o embalo de uma *viagem* nas drogas e entrarem em uma enrascada pensando em mudar de vida, podendo ter o seu próprio dinheiro, fantasiando e colorindo a cada dia um mundo perigoso de poder, que acaba quase sempre nos pavilhões do CEDUC e na realidade de um mundo cão, violento e cruel.

---

<sup>35</sup> Eu não pude deixar de observar no CEDUC e nas conversas com as mães, que o pai, ou aquele que o representa, em sua grande maioria está ausente na vida destes jovens e adolescentes. Em nossa cultura o pai é quem faz o *corte*, que dá limite, enfim, que faz valer a lei. Porém, ele não está presente na vida destes meninos, que por coincidência ou não se envolveram com o crime, as drogas, indo de encontro àquilo que não tiveram; *a lei do pai*. Como consequência da falta da introjeção de uma lei, se assim posso dizer, estes meninos procuram uma outra lei, um outro pai, que se personifica na figura do traficante, aquele que vai oferecer uma outra lei, embora ilegal e perversa. (grifos da autora)

Não podemos esquecer que a violência é uma forma de poder e como tal é exercida pelo mais forte contra o mais fraco. Nesse sentido, mulheres, idosos e crianças são suas vítimas em potencial, pois possuem menor força física e, conseqüentemente, menor capacidade de defesa. O mesmo ocorre com os viciados – mesmo aqueles que supostamente estariam em pé de igualdade com os agressores – perdem a capacidade, o domínio do seu corpo e são mais facilmente dominados, já que as drogas, pela sua ação, os deixam mais vulneráveis às agressões de qualquer tipo. A violência se cumpre através da força e do poder, é consenso que ela é exercida mais facilmente sobre os mais fracos ou através de armamentos que tornam poderosos aqueles que poderiam ser submetidos sem grandes dificuldades, como é o caso dos jovens e adolescentes confinados no CEDUC/Pitumbu.

Desta forma, para os meninos de periferia, o imperativo de sobreviver e, além disto, de não se sentir inferior, vai fazendo com que a rua acabe atraindo mais sua atenção do que estudar ou trabalhar. Inclusive a consciência de que o maior preconceito se dá, muitas vezes, nas próprias periferias, pois é lá que os meninos possuem o mesmo grau de escolaridade, o mesmo nível social, é lá que todos são iguais perante a lei, pois se existe alguma coisa que os difere: Um tem a cor do poder e o outro, da miséria. Segundo Dadoun,

Somos de imediato surpreendidos pela proximidade existente entre poder e violência, sempre de alguma forma, o poder afronta e utiliza a violência, e esta, em troca, sempre exprime uma certa forma de poder. Mais ainda: existe uma extraordinária familiaridade entre poder e violência, vínculos tão estreitos, presos de tal maneira às suas estruturas, que se chega a pensar que o único problema real do poder é a violência, e que a única verdadeira finalidade da violência é o poder – não importa sob que forma. Mais um esforço de união, ou de desarticulação, e será permitido dizer que a violência se mantém no

coração do poder e o poder se mantém no coração da violência (1998, p. 81).

As famílias dos jovens e adolescentes que estão pagando pena no CEDUC/Pitimbu são de baixa renda, pequeno nível de escolaridade, composto majoritariamente pela mãe e irmãos, sendo a figura paterna ausente ou ignorada e substituída na forma de um companheiro ou padrasto. Os meninos, segundo Oliveira (1995) pertencem a *formas desestruturadas* de famílias, estas se caracterizam pela ausência do pai, em que a toda responsabilidade pelos filhos recai sobre a mãe. Tais famílias encontram-se em situações de maior vulnerabilidade social. Como nos fala uma das mães entrevistadas, que tem dois filhos presos no CEDUC/Pitimbu.

Eu ganho uma mixaria, o pai deles tem outra família e não dá nada aos filhos, eu ralo muito pra levar alguma coisinha de merenda, sabonete, xampu pra eles lá no CEDUC. Tem mais três filhos em casa. Quando pago a bodega que eu devo, compro fiado novamente pra poder dar comida pros outros. O dinheiro que entra do serviço nas casas que faço limpeza, não dá, então faço um programa, mas, só quando a coisa aperta, dá resultado, pois ganho um dinheirinho a mais. A senhora entende, eu não sou prostituta, mas, só conhece a real situação da miséria quem vive nela. Apesar de tudo gosto deles estar no CEDUC, pelo menos tão comendo e eu dormindo sossegada, pois lá eles tão guardados. Entraram nessa de drogas, crimes, assalto, por causa de não ter as coisas, qual o rapazinho que não quer ter roupa, tênis da moda? Será que sou culpada porque não pude dar? **(Benedita, 38 anos).**

Tais conflitos se expressam na exigência dentro de casa. Os pais querem que os filhos ajudem nas despesas, que trabalhem honestamente para ajudarem na renda doméstica. Mas, a cobrança dos filhos é negativa, muitos exigem dinheiro para comprarem roupas, tênis de marca, e a família não tem como sustentar a vontade para eles poderem imitar ou reproduzir o modo de ser dos meninos ricos, para neutralizar os

efeitos da estigmatização de ser um menino pobre. É aí que o incentivo para o mercado das drogas chega com facilidade.

Portanto, a hierarquia é apenas uma parcela de um vasto universo de relações simbólicas que, embora possa caracterizar parte desse conflito, não dá conta dos elementos principais que caracterizam as estratégias de resistência dos jovens e adolescentes à situação de estigmatização em que vivem.

Diante da realidade supracitada e dos depoimentos da grande maioria das mães entrevistadas, percebi que grande parte das famílias dos internos vivem em situações sociais limites, ou seja, em miséria absoluta. Observei nessa fala, o *peso que carregam, o sentimento de culpa* que se reproduz no discurso das famílias. Segundo Volpi, o social é uma construção de mão dupla, pois:

O conceito dominante de sociedade impõe a forma da sociedade ser referendada ou reconstrói o conceito de si próprio. Assim também a família é uma construção social que a cada período da história modifica-se segundo as ações dos atores sociais na qual se insere (2001, p. 118).

Inseridos em uma realidade perversa, esses jovens e adolescentes vão, paulatinamente, entrando no mundo da criminalidade, ela se apresenta como a única perspectiva para resolução de seus problemas mais imediatos como a fome, a precariedade de habitação e o desemprego crônico, e também como a porta para um novo mundo que de outra forma lhes seria negado. Não se trata apenas das necessidades diárias, mas de reafirmar a necessidade de consumo amplamente alardeado pela sociedade. Em nossa sociedade o consumo transforma o indivíduo em cidadão, o menino em homem. Enfim, atualmente o ter dá significado à vida e às

peças. Os meninos sabem disso e vêm no consumo a possibilidade de serem reconhecidos como seres humanos e cidadãos comuns.

Aqui no meu barraco a coisa pega, tem dias que não tenho dinheiro nem para o pão. Meu menino o mais velho, não se conformava, pois queria ter tudo que um menino rico tem. Arranjei um serviço pra ele capinar o quintal da minha patroa, foi a primeira vez, ganhou o dinheiro pelo serviço e roupas do filho que a patroa deu. Gostou? Nada mulher, resolveu ganhar dinheiro mais fácil. Entrou pras drogas, roubos até cometer dois homicídio. Meu coração veve partido de tristeza, quando venho visitar aqui no CEDUC e vejo que ele ainda está mais revoltado, sei não **(Amparo, 45 anos)**.

O que percebi é que os jovens e adolescentes presos no CEDUC/Pitumbu, já nascem submetidos a carências de naturezas diversas, uma vez que as famílias estão historicamente privadas de liberdade e cidadania, considerando que não têm acesso às necessidades básicas do ser social, como: educação, habitação, saúde, lazer e trabalho.

As famílias vivem em situações de miséria, não só econômica, mas cultural e informacional e convivem com uma falta de estrutura, tanto física, que se percebe na qualidade de suas moradias, quanto familiar, já que muitos são abandonados pelos pais, vivem com avós e, em alguns casos, após sua passagem pelo CEDUC, não têm, nem mesmo para onde retornar. Tal realidade é percebida também dentro da instituição, pois aparece de forma visível e chama a atenção daqueles que convivem com a problemática dos meninos e adolescentes lá confinados.

Temos casos em que a família não aceita mais o filho de volta ou quando ele é interno a família se muda. A situação é de pobreza mesmo. Não tem condições, temos cinco meninos que estão nessa situação de abandono. A família não quer mais, nem vem visitar. Mas o restante é uma situação de dificuldade (...) tem mães que vêm para visitar o filho e pergunta se pode ficar para almoçar, porque não tem o

que comer em casa. (...) Muitas são as mães que vêm por medo do filho e não por uma relação afetiva. A família é ameaçada por ele, mesmo passando fome, pois ele quer que ela lhe traga bermuda de marca, camisa da “Bad Boy” e às vezes não sei como ela traz. O que cria uma situação de revolta e às vezes, ela não quer vir visitar por saber que vai haver pedidos. Muitas mães terminam não mais aparecendo. (...) e uma grande maioria acha muito natural essa relação criminosa, é como se não tivesse nenhuma importância **(Funcionário da Instituição)**.

A violência de jovens e adolescentes junto à própria família, muitas vezes deixa as mães com receio de visitá-los, pois muitas delas ou outros membros da família já foram vítimas dos mais diversos tipos de agressões realizadas por aqueles que se encontram confinados no Pitimbu. Pude perceber, a partir dos relatos, que a violência ocorria em várias ocasiões: nos momentos em que não tinham dinheiro nem bens materiais para ajudá-los; nas necessidades ou crises relacionadas aos vícios e quando se encontravam impotentes para quitar as dívidas das compras de armas, roupas ou drogas adquiridas por eles, dentre outros.

Em muitas ocasiões, as ausências das mães nos dias de visita se justificavam pelo medo de enfrentar o filho, por não poder trazer o que ele pediu (roupa de marca, tênis, boné); pela imprevisibilidade da reação do filho à sua presença nem sempre bem-vinda; por recearem a violência e a rejeição por parte deles, e mesmo pelo medo da perda dos filhos. É importante destacar que, quando os seus desejos não são satisfeitos, tendo em vista que eles, em geral, querem o que a mãe não pode dar, eles as agredem com palavras e as expulsam do CEDUC. Embora, em grande parte das vezes tenham consciência plena que a mãe só pode fazer aquilo que está a seu alcance. Todavia, alguns desses meninos fazem chantagem para afastá-las do local, para não ouvirem seus conselhos, choros e não verem o sofrimento da pessoa que eles mais amam, usam esse argumento para intimidá-las.

Essa correlação entre o ser e o ter é bastante comum num sistema onde o dinheiro dita regras de convivência e formas de inserção dos jovens e adolescentes na sociedade. A dificuldade de vivenciar a pobreza está justamente no limiar desse jogo de afirmação e negação da identidade de pobre. A tentativa de negar o *ser* pobre requer um *ter* material muito maior como condição de valorização dos sujeitos, cuja conquista é pouco provável num sistema social excludente.

### 3.2 ONDE TUDO COMEÇOU: BAIRROS E RUAS DE NATAL

*Nos barracos da cidade, ninguém mais tem ilusão,  
No poder da autoridade, de tomar decisão. E o poder  
da autoridade se pode, não faz questão, não  
consegue enfrentar o tubarão, gente estúpida, gente  
hipócrita.*

*Gilberto Gil - Nos barracos da cidade*

Os jovens e adolescentes confinados no CEDUC/Pitimbu saem de diversos bairros para as ruas da cidade de Natal e, em seguida, no linguajar próprio a eles, *caem* nos pavilhões lotados do Pitimbu. O seu lugar, o lugar de referência, no qual a família se encontra e onde se situa a *sua casa* são em geral bairros periféricos e pobres, de cujo espaço eles surgem, dentre eles: Quintas, Guarapes, Guamoré, Favela do Detran, Favela do Japão, Cidade da Esperança, Felipe Camarão, Favela Ponta negra, Vila de Ponta Negra, Passo da Pátria, Mãe Luiza e Novo Horizonte.<sup>36</sup> Tais localidades vão se compondo, na articulação dos fragmentos, cenários e personagens que me são descritos em relatos sobre a violência e a falta de segurança existentes nesses bairros.

Os jovens e adolescentes da periferia, das favelas, enfrentam um árido cotidiano: minúsculas residências habitadas por cinco a oito pessoas, casas, barracos

---

<sup>36</sup> Anexo A, Anexo B, Anexo C, anexo D.

montados (com flande, tábuas e papelão) grudados umas as outras, água e luz muitas vezes obtidas com ligações clandestinas, lixo a céu aberto, ruas estreitas e tortas, algumas sem calçamento, precário atendimento de saúde, insuficiente sistema de transporte, míngua comércio. Nestes ambientes, o que existe mesmo de fartura são botequins, templos religiosos, desempregados, barro, mosquito e uma teimosa vontade de viver.

São bairros pobres e miseráveis e na sua diversidade compõem a cidade de Natal. Neles as pessoas vivenciam seu cotidiano, passam diariamente, vão e vêm do trabalho, da escola, da faculdade e de muitos outros espaços. Nos bairros as crianças brincam, adolescentes jogam futebol, casais passeiam pelas ruas, vendedores ambulantes circulam, grupos de jovens trocam idéias, enfim pessoas estão sempre inventando o lugar como uma parte viva da cidade (CERTEAU, 1994 p. 179).

A violência está, no imaginário das pessoas, fortemente relacionada à pobreza, aos lugares onde os mais pobres se alojam, levantam seus barracos, os espaços em que a necessidade é mais gritante e, por essa razão, onde as estratégias de sobrevivência estariam ligadas a atos de violência, que se manifestariam em assaltos, roubos, homicídios, agressões físicas e até mesmo no tráfico de drogas.

O traficante que eu trabalhava mais ele, matou uma mulher que devia muita grana de pó e mandou a gente dá um sumiço nela, coloquemos o corpo dentro de uma mala. Mas o veio do táxi que nos levou, acho que desconfiou e chamou a polícia, quando a gente vinha saindo do matagal, fomos pego em flagrante. Meu colega contou pro juiz que não fomos nós, que foi um homem de outro bairro que nos pagou pra dá fim no presunto, depois acabou entregando tudo, mesmo assim ficou esperando audiência. Saiu logo depois, mais no mesmo dia foi morto, é a lei da selva, não sei se vão fazer o mesmo comigo eu não falei nada assumi o crime (**Boca de Sapo, 17 anos**).

Este discurso me remete a questão dos códigos de honra. Para estes meninos é preciso assumir o crime, mesmo que não se tenha praticado, disso depende não somente sua vida, mas também a continuidade de inserção dentro de um determinado grupo.

A droga e o tráfico em parceria com a pobreza operam uma grande violência nos bairros, pois retiram jovens e adolescentes da escola e lhes dão como alternativa o dinheiro conseguido com tais práticas.

Esses agentes vivem, pois, na ordem marcada por um controle impiedoso dos que infringem suas normas, mas são profundamente desorganizadores da sociabilidade e provocam um sentimento insuportável de desordem e incerteza na população urbana, principalmente a pobre (CALDEIRA, 1992, p.39).

Muitos meninos dos bairros periféricos infringem as regras sociais, em geral pelo envolvimento com drogas, que faz com que aceitem trabalharem como *aviãozinho* ou mesmo ajudando no tráfico, ou seja, levando a droga para pessoas, bairros e mesmo outras cidades. Isso tudo por um valor considerado sensato e de extrema importância para os meninos. Pois, através dele, eles ganham uma certa perspectiva de vida: conseguem ter acesso a coisas que até então não faziam parte do seu universo. Além disso, o *aviãozinho* é, no imaginário deles, apenas um degrau a ser galgado e que lhes permitirá subir ao nível do traficante responsável pela boca.

De forma geral, a violência é um componente de suas vidas, seja pelo envolvimento com os traficantes e com as drogas ou por terem que aceitar praticar as mesmas regras ditadas pelo tráfico. Ao aceitarem o trabalho que parece fácil à primeira vista, e que lhes rendem um bom dinheiro, os meninos inicialmente não têm noção dos riscos corridos. Paulatinamente as coisas vão se complicando, o encantamento inicial

relativo ao desejo de consumir aquilo a que não têm acesso e o dinheiro fácil que a venda de drogas parece prometer, vai sendo substituído pela violência experimentada por eles e contra eles.

Nesse processo os meninos acabam perdendo o controle da sua vida, já não têm vontade própria, precisam se adaptar à realidade e caem na armadilha do crime, ficam viciados, acabam consumindo as mais diversas drogas e sem condições de arcar com as dívidas contraídas; favores são negociados e eles têm que se submeter às regras que o trabalho lhes impõe. Diante de tudo não há como fugir, suas possibilidades de escolha vão ficando cada vez menores. O mergulho na violência e na criminalidade lhes coloca em um beco sem saída.

O crack entrou na minha vida para me fuder mermo. Eu trabalhava direitinho pro chefe, entregava o dinheiro certo das venda. O crack chegou e me levou pro ralo, fissura muito, se o boy fumar uma vez, quer fumar até o outro dia e tenha dinheiro. Foi assim que acumulei dívida e mais dívida. Comecei a roubar um negócio de valor, matar, pra ter dinheiro, pagava uma parte e crescia outra, mas eu tinha que fumar. Só tô vivo, porque tô aqui preso. Mais o chefe já fez minha mãe sofrer de mais da conta, ela já vendeu o sofá, algumas peças e a dívida continua rolando. Quando sair daqui é o jeito trabalhar pra ele, meu destino vai ser esse, não conheço ninguém que deva traficante **(Gentileza, 17 anos)**.

Perdi foi dois menino nesse trabalho infernal, isso é trabalho? Vendi a geladeira, algumas peças de dentro de casa para ver se salvava meus menino. Tarde mulher, quando consegui localizar a boca para negociar, fiquei sem o dinheiro que era pouco e depois de uma semana soube da morte dos dois. Hoje venho no CEDUC para visitar meu sobrinho que mora mais eu, ele foi acusado de ter ajudado a matar um rapaz pra roubar, assim que ele sair daqui vamo embora pro Sertão, chega de tanta morte, agora só é nós **(Vicentina, 49 anos)**.

É a grande preocupação das mães entrevistadas com o tráfico de drogas. As drogas, especialmente a maconha e o crack são comercializados livremente nas ruas. A situação lhes causa muito medo, insegurança e preocupação com suas crianças que

estão sendo atraídas pelo tráfico, algumas vezes se viciando, outras trabalhando para conseguir dinheiro ou a droga para uso próprio. Em Natal, mais especificamente nos bairros periféricos, vilas e favelas é notório o fato das crianças, jovens e adolescentes estarem se viciando muito rapidamente.

Os lugares e bairros periféricos, também são aqui entendidos como um mundo habitado por pessoas de classe média que procuram jovens e adolescentes para trabalharem com eles. O tráfico aparece como o mundo do dinheiro fácil, pois é produzido e organizado pela própria sociedade, por um grupo social, que desenvolve e articula as suas relações de maneira que esses meninos pobres são atraídos e atirados de cabeça no mundo do crime.

Mulher, minha casa é um barraco de tábuas com papelão. Eu luto muito pra conseguir comida para meus meninos e netos, faço de um tudo. O mais velho se meteu com um traficante e acabou no CEDUC. Agora ele fica rondando meu barraco para incentivar o outro a ir trabalhar mais ele, disse que meu menino que foi preso devia muito ele, e o irmão pode pagar a dívida com trabalho. Tô pra ficar louca, pois sei que mais cedo ou mais tarde ele consegue, e eu nem quero ver **(Marli, 35 anos)**.

Esse labirinto do qual esses meninos não conseguem encontrar o caminho de saída, acaba enredando outras vítimas, às vezes o próprio irmão, o primo e as próprias mães que muitas vezes têm que arcar com as dívidas contraídas por seus meninos. Paga-se o preço que for, mesmo que o preço seja a preservação das condições que propiciam a existência do mal. E assim, sempre tem um menino (da própria família forçado pelos traficantes) para substituir o outro que “caiu” no CEDUC, pois as dívidas cheiram a confusão, perigo, sangue. É preciso pagar e, para isso, na maioria das vezes colocar outro no mesmo labirinto da morte.

O preço desta consagração autocomplacente é a violência. Violência da qual, entretanto, a sociedade não pode prescindir (mesmo sofrendo tanto com ela), porque deseja continuar dispondo de cada menino infrator, como bode expiatório para expiar seus males e exorcizar sua insegurança mais profunda, aquela que advém de sua própria finitude, isto é, de sua mutabilidade.

Cada cultura, cada grupo social tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura”.

... a cultura, no sentido dos valores públicos, padronizados, de uma comunidade, serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ela fornece, antecipadamente, algumas categorias básicas, um padrão positivo, pelo qual as idéias e os valores são higienicamente ordenados. E, sobretudo, ela tem autoridade, uma vez que cada um é introduzido a concordar por causa da concordância dos outros (DOUGLAS, 1966, p.38).

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e reforça ou marca a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação.

De certa forma, os relatos parecem demonstrar uma realidade com a qual as pessoas se acostumam a conviver a ponto de invisibilizar a violência, sem perceber que

ela muitas vezes está próxima, dentro das próprias casas ou famílias. Não se trata apenas de não vê-la, mas também em alguns casos, de não querer percebê-la. Dessa forma ou ela é tornada invisível ou naturalizada como um fato corriqueiro, sem importância.

Nos bairros periféricos de Natal, onde as famílias da maioria desses meninos confinados no CEDUC moram, a vida em grupo dos jovens e adolescentes na rua parece ser uma característica mais acentuada do que em outros espaços da cidade. Os próprios meninos distinguem esse aspecto de vida juvenil na periferia, diferenciada dos bairros de classes médias e altas.

Em seus depoimentos eles contam dos costumes, comportamentos no bairro e do estar na rua. Nos bairros, entre os infratores, há uma certa cumplicidade desde que façam parte do mesmo grupo e tenham interesses em comum. O grupo dá suporte e possibilita uma certa proteção. Fazer parte dele significa também estar entre iguais e se reconhecer como tal, se diferenciar do outro e se divertir em conjunto.

Sabe professora, acaba sendo divertida nossa maluquice, principalmente quando nós pega um playboizinho, que tem medo da gente como se a gente fosse bicho feroz, aí a gente toma tudo dele, e ele fica lá todo borrado com medo de morrer. Eu entrei para o crime. Lá em casa a mãe nunca compra roupa, ou compra roupa ou comida, os dois não dá. Só tenho roupa usada que a mãe consegue na casa das madame. Tenho um tênis da Redley que ganhei de um traficante depois que fiz um servicinho pra ele. Aí achei bom, não quero usar mais roupa dos outros, queria ter dinheiro pra comprar roupa de marca ser visto pelas pessoas bem arrumado, aí eu pedi um trabalho pra ele. Só que a corda quebra para os mais fracos, a minha quebrou, fui pego em flagrante **(Torrão, 16 anos)**.

Quando a gente saia tudo junto era aprontação mermo. Um dia fomo ver uma quadrilha não de ladrão, aquelas que dança no São João, nem um de nós tinha grana, a gente ficava perto das mesa dos rico, e na distração deles olhar a dança a gente pegava cerveja, salgadinho e se mandava. Passemos a noite se divertindo dessa maneira. Se o guloso do Zé peidão não fosse tão esfomeado, e atacado o balcão que vendia as

comida a gente tinha brincado mais. Mais os segurança nos pegou e além de mostrar o caminho da rua ainda nos deu uns tapa no ouvido - o chamado telefone (**Zeca doidão, 18 anos**).

Devemos também aceitar, e enxergar que a violência desses meninos, que no seu universo aparece como uma forma de garantir sua liberdade, assim como uma forma “fácil” de ganhar dinheiro, na realidade aparece muito mais como um caminho para trancafiá-los em instituições como o CEDUC. A liberdade é apenas uma ilusão, pois mesmo que não estejam presos nos pavilhões do Pitimbu, os meninos se encontram fortemente acorrentados a uma realidade da qual não parece haver escapatória: fazem *aviãozinho*, compram a droga para consumo próprio, tornam-se cada vez mais dependentes, aumentam o próprio consumo e contraem dívidas junto aos grandes traficantes; como forma de pagá-las são chamados a roubar, matar, e isso ocorre indefinidamente, até que, eles mesmos sejam pegos na teia que ajudaram a tecer.

Eles entranham-se nesse mundo e passam a adotar a violência como forma de se afirmarem e imporem aos outros a sua vontade. De fato, a vida que lhes prometia o paraíso do consumo e do poder, de força em relação ao outro, lhes retira quaisquer possibilidades de escolha, e a liberdade passa a ser apenas uma figura retórica em seu discurso, pois eles, em sua grande maioria, ficam confinados durante dias, meses e anos, um tempo que lhes é roubado e que não lhes permite a vivência daquilo que mais prezam.

De fato, é um pouco por acaso, por má sorte, que os jovens e adolescentes das famílias pobres são apanhados, muitas vezes por estarem em lugares suspeitos na hora errada. No imaginário deles ser pego está relacionado ao acaso, ao azar, até

porque como eles se acham mais espertos, mais inteligentes, não poderiam deixar de pensar assim. *Foi um grande azar*, falam muitos infratores, referindo-se a sua apreensão. Isso pode ocorrer devido a um flagrante, uma denúncia anônima ou suspeita numa das batidas policiais.

Essas probabilidades aumentam às vésperas do carnatal<sup>37</sup>, festa de fim de ano e outros eventos, considerados importantes, quando a polícia faz uma verdadeira “limpeza” nas áreas centrais, tirando de circulação todos quantos possam prejudicar a imagem da cidade.

Não resta dúvida quanto ao poder e a capacidade que a sociedade tem de reforçar os estigmas dos meninos confinados no CEDUC. Ao se associar à imagem do *infrator*, *marginal*, ou ao ser *anti-social*, estabelece a necessidade de promover o controle sobre suas ações e práticas. Nas palavras de Violante:

O estigma é um efetivo mecanismo de controle social, que exclui o estigmatizado tanto social como psicologicamente, impedindo-o de ser aceito socialmente. A marca estigmatizante impõe-se de tal modo que destrói a possibilidade de atenção social para outros atributos seus. O estigma da marginalidade constitui-se num estereótipo em que se associam a pobreza e suas manifestações (1997, p.24).

Quero chamar a atenção também, para o fato de que a pobreza é tão heterogênea como a riqueza e que a família não é simplesmente um antecedente inseparável do sujeito, mas instância que responde, em grande parte, pela socialização do indivíduo. Não se trata, pois de desconsiderar as condições materiais de existência que interligam pobreza e violência. Trata-se de relativizá-la, para que se possa compreender que aquilo que a primeira vista parece ser a causa única do fenômeno da

---

<sup>37</sup> Carnatal – carnaval fora de época que ocorre na cidade de Natal, durante o mês de dezembro.

violência de jovens e adolescentes deve ser aliada a outras situações concretas vividas no processo de socialização na família e que constituem a identidade social. Por outro lado, percebo que,

A constante recorrência à pobreza como justificativa da violência, ainda que reflita o esforço de muitos em denunciar a estrutura social protetora de aberrantes desigualdades acaba por homogeneizar todos os pobres numa única visão, reforçando o próprio estigma da pobreza, ao tratá-los como vítimas passivas de uma estrutura social que os imobiliza politicamente, quando não os coloca num tipo de visão glorificada, o que obviamente impede que os pobres sejam tratados como identidade social, conforme nos adverte (ZALUAR, 1985, p.67).

A droga e o tráfico em parceria com a pobreza operam uma grande violência nos bairros periféricos, além de criar centros de conflito sangrento nessas vizinhanças pobres e corromper as instituições encarregadas de reprimi-lo, também reforçou a tendência à influência maléfica aos usuários, sem falar nas façanhas dos traficantes que atraem crianças, jovens e adolescentes, estimulando-os a *melhorar de vida, sair da pobreza. Muitos caem nessa armadilha sem volta, pois em geral não é apenas o dinheiro conseguido com o tráfico que vicia, mas a própria droga que passa a fazer parte do cotidiano e os leva a cometer crimes cada vez mais graves. Sobretudo nos bairros pobres, o tráfico tem tido efeitos trágicos na vida cotidiana.*

O *aviãozinho* prepara os traficantes do futuro e os viciados de hoje, além de naturalizar a violência como algo positivo e necessário para aceitação do grupo. As pessoas dos bairros, de modo geral, não percebem claramente a violência, pois os jovens adolescentes ajudam na sobrevivência da família e os próprios traficantes incrementam as rendas dos habitantes, seja por pertencer aos núcleos familiares locais

ou por consumir os produtos que são comercializados pelo segmento da economia doméstica dos bairros.

Os meninos, por sua vez, levados pelo espírito juvenil da possibilidade de poderem ter e fazer aquilo que quiserem, lançam-se constantemente na aventura, no inusitado, no perigo que para eles, de certa forma, representa o espaço do lúdico em suas vidas. Eles não medem as conseqüências das suas ações. Vivem o hoje como uma brincadeira, como se tudo fizesse parte de um jogo no qual parecem ditar as regras, mas, das quais muitas vezes, são vítimas.

Fora do espaço disciplinar, a rua é para eles, o espaço de liberdade, ao mesmo tempo em que se torna o lugar do enfrentamento dos perigos e das ameaças. Para os jovens e adolescentes a rua seria, nas palavras de Guimarães: *O lugar, por excelência, da elaboração dos padrões de virilidade. As demonstrações de coragem e de força física ainda representam modos tradicionais de afirmação desses grupos, sobretudo entre as camadas populares* (1998 p. 204).

Dentro das experiências dos jovens e adolescentes que hoje estão confinados no CEDUC/Pitumbu, a infração à ordem tornou-se habitual, banalizou-se nas ruas, progredindo do pequeno furto para o roubo; das agressões físicas até os homicídios que praticaram. Como diz Zaluar: *O uso da arma de fogo, o primeiro assalto, a primeira morte, são como rituais de passagens que marcam a entrada do menino no mundo dos homens* (1994 p.143). E é essa a visão desses jovens e adolescentes, o mundo do crime sempre será um palco para chamar atenção, e mostrar que são perigosos; homens a serem temidos, não meninos a serem protegidos. No mundo da violência eles são os atores principais e sua simples presença impõe respeito, que na realidade se pauta no medo.

Os colegas sempre juntos, a ligação é muito forte entre a gente. A gente quer sempre tá perto um do outro, pra se proteger, sair, fumar, cheirar, agora não andou na linha sofre as conseqüências, pois não pode fazer o que der na idéias não, e na hora do salve-se quem puder cada um por si e Deus por todos, é a lei da selva, é a nossa lei, mais existe união, a gente faz o que o grupo decide, se acontecer algo de errado, depois a gente cata o que sobreviveu e mostra resposta por ele. A roupa de marca, quando um não tem grana pra comprar a gente se ajuda, o importante é nós se vestir bem e ser reconhecido, ter nosso valor **(Ferrugem, 19 anos)**.

O depoimento de Ferrugem fala da união e das regras de grupo. Desse modo, as alternativas constroem-se na renúncia à autonomia derivada da ausência de referentes de sua individualidade, de sua marca, de suas diferenças. A renúncia à autonomia do indivíduo projeta-se na constituição de uma identidade fixa, modelada pelo grupo em que  *você não é o que quer, mas o que a turma quer que você seja*.

Aqui, no caso, o que está em jogo também é a busca do reconhecimento e valorização; a marca das roupas e acessórios é o que importa, ela é o objeto cobiçado; e é a única que atende a necessidade de se identificar com um determinado grupo ou classe social. Os jovens e adolescentes, de outra forma invisíveis, copiam os hábitos dos outros jovens e adolescentes *ricos*, para tornar-se iguais a eles. Através das roupas, das grifes, da aparência, eles, simbolicamente, passariam a valer para sociedade<sup>38</sup> o mesmo que as pessoas *ricas*.

Na realidade isso não ocorre. Do outro lado, na categoria dos garantidos teríamos o sujeito oscilando entre garantir seu lugar e aspirar ser elite, ter muito dinheiro, sabendo que isso é muito raro de ocorrer, pois existem determinações visíveis entre as classes sociais, mas também barreiras inconscientes muito fortes, como

---

<sup>38</sup> *É fascinante verificar a situação paradoxal que se instalou no Brasil: se os jovens pobres copiam a moda da elite, os filhos e filhas copiam a moda dos pobres, que não é mais que uma apropriação estilizada da moda da elite (internacionalizada). Ou seja, a elite cópia de si mesma e se deixa embalar pelo sabor marginal que este jogo de espelho destila* (SOARES, 2005, p.227).

demonstra a fala de um jovem morador da periferia de Natal, que agora se encontra preso no CEDUC/Pitimbu.

Aí a gente trabalha pra caralho, humilhado, faz um bico aqui, outro ali, deixa de comprar comida pra compra roupa de marca, aí vem os home e diz que é roupa roubada, daqui que você prove pra esses otário, a gente já apanhou, levou chute e as vez já algemado, já nos leva pra delegacia **(Dunga, 20 anos)**.

Mesmo a utilização dos signos da cultura juvenil de massa pelo adolescente trabalhador (que muitas vezes utiliza todo o seu salário para comprar uma roupa de *marca*) é vista como usurpação, isto é, como *roubo* de uma estética própria dos jovens das elites. Tampouco parecem dar certo as tentativas de criar uma forma de identificação visual para os jovens pobres consumidores de roupa de marca. Os estilos *bad boy*, ou *funk*, emergentes dos setores populares como estratégias para *ganhar destaque* são hoje consumidos por vários outros segmentos juvenis e disponíveis até mesmo em butikues refinadas e caras. Mas quando o usuário é proveniente da periferia ele acaba sendo identificado a partir do estereótipo do pobre: mau encarado, mau elemento, aparência de marginal, etc.

As pessoas os olham através deles sempre com lentes de aumento, e ao perceberem isso eles se tornam ainda mais agressivos e violentos. As roupas, adereços, comportamentos, a forma de falar e agir denunciam que esses jovens e adolescentes pertencem às camadas pobres da população. E eles precisam fortalecer a auto-estima, querem ter respeito, até por serem meninos, em um certo sentido, invisíveis para a sociedade.

Aliás, a preocupação com a aparência física e a preferência por símbolos de *status* social é algo visivelmente marcante entre jovens e adolescentes de qualquer

classe social e, segundo Erikson (1972, p.32), *está associada à necessidade de adequação física e social na conquista da auto-identidade. Eles tentam ser totalmente aceitos por seus grupos de referência, apreciados e valorizados. Neste sentido, as roupas de marca são usadas como sinal externo de status.*

Meu menino estava me pedindo muita coisa: tênis da moda, roupa da moda, essas coisa, como eles diz, de marca. Ele pede, pede, pede, a sacola do pede nunca enche. Acho que todos da idade dele são assim. Agora meu menino começou a querer mais do que eu podia, não quis mais a bicicleta que comprei com tanto sacrifício, me pediu uma moto, como eu não pude dar, ele entrou para o tráfico e conseguiu a moto muito rápido. Começou a sair aos poucos de casa, até que levou toda muda de roupa, quase fico louca, mas fazer o quê? Quando foi preso, aí sim mandou me chamar, pois os colegas desaparecem não querem nem tomar conhecimento **(Cacilda, 37 anos)**.

A fala da mãe reclama do abandono do grupo, pois no momento que seu filho precisou o grupo todo deixou pra lá, não fizeram nada, e ela ainda relatou numa entrevista que sempre avisava ao seu menino, que se ele fosse pego e os amigos não fossem juntos, lhe esqueciam. Como ela mesma disse: *Mulher, filho não ouve conselho de mãe, pois essa coisa de grupos sempre junto é só malandragem, na bebedeira, na safadeza, táí onde meu menino veio parar.*

Nem sempre a pertença a um grupo apresenta somente o seu lado gratificante e protetor. A cumplicidade que se estabelece entre os membros do grupo, no consumo das drogas, no planejamento de trapagens, roubos e assaltos que são uma fonte rápida para obtenção de produtos para consumo dos grupos (drogas, bebidas, roupas) liga-os de tal maneira que, às vezes, torna difícil a um jovem membro conseguir se afastar. Em tais grupos a lealdade está na ordem da obrigatoriedade. Neles o indivíduo é subsumido, ele está a serviço do nós. É o grupo que importa.

Assim, um desejo de vingança de um grupo contra o outro não visa um membro, mas todo o conjunto. O desligamento de um indivíduo nem sempre o isenta da identidade grupal, de modo que o seu retraimento pode custar-lhe a desproteção (solidão, agressões de vários tipos e morte). Por tudo isso, os jovens e adolescentes podem se ver condenados a pertencer permanentemente a um determinado grupo e a se inserir num ciclo interminável de práticas cruéis e comprometedoras.

Nos bairros onde circulam e praticam seus delitos violentos e cruéis, pode-se perceber seu espaço claramente demarcado: as esquinas que permitem o acesso à rua, venda de drogas, o barzinho para encontro e as trocas de idéias com os companheiros, os lugares onde traçam as artimanhas e planos ligados às ações individuais ou grupais, o recanto da cervejinha, da cachaça, do jogo de sinuca e outros pontos onde podem extravasar e ter acesso aos prazeres que lhe são vedados em casa.

Esta saída da rua para o CEDUC pelo ato cometido tende a desenvolver um sentido de injustiça entre os internos, retardando a avaliação e a aceitação do erro. Dirigindo a hostilidade contra alvos externos, eles rejeitam aqueles que os rejeitam e assim evitam rejeitar a si mesmos. Unificados em torno de inimigos comuns, os adolescentes experimentam uma rara solidariedade entre si, prontos para cumplicidades futuras. Ao mesmo tempo em que existe essa solidariedade, existe uma rivalidade eles se matam entre si e isso ocorre até no seio do mesmo grupo. Como refere Lipovetsky (1997), a vingança ensina violência, tornando-a interminável, muito embora seja também um dispositivo que socializa, pois coloca ambos os grupos “gêmeos” da violência.

Embora se configure como um local de reeducação, o CEDUC é, de fato, o lugar do castigo, que se concretiza na privação da liberdade, na forma como os meninos vivem, na existência de quartos com grades que lembram celas de prisão e a famosa cafua que assinala muitas idas dolorosas e solidões. É o lugar dos grandes e pequenos castigos. O castigo tem uma função social, deve servir de exemplo para todos que ali estão cumprindo pena. No entanto, para os jovens e adolescentes tem uma outra significação, e algumas vezes cumpre a função inversa, ao invés de servir de exemplo e trazer melhoras de comportamentos individuais ou grupais pode levar a um aumento na dose de rebeldia que os meninos experimentam, pois em geral, eles se sentem injustiçados, não são ouvidos e, tampouco, têm oportunidade de se defender. Nesse sentido, o CEDUC torna-se um espaço não de reeducação, mas de reprodução de violência.

Apesar de contrariar o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e as convenções internacionais sobre o aprisionamento, as punições físicas são justificadas no discurso institucional. Por exemplo, no CEDUC/Pitimbu é comum ouvir que: *é de pequeno que se mostra o certo e nesta idade, uns cascudos de vez em quando é bom para aprender*, confirmando a máxima popular de que *só se aprende apanhando*.

Todavia, o que se faz é muito mais do que *uns cascudos*, como é o caso do *timblim*, um *tapão na cara* aplicado com a mão fechada. Isto é o que pode ser visualizado nesta descrição de Pocotó 17 anos, um menino infrator confinado:

O soco na boca do estômago dói pra caralho, principalmente se a gente está algemado, com as mãos pra trás e não pode puxar o ar para endurecer a barriga. O timblim na orelha também é de lascar e o cabelo os educador puxam bem debaixo, que dói mais (**Pocotó, 17 anos**).

Na verdade, a partir dos relatos dos meninos infratores que estão sempre freqüentando o CEDUC/Pitimbu, compreende-se de imediato o que são as tais medidas *socioeducativas*. Elas não tem nada parecido com o sentido elevado da expressão que os legisladores utilizaram, sonhando com a reeducação desses jovens e adolescentes e, conseqüentemente com uma sociedade melhor. Os meninos ficam mesmo enjaulados, muitas vezes em condições subumanas, muito pouco diferentes daquelas em que se encontram os presídios.

Seria mais interessante chamar prisão pelo nome, defender a verdadeira aplicação do ECA e mostrar que, se a meta é castigar, a violência institucional já está de bom tamanho, mas se o objetivo é afastar os jovens e adolescentes do crime, seria preciso separar o futuro do passado, ao invés de amarrá-los um ao outro, que é o que acontece quando as chamadas instituições socioeducativas esmeram-se em treinar esses meninos para que realizem, na prática, a profecia pessimista que sobre eles faz a sociedade.

O que fazer com a violência desses jovens e adolescentes? Como acabar com ela? O que a faz aumentar a cada dia? Como evitar a morte desses meninos? O que a provoca? Num passe de mágica, embutimos num armário qualquer um mundo vasto de situações. Nesse caso, o resultado é o mesmo: esta redução não serve ao conhecimento e à solução dos desafios, mas funciona como um analgésico e um estupefaciente: diminui o incômodo que sentimos e nos distrai do fogo que queima e maltrata nossa consciência, desmanchando as certezas e arruinando nossa paz interior. É o equivalente a uma droga. Só que, neste caso, o tráfico é legal, ainda que o consumo embruteça as pessoas e dificulte soluções.

Resumindo, entendo que este leque de punições e castigos pelos quais esses meninos passam, apenas faz repetir a violência. Fazendo com que os jovens e adolescentes que cometeram delitos, encontrem-se agora em uma instituição revivendo o mesmo discurso sem voz, de forma ainda mais repressiva e em um espaço ainda menos protegido da brutalidade que a rua oferece. Ocorre um aprendizado mais completo, eu diria, ou um fracasso repetido, com maior crueldade e vulnerabilidade.

Muitas vezes, chegam ao CEDUC meninos fragilizados, assustados, que não cometeram graves delitos, mas que foram levados à instituição por pequenas contravenções. Tais meninos, aparentemente, precisariam ser protegidos dos outros. No entanto, a passagem pelo CEDUC os modifica. Eles saem e, na maioria das vezes, voltam. Não são os mesmos. Parecem outras pessoas. O olhar, a atitude, os gestos são fortes; os meninos fracotes parecem ter se transformado em homens fortes. A história se repete: outros meninos chegam assustados, eles os recebem e passam a usar os mesmos métodos que foram usados com eles: agredem os outros meninos para se impor, tomam o pão do mais fraco, batem, estupram, roubam. Ensinam aquilo que aprenderam: a sobreviver dentro do CEDUC/Pitumbu.

Me perdi dos colegas, mas estava armado, tudo bem. Assim que tive uma brecha ataquei uma madame que ia saindo do carro, botei a arma na cabeça dela e pedi a bolsa. Ela ficou quieta e eu disse: anda dá a bolsa ou a vida. Tirei a grana da carteira R\$ 200,00 e devolvi a bolsa com um “muito obrigada tia”. No mesmo dia comprei um tênis de marca e no mesmo dia os Mané do bairro que eu estava me tomaram o tênis e a arma, eram quatro e eu estava sozinho no lugar deles. Eu era iniciante, contei pra minha turma eles me deram uma surra para eu aprender a ser esperto. Fui pra casa com R\$ 50,00 que sobrou do roubo, pois enfiei dentro da cueca, quando dei a mãe levei outra surra, pois ela queria saber quem me deu o dinheiro. Sai de casa e entrei de corpo e alma para o crime. Só aqui no CEDUC, já voltei três vezes **(Duda, 17 anos)**.

Jovens pobres agrirem e se matam entre si, é um mundo de morte, numa dinâmica que não conhecem e não controlam, em que todos são vítimas, mesmo aqueles que ocupam provisoriamente o papel circunstancial de algoz, no círculo vicioso que os conduzirá à morte precoce e cruel.

Em quase todos os bairros por onde esses meninos passam, são comuns os atos de vandalismo e badernas.

As gangues invadem qualquer festa que estiver havendo nos bairros e mandam em todo mundo. Acabam com o lazer dos moradores, pois o encontro com a gangue inimiga é só para haver guerra. As brigas e agressões são inevitáveis. Quantos jovens perdem a vida, a festa vira velório. Tomam providência? Nenhuma, a violência continua como se um redomoinho só engolindo esses meninos (**dona Veridiana, 58 anos**).

Essas gangues vêm de todos os lugares, dos loteamentos, favelas, conjuntos vizinhos. Entre as gangues, cada local é cena de disputa, palco de tramas de reconhecimento onde se produzem atores, registram-se marcas, instituem-se espaços físicos, corporais e outros, que ficam indelévels, fixados nas mentes e no coração.

No Bairro de Dona Veridiana, formou-se uma gangue para defender a vizinhança, então todos os festejos, tanto da igreja, quermesse, ou datas comemorativas, passaram a ser encontros de gangues, que acabam muito cedo com a alegria das pessoas, e às vezes com a vida de alguém inocente. Os moradores do bairro já não querem participar de nada que a comunidade oferece em datas comemorativas, o que incomoda muito dona Veridiana e outros moradores que são antigos no Bairro e sempre tiveram o privilégio de realizar suas festas e comemorações. No relato do adolescente, compreende-se a insatisfação de dona Veridiana com a insegurança existente no bairro.

No começo nos juntamos mais para defender os nossos, e o nosso espaço, mais todas às vezes saia nossa turma perdendo, então daí procuremos reforço e aprendemos a nos defender também, colocamos lei, organização e temos um pacto. Hoje não temos mais medo, enfrentamos na briga de murro, na faca e no oitão, todos unidos. Matar ou morrer é uma questão de sorte. Mata um de nós, entra outro, tem uma ruma assim de meninos procurando entrar pra turma (**Canjiquinha, 18 anos**).

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido, no seio do qual o sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fuchada sobre si mesma. *Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente toda uma série de comportamentos, de investimentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais estéticos e cognitivos* (GUATTARI E ROLNIK, 1986, p.323).

O seu território de presença corresponde à área geográfica do bairro onde moram ou área adjacentes. Um jovem ou adolescente de outro bairro pode ser espancado ou levar uma grande surra ao adentrar por esse território demarcado e vice-versa. Eles sabem identificar-se e bem circunscreve o seu espaço.

Pertencer a uma gangue significa estar entre iguais. A lei do mais valente pela lei do mais armado, mesmo sendo pelas tocaias traiçoeiras. Ser membro de uma gangue é encontrar-se dentro de uma rede de significados socialmente compartilhados por todos da turma. É ter condição de reconhecer seus companheiros por intermédio do uso de códigos norteadores das relações que são consolidadas no seio do grupo.

Esses códigos permitem traçar um reconhecimento de quem faz parte ou não do espaço uns dos outros, ou seja, segundo o uso que é feito dessa linguagem compartilhada pelos membros da gangue, possibilitando definir algum desconhecido que por ventura penetre no âmbito grupal.

Na vida desses jovens e adolescentes, o fenômeno é carregado de um conteúdo simbólico, já que se assemelham, de algum modo, àquele projetado em relação aos vagabundos na idade média. As gangues instauram uma outra ordem de valores, onde a “vagabundagem”, o “ócio”, a “exaltação do lazer” e a “desvalorização da ética do trabalho” parecem pôr em xeque os pilares básicos da sociedade do trabalho.

Ao mesmo tempo em que as gangues rechaçam a ética do trabalho, incorporam e levam ao extremo a realização do lazer e da aquisição de energia física, dos produtos desejados para o consumo. Seus membros matam por uma bermuda, uma camiseta, uma sandália de marca ou até mesmo por um insulto ou crítica que alguém lhes fez. A cultura do consumo que elas portam, ao difundir-se por todos os pontos da rede social, realizam um duplo movimento: gritam que todos podem tudo, podem ter o que quiserem, e ao terem, eles são reconhecidos como sujeitos sociais, como consumidores e, portanto, cidadãos, mas, depois, ao serem presos ou representarem qualquer perigo para a gangue de que fazem parte lhes é negada toda cidadania dentro ou fora dela.

Para os olhos do pesquisador a violência é o fato notável relacionado aos outros, para vivência das gangues ela dilui-se até chegar a ser imperceptível, entranha-se no cotidiano tornando-se invisível. A violência não é vista como algo estranho, diferente, para esses jovens e adolescentes é a rotina, faz parte do seu dia-a-dia, qualquer *olhar torto*, ou *cara feia*, já é motivo para tomarem satisfação, usando da violência física.

O perfil das Quintas, bairro do qual dona Veridiana fala, é violento, com um cotidiano cheirando a sangue e a dor de quem perde seu filho; recheado de brigas, roubos, tiroteios, mortes e muitas drogas. Acabou o sossego, ninguém consegue mais

sentar a porta nos fins de tarde, sair para ir até a bodega comprar algo, até mesmo ir a igreja tornou-se perigoso.

Meu menino entrou pra uma gangue da pesada mulher, não basta o irmão no CEDUC pelo um assalto em banco. Esse aqui eu vivo esperando a notícia que mataram ele. Quando ele está junto com essa turma nem respeita eu que sou mãe dele. Eu fico sabendo das crueldades que ele já participou de muitas mortes, roubos e arrombamento das casas e dói muito ele só tem 16 anos. Agora deu para assustar as pessoas que passam para a missa, pode? **(dona Veridiana, 58 anos).**

A gente só ataca aqueles que nos dedura, tem uma família aqui no bairro que não pode ver nós reunidos que chama logo os home, então esse pessoal quer mais é que a gente se lasque. Consideração nós também não tem, gente do bairro tem que ser do nosso lado, ou então se mande daqui. Outro dia vi a dona Filó rindo de um colega achando bom, que apanhou que nem cachorro teimoso. Quando peguemos essa puta, demos uma surra e fiquemos rindo pra ela sentir a humilhação **(Zarolho, 17 anos).**

Atualmente nos bairros ou favelas de periferia, alguns moradores protegem os meninos e outros marginais quando a polícia está atrás, pois sabem que suas famílias estarão também protegidas. Isso faz com que o ódio se estenda entre os moradores *comuns*, que se incomodam demais com essa violência em relação aos infratores, gangues e traficantes. Mas, é a regra, se não quiserem ser expulsos, ou sofrerem as conseqüências da vingança, aqueles que traem os seus, serão punidos ou mesmo mortos. Então os moradores acabam vestindo a camisa da facção que administra sua comunidade, se tornando parte dela.

Um dos fatos mais interessantes que me aconteceu durante meu trabalho de campo foi a rejeição de Zezinho, um menino infrator do CEDUC, pertencente a uma gangue organizada e com forte histórico de violência. Ele sempre fugia das minhas entrevistas, olhava para minha cara e dizia: *não tenho nada pra contar, mande me*

devolver *pro pavilhão*. Pronto! O silêncio tomava conta de Zezinho. Esse adolescente foi uma das pessoas com que fiz várias tentativas de aproximação, pois na minha pesquisa de campo no CEDUC/Pitumbu o notava sempre calado, não recebia visita dos familiares, estava sempre isolado dos outros (mesmo quando fora do pavilhão cinco, para participar de algum evento, lanches e doações oferecidas por alguém).

Todas as vezes que tentei falar com ele, apenas me encarava com um olhar que me dizia muito, que parecia querer deixar as palavras fluírem livremente, mas apenas dava as costas e saía andando como se eu não existisse. Tal atitude me deixava curiosa, pois os outros adolescentes sempre falavam: *quem tem muita coisa de violência, cruel, é Zezinho Herói, e não fulano que já matou 14 pessoa, esse é um covarde, mata pelas costa*. Eram vários comentários, que vinham de um ou de outro, querendo chamar minha atenção, para eu também conhecer o heroísmo de Zezinho. Eu não podia insistir. Só teria resultado se fosse uma conversa espontânea, deixei pra lá, eu tinha muitos jovens e adolescentes, e histórias interessantes para ouvir.

Voltando ao CEDUC/Pitumbu para uma visita especial e para saber do paradeiro dos meninos que entrevistei, pois passei a acompanhar os passos desses jovens e adolescentes confinados, para perceber de que forma a reeducação apontada como meta pelo CEDUC era, de fato, real, encontro com Zezinho Herói trabalhando no jardim. Resolvi me aproximar e cumprimentá-lo, também como fiz com os outros adolescentes, ganhei um sorriso largo acompanhado de uma frase: - *que bom que a professora voltou! Tá ainda escrevendo seu livro?* Respondi imediatamente: - *eu gosto de vocês, gosto de vir aqui. É Zezinho, ainda estou escrevendo meu livro*. Isso fez com que Zezinho Herói, que sempre fugia das minhas entrevistas, nesse dia tomasse a iniciativa de mandar me chamar para contar-me a história que o levou ao mundo do

crime, fazendo-me prometer colocar no meu livro, sua história e seu nome. O silêncio foi quebrado, abrindo a possibilidade de uma maior aproximação com esse adolescente, daí eu percebi a confiança que ele passara a depositar em mim.

Eu tô aqui hoje pagando pelos uns crime que cometi, apaguei várias pessoa, mas tô respondendo, apenas por um homicídio. Venho das brenhas da favela do Japão, fugi pra rua com 12 anos, apanhava muito do meu padrasto, peguei uma carona numa Kombi e cheguei em Natal na cidade. Comecei cheirando cola e pedindo comida ou roubando das pessoa. Andava com uma ruma de meninos como eu e cada dia a gente ia conhecendo melhor a cidade que tinha coisa boa e ruim. Vim várias vezes preso para o CEDUC, pois já estava na malandragem, fui da rua, da quadrilha (aqui até Deus tem medo de ouvir o que aprontei, pois sofri, mais fiz tanta da maldade... talvez eu vá direto pro inferno) e da gangue, e cometi vários crimes e assim conheci o crack, cocaína e várias outras coisa. Mesmo dentro da gangue, eu topava apagar qualquer Mané, era só pagar bem, ganhar uma boa arma, algumas peças, eu ia lá mermo e fazia o serviço. Na turma eu sentia que era respeitado e tinha uma vantagem muito grande e de peso – ainda sou menor **(Zezinho, 17 anos)**.

Assim conheci a história de Zezinho Herói<sup>39</sup>, através de seu próprio relato que o punha como autor de inúmeros atos realizados na rua, na quadrilha e na gangue, e o situavam como o herói, uma imagem que não apenas faz parte do seu universo de valores, mas é reiterada pelos seus companheiros e até mesmo por outros meninos do CEDUC que o admiram. Seu heroísmo é repleto de sangue e se sustenta na crueldade dos crimes cometidos. Mas, o herói está hoje encurralado, lhe restando apenas as lembranças, o respeito dos demais e a fantasia presente em seu depoimento e suas memórias. A ele resta um futuro incerto e um presente cheio de limitações, que se perde em momentos de indagações: e agora Zezinho? Zezinho para onde?

---

<sup>39</sup> Esse depoimento é o seu maior orgulho, um imenso valor que ele mesmo classifica de heroísmo. O mesmo relatou que quase ninguém conhece sua verdadeira história, mas ele ainda pretende escrever um livro a respeito da sua vida e dos seus feitos.

Somente uma reflexão profunda do perfil da violência cometida e sofrida pelos meninos infratores explicita a dificuldade de compreender o sentido e o valor da violência em suas vidas. Através dos relatos colhidos, tive a possibilidade de entender melhor seu comportamento e recompor suas histórias (como passam a ser reconhecidos, estigmatizados, vigiados e explorados, tornando cada vez mais difícil reverter sua trajetória).

### 3.3 A INVISIBILIDADE SOCIAL DOS JOVENS E ADOLESCENTES

*Não sou brasileiro  
Não sou estrangeiro.  
Não sou de nenhum lugar,  
Sou de lugar nenhum.  
Não sou de São Paulo, não sou Japonês,  
Não sou carioca, não sou português.  
Não sou de Brasília, não sou do Brasil.  
Nenhuma Pátria me pariu...*

*Titãs, Lugar Nenhum.*

O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem grotesca que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta o preconceito.

Tava nós tudo conhecendo o lugar, um bairro de rico, mas nem roubando nós tava, quando de repente apareceu os polícia e foi logo nos batendo e nos colocando no camburão, uma senhora apareceu também e gritava como se a gente fosse um prêmio que ela entregou aos polícia e dizia: faz dias que esses moleques ladrão circulam nossa rua, pode levar que boa coisa eles estão aprontando. Xampu apanhou tanto por não querer entrar que bateu as botas ali mermo dentro do camburão. E eu e os outros se tornamos a partir daquele momento um marginal, presos sem saber porque. E o CEDUC é o inferno em forma de qualquer coisa, só eu sei o que estou passando aqui dentro, assim que eu conseguir atravessar esse muro, aí sim eu vou mostrar o que sou capaz,

nessa vida, ninguém pode ter pena do coitadinho que fica no lugar dele  
**(Peteca, 15 anos).**

Por força da projeção de preconceitos<sup>40</sup> ou por conta da indiferença generalizada, em relação aos jovens e adolescentes pobres, negros a questão reside exatamente neste ponto: a gente não precisa ser insensível aos dramas humanos e sociais para atingir este estado de consciência que estou chamando de indiferença. Por isso, seria possível dizer que o preconceito fala mais de quem enuncia ou projeta do que de quem o sofre, ainda que por vezes, ao sofrê-lo deixa marcas, pelas quais se acumulam além dos estigmas associados à pobreza, os que derivam do racismo.

Há nesses jovens e adolescentes uma fome muito maior, que a fome física: a fome de sentido e de valor, de reconhecimento e acolhimento; a fome de ser, sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza. Esse olhar, um gesto escasso e banal, não sendo mecânico, isto é, sendo efetivamente o olhar que vê, consiste na mais importante manifestação gratuita de solidariedade e generosidade que um ser humano pode prestar a outrem.

Esse olhar vê o outro, restituindo-lhe ao menos potencialmente o privilégio de comunicação, de diálogo, da troca de sinais e emoções, da partilha de valores e sentido, da comunhão na linguagem. Esses olhos que vêem tecem entre as pessoas a ligação que é matriz do que chamamos sociedade.

Ganhar visibilidade, fazer excessiva essa visibilidade torna-se um modo não apenas de romper os *muros* e os signos do estigma *espacial*, como também de

---

<sup>40</sup> O preconceito tanto pode ser individual como social, porém, a maioria dos nossos preconceitos tem um caráter social, ou seja, costumamos, pura e simplesmente por serem pobres, negros, assimila-los de mediações (HELLER, 1989, p.49). É assim que agem os policiais nos casos em que nos referíamos, eles atuam a partir de um preconceito social, no entanto, a escolha em seguir um determinado caminho é sempre individual.

transposição de dinâmicas realizadas, estancadas nos bairros marginalizados, para as tramas totais de registro público.

É então que o estigma espacial, marca classificatória, produtora de uma invisibilidade negativizada, mobiliza os jovens e adolescentes moradores de espaços segregados, territorialmente e socialmente, a positivar referências, da pobreza e da violência, registrando esses meninos como ladrões, assaltantes que apontam a condição de inserção/exclusão dos jovens e adolescentes de baixa renda.

Porém, o mais inquietante, é que não se trata apenas de uma imagem construída, mas de estigmas e preconceitos que marcam os indivíduos localizados do outro lado de tudo que a sociedade valoriza. Tudo ocorre de forma a invisibilizar os jovens e adolescentes, seus defeitos e qualidades, suas emoções e medos, suas ambições e desejos. Está em jogo apenas o estereótipo, a imagem que a sociedade cria e na qual eles, mesmo que não estejam de acordo, passam a ser classificados. O olhar do outro vê meninos perigosos cujo comportamento passa a ser previsível, o ser humano some por trás desse processo violento de julgamento do outro a partir da classe social.

No bairro de que nos fala Peteca, não houve nenhum roubo, nenhum crime foi cometido, nenhuma violência foi perpetrada, a não ser contra os meninos que olhavam surpresos àquilo que estava distante do seu universo, o luxo e a riqueza das moradias. Neste sentido, houve sim violência, mas não foi praticada pelos meninos e sim sofrida por eles, no momento em que eles deixaram de ser crianças para tornarem-se bandidos perigosos, cujo olhar do outro lhes determinava um lugar marginal no jogo do social.

Do bairro de elite do qual foram banidos, humilhados, acusados, espancados, por estarem passeando e contemplando a beleza das casas, esses meninos foram vítimas da violência e das pessoas, que estão sempre com medo, de tudo que marginalizam pelo olhar ou pela aparência. Por essa razão provocam aos jovens e adolescentes, mais revolta, ódio, agressividade, raiva e ódio ao mesmo tempo, no momento em que são discriminados injustamente.

Os preconceitos ampliam seu espectro de abrangência e se consolidam; as desigualdades se aprofundam; a incomunicabilidade revigora e separa o social; os preconceitos se retroalimentam. O medo cresce e cobra seu ato em ódio e ressentimento. O custo global para a sociedade é mais violência. A invisibilidade dos jovens nas ruas é um sintoma da violência social e da violência simbólica que caracteriza as relações sociais, particularmente nas cidades.

Outra forma de invisibilidade é aquela causada pela indiferença. Como a maioria das pessoas é indiferente aos miseráveis, aos flanelinhas, às crianças pedintes, eles se tornam invisíveis, seres socialmente não notados, desimportantes. Também por conta dessa negligência, muitos jovens e adolescentes pobres transitam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras.

A invisibilidade a que me refiro, pode estar ligada ao que Georg Simmel chamou de atitude *blasé*, um tipo de comportamento que está na base do “tipo metropolitano” de indivíduo e que extrai do homem um comportamento psíquico condizente com o tipo de vida da cidade grande. O homem segundo Simmel, desenvolve um mecanismo de autodefesa que o protege contra as ameaças de “desenraizamento”.

Blasé: fatigado, indiferente, insensível, saturado, lasso. É isso que caracteriza o habitante da cidade grande e moderna. A quantidade de estímulos com que ele se vê defrontado ao viver na cidade exige-lhe tanto, que ele não é mais capaz de responder adequadamente a eles. Sua indiferença é análoga a do dinheiro (WAIZBORT, 2000, p. 328)

A atitude *blasé* filtra, é uma atitude de indiferença para com o outro, o que se justificaria, segundo o autor supracitado, por serem infinitos o número de imagens, sons, personagens com que o indivíduo vivendo na cidade grande se vê confrontado. Além disso, ele não poderia responder a todos os estímulos que recebe, pois isso geraria um colapso nervoso. Nesse sentido, a atitude *blasé* seria uma atitude racional, uma espécie de filtro que permitiria a vida em sociedade.

Para termos um exemplo mais concreto, se todo homem ou mulher ao encontrar um menino pedindo esmolas, crianças passando fome ou jovens e adolescentes cometendo atos infracionais reagissem emocionalmente, ele ou ela, nem mesmo conseguiria chegar ao fim do dia sem um esgotamento nervoso. Por isso, a atitude *blasé*, através dos mais diversos filtros, invisibiliza o outro e faz com que só reajamos aos confrontos mais diretos e inevitáveis com tais personagens.

Quando não se é visto e se vê, o mundo oferece o horizonte mais rouba a presença, aquela presença verdadeira que depende da interação, do toque ou da troca: o mundo da vida social fecha-se à participação. Excluídos esses jovens e adolescentes tornam-se *voyeurs*. O *Voyeur* é aquele que, olhando de fora, parece estar roubando o que não lhe pertence, perdido no alheio, como um intruso esquivo, um fetichista. Não ser visto significa não participar, não fazer parte, estar fora, tornar-se estranho.

Portanto, essa história de ver e não ser visto é muito relativa. Às vezes, alguém tem a incumbência do trabalho de, ostensivamente, não ver para que os outros

vejam com mais nitidez – e engolir a realidade, especialmente quando é lastimoso absorvê-la. A sensibilidade de não pertencer, de estar fora, costuma ser cruel. Jovens e adolescentes pobres e negros entrando em um shopping de elite são seres socialmente invisíveis.

Como já deve estar bastante claro a esta altura, há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desses meninos, eles só vão ser visíveis para os funcionários das lojas ficarem de olho pelo medo deles roubarem, que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença, projetando sobre eles um estigma, anulando-os e só vendo o reflexo da sua própria intolerância.

Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo; tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. Quem está ali passeando no *shopping* são meninos marginais, estranhos, com atitudes suspeitas cujo comportamento é duvidoso. Lançar sobre esses jovens e adolescentes um estigma corresponde a acusá-los simplesmente pelo fato deles existirem. Julgar seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas. Como aquilo que se prevê é ameaçador, a defesa antecipada será a agressão ou a fuga também hostil, ou seja, o preconceito arma o medo que dispara a violência preventivamente.

Antes de descer para o CEDUC e também de cometer um homicídio, fui uma vez no Natal shopping que tinha promoção da camisa de marca que eu queria. Juntei uma boa grana e fui com uns seis colega. Na loja a moça não quis me atender e pediu que a gente saísse da loja. Meu amigo aloprou e chamando ela de ignorante falou que eu tinha dinheiro para comprar a camisa. Chamaram os segurança e assim fomo posto pra fora do Natal shopping, ainda tendo que ouvir do filho da puta do segurança, aqui não é lugar pra vocês, peguem o bonde e vão comprar no Alecrim, nos camelô tem o que vocês querem. Existe humilhação maior que essa, professora? Nós somos um nada, tanto fora do muro do

CEDUC como dentro, se eu sobreviver nesse inferno já tá de bom tamanho, já ganhei na loteria **(Nino, 14 anos)**.

Tais colocações confluem o sentido da rebeldia dos jovens e adolescentes na relação de forças a qual eles reagem, buscando a adaptação no mercado cultural, as vantagens da normalização, de *ser como todo mundo é*. Quanto mais obstáculos impostos pela sociedade ao surgimento dos espaços que permeiam esses jovens e adolescentes de periferia, mais distorcidas serão as formas de rebeldia.

Portanto, muita gente sofre do mesmo mal que provocou momentos de raiva, ódio, humilhação, revolta no relato contado por Nino. O preconceito social, em suas diversas formas, molda o que se vê e o que não se vê. Quando visibilidade é um simples sinal de suspeita, ela é o outro lado da invisibilidade e apenas revigora seus efeitos. O que a vendedora e o segurança do Natal Shopping vê quando adota a lente do estigma é o *retrato* da intransigência na qual a sociedade lhes paga a quantia básica que os treinou.

A história é para a sociedade o que a morte é para o indivíduo. É preciso manter a todo custo a geografia moral: de um lado o bem; de outro o mal. Tudo para que a sociedade e suas instituições possam preservar intocado seu espelho idealizador. A invisibilidade de uns serve à invisibilidade que mais importa, aquela que sustenta uma certa visão de mundo.

## ENTRE “ELES” E “NÓS”: O MURO



*Sonhar mais um sonho impossível,  
lutar quando é fácil ceder, vencer  
o inimigo invencível, negar quando  
a regra é vender, sofrer a tortura  
implacável romper a incabível prisão,  
tocar o inacessível chão...*

Chico Buarque/Ruy Guerra / Sonho Impossível

*Vem a história, escreve um  
capítulo cujo título pode ser  
“nunca mais”, vem o tempo  
e elege outra história  
que escreve outra parte  
que se chama “nunca mais”,...  
e assim por diante tanto faz.  
Indiferente se o livro é lido  
de trás pra frente ou se lido  
de frente pra trás.*

Gilberto Gil / O Fim da História



#### 4 ENTRE “ELES” E “NÓS”: O MURO

*(...) aos quinze anos foi mandado pro reformatório, onde aumentou seu ódio diante de tanto terror, não entendia como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe e sua cor.*

*( Legião Urbana – Faroeste Caboclo )*

Considero o medo para os meninos do CEDUC/Pitimbu, como um dos valores mais significativos da violência. Pois em quase todas as suas falas me foi possível vislumbrar o pavor da morte, dos castigos, das pancadas, de serem pegos ou no seu linguajar próprio, de *cair* e ir para o Pitimbu. As situações observadas no meu estudo conduzem qualquer empreendedor de uma análise sociológica a refletir o medo como uma construção social.

Foi a partir do medo como um fenômeno social, que busquei compreender mais especificamente, nas esferas individual e coletiva, a violência que tem lugar no cotidiano dos meninos infratores. Procurei deste modo, no contexto considerado, compreendê-lo como um fenômeno que pretende condicionar e regular as relações sociais entre os grupos de jovens e adolescentes.

Quando eu cheguei aqui, no primeiro dia que cheguei me senti sozinho e com muito medo, eu vi um monte de boy atrás das grades querendo me devorar com a gritaria e o olhar do diabo. Você cai, você é mais um pra lotação... Vamos supor, ali é o lugar de quem chegou primeiro, é o espaço do boy, a casa é deles, você tá chegando, e é entrando no espaço do inimigo. Imagine eles todos de olhos virado pra você, eu tive um medo. Aí, fora as gracinhas, no primeiro dia você não conhece aí você ouve: ô cuidado fica esperto, vai virar mulherzinha heim, cuidado heim, e não sei o quê... **(Bombom, 16 anos)**.

Essa coisa de ficar preso sem saber quando vou ter audiência, aumenta minhas dívidas lá fora, aumenta o meu medo de morrer. Pois os donos de boca não tão aí pra brincadeira, eu preciso sair para trabalhar e pagar o que devo. Aqui fiquei sem o crack, então não vou me aviciar

mais lá fora, pego no trampo pra valer e livro minha pele (**Café, 18 Anos**).

Aqui eu fico horas pensando na minha morte. Fazer o que, se é isso que me espera... Ontem um boy saiu daqui do CEDUC só para morrer lá fora, saiu na quinta à tardinha, mataram ao meio dia, nem teve o gosto de sentir a liberdade nas perna para caminhar, jogar bola, conversar com os colega e ir dançar com as boy, tomar cachaça, fumar um baseado... Os polícia acertou um balaço bem no peito, ele tinha acabado de chegar na bodega. Não me arrependo de ter essa vida, pois até gosto de trabalhar vendendo droga, trabalho direito, adoro ver a polícia feito besta. Caí porque na nossa vida sempre acontece de um te caguetar. Agora tenho pavor de me matarem devagar, cortando pedaço de mim, dessas morte que já presenciei... Eu rezo a Deus pra minha não ser assim (**Bento, 17 anos**).

A produção social do medo está fundada, deste modo no jogo de atributos opostos, entre medo *versus* coragem, coragem *versus* covardia, coragem e valentia.

Não ter medo é ser “valente”, “herói”, liderar os outros no pavilhão, ser capaz de dar ordens, “ser macho”. Toda a exibição dos meninos infratores para chamar atenção, me remete à oposição medo *versus* coragem. Esta classificação é explicitamente valorativa e própria do senso comum. Ter medo, nessa ótica é ser fraco, é sinônimo de incapacidade, impotência e dependência em relação à família, amigos ou grupos. Significa que o medo não é atributo de uma pessoa valente, heróica, de alguém capaz de traçar o seu próprio destino. Esta representação corrente tem contribuído para o despertar da compreensão comum do medo como uma postura negativa própria das pessoas incapazes de reagir diante das situações adversas, das agressões e da violência do dia-a-dia.

Ao falar sobre o medo, emerge a necessidade de esclarecer o objeto ao qual ele é direcionado. Este tem uma dimensão explícita, bem como uma grandeza implícita. Explícita porque, sob uma abordagem sociológica, estaria posto como um dos componentes de reação a fatos observáveis no interior de uma relação social. Tal

premissa também seria válida para o experimento de situações vividas no âmbito das relações particulares dos indivíduos. Implícitas quando, a partir dos temores advindos das situações de insegurança social e individual, o sujeito mergulha num mundo de incertezas em que o objeto do medo é o todo das relações e o outro deixa de ser um sujeito ou situação em particular e passa a ser um inimigo invisível sem contornos definidos, que pode emergir do próprio mundo dos vizinhos (FATELA, 1989); pode estar incorporado tanto no amigo mais recatado como em um parente mais próximo.

O medo materializa uma figura retórica, uma forma de pensar e um modo de agir. Assim como a alegria, a tristeza, dor e o sofrimento são emoções que aparecem no cotidiano dos meninos infratores; o medo é como um pano-de-fundo, um cenário que contextualiza as cenas vividas. Pois as faces do medo são múltiplas, mas são sempre máscaras do mesmo fenômeno. O medo também é histórico, tanto a forma de senti-lo, como aquilo a que ele está relacionado. A meu ver, talvez possamos falar da existência desse sentimento como parte das emoções humanas, mas se manifestando diferentemente em épocas e culturas distintas.

É o sentimento de revolta e ou vontade, a todo custo, de alterar essa situação que os remete à condição de *desqualificados sociais* (OLIVEIRA, 2001). Essas angústias encontram-se misturadas ao medo da violência física que aniquila o corpo, mas também, da violência social que *desestrutura* a mente. Configuram uma gama de sentimentos confusos e dificilmente compreendidos, por eles próprios: por vezes sentem-se indignados e revoltados contra uma sociedade injusta, e em outros momentos, sentem-se humilhados, rejeitados e até mesmo com vergonha de si. E esse sentimento de humilhação vem fecundar o desejo de vingança: *sou humilhado! Quero ser o melhor para humilhar quem me humilhou*. Essa foi a frase gritada por um menino

infrator (Cabeção 17 anos), confinado no CEDUC, numa discussão com um educador por não ser escolhido para uma apresentação de dança com os outros colegas na UFRN. Segundo os colegas, disseram que o educador se referiu a ele como *perigoso para a sociedade, sem estilo e muito feio* para se apresentar no meio das pessoas da UFRN. *Tu vais espantar as pessoas e os estudantes coisa horrorosa...* (Funcionário do CEDUC, 30 anos). Impedido de vivenciar a apresentação, tanto ensaiada e desejada pelo adolescente, ele quer a todo custo se vingar. Ele quer apenas viver como todo mundo. Quem humilhou e de quem se vingar? Não há um sujeito definido. A dificuldade do jovem, diante desse sofrimento, é que não há um *sujeito perverso* identificado, mas uma *sociedade perversa* que o discrimina e o *proscreeve*.

O dado mais perceptível dessa realidade é a ausência dos direitos fundamentais, como o direito de ter direito – de circulação, de expressão, educação, organização e, sobretudo os direitos sociais. Toda forma de rebatimento à lógica de violência dentro da instituição é tratada segundo uma *cultura* política ancorada na prática de repressão e dos castigos físicos etc. (OLIVEIRA, 2001). Neste sentido, dizia-se da cultura do medo, da desmobilização e da crueldade como sendo uma característica mais marcante e vivenciada no dia-a-dia das relações dos jovens e adolescentes presos no CEDUC/Pitimbu.

Fui direto para o pavilhão cinco, os boy ficaram me olhando, e querendo saber porque eu caí. Então cheio de coragem, pois mostrar medo é coisa de boiola eu disse: matei dois Mané. Então um deles que era o líder me falou: E aí boy matou porque? Eu empinei o peito e disse por causa de uma briga numa festa, os Mané tiraram onda com minha boy, então eu mandei vim o primeiro, depois de muita porrada eu furei ele, o outro entrou e a facada comeu, os dois não resistiram e viraram presunto ali mermo. O líder chamou os boy para um canto e ficou conversando baixinho, fiquei na minha, alguma coisa ia acontecer. Então o líder falou: tu foi valente lá fora agora aqui dentro tem que fazer o que

eu quero, registrou? Eu disse não. Eu estou aqui preso que nem tu, não obedeço ordens. Eles riram e na mesma noite me “estupraram”, era dez covarde e ainda consegui quebrar o dedo de um, mas acabei cedendo ou morria... Mas, isso vai ter acerto (**Rambinho, 16 anos**).

A questão da valentia de Rambinho, não podia transparecer para os meninos veteranos do pavilhão cinco, pois ele já chegou desconfiado e cheio de medo do que poderia lhe acontecer. Mas sempre mostrando coragem para enfrentar o que viesse pela frente. Além disso, era preciso mostrar que havia regras a seguir e que ele era novo no pedaço, existiam hierarquias e normas que ele não podia quebrar, por se achar valente ou diferente dos que ali se encontravam. Como desconhecia as normas e regras de quem está confinado, do significado da desobediência em relação ao líder<sup>41</sup>, tentou mostrar que ali seus valores eram iguais e não cedeu a nenhuma ordem. Sendo *estuprado* por dez jovens – que dentro do CEDUC não se está nem aí para o que é covardia ou não – o que vale é o respeito ao líder que construiu um poder sobre os outros meninos. Por fim, ao Rambinho só restou a humilhação, que na realidade buscava ensinar uma lição e demonstrar que ele não era diferente de nenhum dos outros meninos, portanto, precisava aprender e respeitar ou não os códigos silenciosos que fazem parte do cotidiano dos meninos confinados no CEDUC/Pitimbu.

Por outro lado, as lideranças e a hierarquia ficam bem estabelecidas e pactuadas, pois há os que mandam e aqueles que obedecem. O líder não quer perder sua capacidade de comando. Entretanto, este *cabeça* da cela se notabiliza tanto pela astúcia, quanto pela força física e pela coragem de se expor. Embora ele deva

---

<sup>41</sup> Estes momentos iniciais no CEDUC exigem do novato, em relação ao líder do pavilhão, uma atenção redobrada aos códigos predominantes neste ambiente institucional, sendo que alguns meninos referem a certos aprendizados como:... *a gente aprende a primeiro observar; ficar calado e só abrir a boca com cuidado, mas também não se pode ficar de vacilão, pois tem que saber defender suas idéias a todo o momento. Não se pode pedir desculpa; não se pode ficar com ironia; tem que ser muito esperto e ligeiro.* Essas frases foram repetidas por vários meninos infratores, quando falavam do medo dos outros presos que tinham, ao *cair* e ir para o CEDUC/Pitimbu.

demonstrar que *se garante* como eles dizem, e não tem medo de morrer, ao proferir suas ordens nem sempre é ele que fica na linha de frente, pois é comum que ao seu redor fiquem os seus aliados; isso não ocorre somente no CEDUC, mas o interessante disso tudo é que há outros dispostos a assumir o risco por ele e, inclusive morrer, por sua causa. Dentro do CEDUC, cada pavilhão tem um menino que o lidera. Entre eles, o líder é aquele que é mais desenrolado, destemido, que cometeu mais crimes lá fora, que está sempre tendo idéias e é cheio de artimanhas, mostrando coragem e exigindo respeito, assim é construída e conquistada a liderança.

E quando o líder percebe que o novato tem força, é atrevido e que com ele não tem acordo mesmo sendo submetido a diferentes tipos de violência na cela e fora dela, a iniciativa é tentar tirá-lo do seu caminho, pois perder a liderança é perder o respeito dos demais colegas.

As expressões de uma coragem desmedida se aliam à impetuosidade juvenil, transformando alguns adolescentes em aríetes humanos, perigosas máquinas de guerra, mais temidas do que alguns bandidos adultos presos nas penitenciárias. Segundo opinião de quem conhece o sistema prisional, como expressou um policial que trabalha no CEDUC:

é o jogo de *tudo ou nada*, vivido por esses meninos, que faz vizinhança com a morte e qualquer um pode, por algum motivo, ser visto como um inimigo potencial **(Policial do CEDUC, 38 anos)**

Neste clima em que a desconfiança se transforma em estratégia defensiva, a palavra é um dispositivo por demais impreciso para servir como garantia de alguma coisa. Sendo assim, para quem quer negociar, o mais prudente é aguardar a decisão

do líder do pavilhão. Uma espera que parece interminável, uma violência desesperada. Os relatos dos meninos infratores referem-se às experiências fora do CEDUC, quando eles fogem para ter acertos de conta ou mesmo se vingarem dos que lhes fizeram *cair* nessa instituição.

Eu matei um amigo porque ele me denunciou pro cana, ele sabia que eu ia cair no CEDUC e ele podia ser o líder da nossa turma. Apanhei pra caralho por reagir. Resolvi ficar na minha, não queria morrer, eu queria me vingar. Mais a turma sabia que o herói era eu e que eu voltava nem que fosse só para matar o Zé mané invejoso, que nem mandar na vida dele sabia. Um dia consegui fugir e fui direto ao encontro dele, a surpresa dele foi tão grande que nem falar sabia, caiu de joelhos pedindo perdão, se borrando todo, a facada que dei no seu peito só precisou atravessar as costas, era uma vez um covarde (**Fineza, 17 anos**).

Na favela do Japão eu sempre fui temido por todos, eu nunca tive medo de nada, qualquer parada eu topava... Já matei muita gente, acho que perdi as conta, é só rolar o crack e eu acabo com quem está na fila da morte... Até traficante grande já me pagou pra matar um Mané que tinha dívida alta, e assim fui gostando de ser herói... As pessoa dizem que só mato pelas costa, mas eu mato é de qualquer jeito, vou bem esperar me matarem. Não deixo acontecer nada com os nossos, sou respeitado, agora deixo claro que mato se merecer. Fugi daqui uma vez só para matar a rapariga que mandou os home dar fim no Negão, o único amigo que eu considerava (**Fininho, 18 anos**).

O heroísmo é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. A violência, por sua vez, é o mascaramento do medo; mais do que reflexo é o que eles constroem. Todos têm medo de morrer, mas, lá dentro do CEDUC, como me referi anteriormente, ninguém é culpado de nada, todos agem em defesa própria, da família ou da honra. Todos querem falar sobre o que consideram seus feitos de heroísmo e de coragem, dando a cada relato elementos de originalidade que muitas vezes se pautam em suas próprias fantasias, a qual empreendem seus esquemas de classificação acerca da realidade em que vivem. Determinadas situações de violência vividas dentro

do CEDUC reforçam aquelas experimentadas lá fora. São casos de sucessivas situações que vão gerando outras, em dimensões variadas.

Desta forma, seria um equívoco considerar que as bravuras dos jovens e adolescentes ao arriscar a pele ou valorizar a força física sejam apenas manifestações de coragem. Muitas vezes trata-se da *lei do mais fraco*, ou seja, a lei que os meninos confinados no CEDUC classificam por ser eles:

Sem poder, sem grana, tendo que cumprir a pena até o fim e as vez cumprindo até por mais tempo por falta de audiência. O juiz, olha pra cara da gente e diz, volta ele daqui a 15 dias, ainda não foi passado o caso dele, nem sabe o que é o caso da gente, parece um bando de doido, aí professora a gente volta com vontade de dá murro no vento, no caralho que aparecer na frente do boy (**Bob Esponja 18 anos**).

A fala registrada de um menino nos leva a refletir sobre as escolhas e não escolhas presentes em sua vida, que muitas vezes nada mais são do que a única coisa que se pode fazer em um momento determinado, como afirma Café (17 anos): *eu não nasci pra semente e eu posso morrer mesmo, eu não tenho futuro, isso eu também já sei*. A frase parece uma gravação, é dita por quase todos os meninos presos no CEDUC, o que demonstra uma certa consciência do seu destino e das limitações que o tipo de vida no qual ingressam lhes impõe.

Ao trabalhar com infratores percebe-se que eles são alvo de uma regulação social violenta, pautada no extermínio, nos embates com a morte; dentro e fora da instituição; na violência que também está plantada no corpo e na alma dos meninos.

É comum que os jovens e adolescentes encontrem uma via niilista, como sugere outros recortes de depoimentos:

Quando se está preso, a vida não tem mais sentido, se perde o medo da morte, se sair vivo vou matar ou morrer, se me matar vem outro melhor que eu ou pior que eu, o mundo tá cheio de gente assim (**Braúlio 16 anos**).

Se não tenho medo da morte vou ter medo de quê? Colocaria a morte na minha tatuagem nas costas dizendo assim – a morte anda atrás de mim (**Boca de Sapo, 18 anos**).

Mais eloqüente ainda do que os depoimentos acima citados é a tatuagem feita nas costas de um jovem infrator preso no CEDUC, Lombrado (15 anos), um cemitério com uma inquietante indagação e afirmação: *Porque o medo se o futuro é a morte? Então seja o herói!* O ato de se tatuar aparece como um sistema de defesa contra uma situação que causa ansiedade e, mais particularmente entre os jovens e adolescentes, revolta, angústia e o próprio medo de morrer. A tatuagem fixa para sempre. É uma decisão, uma parte do ideal que carregam em si mesmos, e o que permite entrar em relação consigo, com o grupo e com o mundo, através de uma identificação simples e com a realidade que os cerca.

Ao mesmo tempo em que o modo de vestir marca um estilo, as tatuagens que nem sempre aparecem, remetem a uma condição de diferença e também marcam um estilo, um caminho diferenciado. Elas, literalmente, marcam o papel de cada um em seu próprio universo. No mundo deles a tatuagem comunica algo, não se trata apenas de enfeitar o corpo ou torná-lo mais bonito, mas de dizer quem se é e de demarcar um espaço.

Freqüentemente os signos visuais utilizados pelos jovens e adolescentes infratores (as tatuagens, grafites, etc.) fazem alusão à morte (caveira, cruzeiros, cemitérios), ao perigo e agilidade (pantera, tigre, serpente). *Ou, então, existe uma progressão centrífuga das pilhagens, compreendida como a conquista lenta de um*

*“exterior” hostil, indo “cada vez mais longe”, onde o gozo parece jamais ser atingido e cada vez mais próximo do risco mortal (OLIVEIRA, 2001, p.114).*

Entendo o arriscar-se dos jovens e adolescentes infratores como expressões paradoxais de um querer viver que tem algo de vital, teimoso e trágico, uma forma de provocar ativamente o que não tolerariam sofrer passivamente em uma cultura onde ter medo é sinal de ser covarde. Uma estratégia de sobrevivência, na medida em que neste ambiente, onde a violência faz parte do cotidiano, há quem pense em matar para não morrer e quem pense em morrer para não sofrer.

O medo também parece revelar-se como um significado central no cotidiano dos meninos infratores. Ele é construído e tem como fim à conformação de posturas, básicas cuja visão não vê mais além do que o inexorável destino irreduzível ao mundo que cada um trilhou para si.

*Tentei mudar, não deu. Só resta continuar nessa vida até o fim da vida. Cometo algo errado lá fora, volto pro CEDUC, e assim vou levando a vida do jeito que ela me levar, rezo a Deus por tá vivo, pelo menos aqui, embora seja o inferno eu tô abrindo o olho, quando chega o sol (**Fineza, 17 anos**).*

Excluída, por um lado e aceita por outro, a violência se insere na gênese do medo, abrindo um círculo que começa e termina no mesmo ponto. Porque se é agredido, se agride. Porque o medo é sentido, amedronta-se o outro.

#### **4.1 O ENFRENTAMENTO ENTRE OS MENINOS INFRATORES E A POLÍCIA.**

*Porque pobre quando nasce, com instinto assassino sabe o que vai ser quando crescer desde menino, ladrão pra roubar, marginal pra matar/ papai eu quero ser policial quando eu crescer, se ele vem com fogo em cima é melhor sair da frente, tanto faz ninguém se*

*importa, se você é inocente, com uma arma na mão, eu boto fogo no país, não vai ter problema eu sei, eu estou do lado da lei.*

*Flávio Lemos / Renato Russo.*

Não vou me alongar muito nesta discussão. Meu objetivo é apenas o de situar a violência entre os meninos infratores presos no CEDUC/Pitumbu, e a polícia para não passar despercebida à complexidade dos relatos por mim colhidos. Nesse ponto, o que eu desejo é apenas mostrar a visão dos meninos infratores sobre a polícia e os policiais, já que para eles ela serve como um contra-modelo de si mesmos.

A violência dos jovens e adolescentes infratores em relação aos policiais amplia-se quando no imaginário dos infratores, os policiais adentram esse mesmo campo de percepção, ou seja, quando se tornam, assim como eles, agentes de uma violência cotidiana reativa às brigas, às agressões físicas ou verbais ou troca mesmo de balas.

Na grande maioria das situações por eles vivenciadas os meninos não precisam ter cometido nenhum ato de infração para que sejam indicados como culpados. Se estiverem juntos eles são desde sempre autores dos delitos, todos estão combinados para enfrentar qualquer situação. Basta apenas que, como símbolo da violência, iniciem suas *brincadeiras*, suas encenações e possibilitem para a polícia como um todo a visão de que a violência tem um lugar, atores específicos que estão sempre causando problemas onde quer que estejam.

Estava nós na favela do Japão no aniversário de um colega, quando entrou um cara estranho encarando o tempo todo Zé Fino e perguntando se todos tinham colaborado nas comidas e bebidas, pois ali não era a casa da mãe Joana. O nosso colega Bolacha disse que a gente não ligasse que era o padrasto dele já com o cu cheio de cana. Começamos a dançar, tinha umas boy bonitas e cheirosa. O cara veio até onde Zé

Fino estava com a boy e disse que ele estava com falta de respeito com a boy. Começou a briga, era porrada pra todo lado, Zé Fino estava já sangrando nariz, boca, pra morrer mermo e não mostrava medo apesar de magrelo. Então ele quebrou a garrafa e enfiou no peito do cara que morreu na hora. A polícia chegou e foi atrás de Zé Fino, ele embreou pelo matagal e a polícia atrás. Bom, os polícia mataram Zé Fino, puxava pelos pés dele até a casa, deu um baculejo em nós, enfiando no camburão, xingando de todo nome e matando dois de menor que não entraram no camburão na frente de todo mundo, pois disse que éramos cúmplices e ainda quebrou a casa do Bolacha toda. CEDUC, Eu, Zé Prego e Foguinho esperando falar com o juiz. Houve quatro morte e nós não temo nada com isso **(Léo, 17 anos)**.

O depoimento acima é muito interessante, pois mostra a crueldade de ambos os lados. Do menino que mata um bêbado pra se defender e demonstrar coragem e o da polícia que mata os meninos como moscas, mostrando todo o poder que exercem nessas horas, e mais especificamente no caso em pauta através de: mortes gratuitas, abuso de autoridade, invasão de domicílio, danos físicos aos bens privados. Com sua ação arbitrária, a polícia se transforma no agressor mais perigoso, deixando todos da favela com muito medo daqueles que deveriam lhes proteger e manter a ordem no local: os policiais.

Embora alguns jovens e adolescentes tentem de todas as maneiras se livrar da violência que lhes ronda a cada segundo por todos os lugares, sem lhes permitir um divertimento saudável, eles se protegem da forma que sabem, respondendo violência com violência. Como relata um deles:

O jeito é está sempre preparado para enfrentar o que vier pela frente, pois quem é doido de esperar pra apanhar ou morrer assim de graça **(Tareco, 15 anos)**.

Tais práticas revelam-se taticamente ou de modo direto, quando alimentadas pelo sentimento limiar entre vida e morte. O que está em jogo, nesta última

situação, é a preservação da vida, nem que seja através de uma última e extremada ação.

A experiência do enfrentamento direto da violência policial entre os jovens e adolescentes, sempre foi muito cruel e sofrida, não apenas para eles, como para muitas mães dos meninos infratores, principalmente para aquelas que têm experimentado o medo e a tensão, pelas ameaças dos policiais, a invasão e destruição dos seus barracos atrás de drogas e objetos roubados, além dos xingamentos, e da falta de respeito para com elas, que se tornou uma rotina no seu cotidiano. A violência sobre seus corpos e mentes e o de seus filhos, é experimentados por elas de forma irreparável e cotidiana.

Na realidade todos os meninos infratores se autodenominam marginais, todos são criminosos. Para esses jovens e adolescentes a polícia e a justiça são *gêmeas* entre si, todos têm em comum a necessidade de afirmação e demonstração de força e poder através do uso ostensivo da violência.

A lei não é cumprida por ninguém, nem mermo pela comunidade quando quer fuder um e ficar juntinha da polícia, pensando ser protegida, eu num acredito em nada, não levo fé em nada, nem no futuro do Brasil, nem o nosso presidente que dizem que foi pobre como nós faz alguma coisa, fica é do lado dos polícia e justiça, tem que matar o boy, mata, tá lá se importando, é o mandão agora no Brasil, me bota lá no lugar dele, só que eu fazia diferente. Fazia o Brasil mais bacana, eu tenho minhas idéia, risadas **(Maluco, 19 anos)**.

Estas colocações confluem na necessidade de que o sistema de responsabilidade do jovem deva incluir sua compreensão de que o convívio com a comunidade exige reciprocidade. Como o adolescente não participa na formulação das leis que deve respeitar, ele necessita confirmar que os adultos, o Estado respeitem

seus direitos e cumpram suas obrigações. Se isto não acontece, torna-se complicado para o jovem compreender qual o código de referência que rege as relações sociais. A insinceridade dos adultos e do Estado no cumprimento das leis ensina aos adolescentes que tudo é válido, inclusive desrespeitar seus próprios compromissos quando isso lhes convier.

E é exatamente isto que boa parte dos adolescentes de periferia acaba fazendo, como chama a atenção um adolescente integrante de uma gangue, agora confinado no CEDUC, apaixonado pelo grupo Afro Reggae, que utiliza o trabalho do referido grupo para expressar o que pensa da polícia e dos policiais:

O grupo Afro Reggae, professora, sobre sua infância em Vigário Geral, uma favela do Rio de Janeiro ele diz: A nossa geração brincava de polícia e ladrão. Ninguém queria ser polícia. Tá vendo, nem nas brincadeira os boy querem ser esses nojentos, é muito louco isso **(Dois Cu, 19 anos)**.

Nesses lugares, em que está sempre havendo troca de balas, as pessoas sentem uma bala apontada em sua cabeça, cada um deve estar pronto para o que der e vier, para defender a si e aos seus, com todo cuidado e por seus próprios meios. Afinal, *a bala não é de festim, nem tem dublê*. A insegurança cotidiana, a violência torna-se um instrumento útil para conservação da vida. Não expressando uma impulsividade descontrolada; em um contexto de violência é um modo de socialização, vinculado a um código de honra primário. A honra é que passa a ordenar a violência.

Insultos, ódios, revoltas e invejas ganham um desfecho sangrento como uma forma de fazer *justiça com as próprias mãos*, com a honra sendo afirmada pela força, justamente ali onde o Estado se ausenta e o sujeito, desacreditado, se vê sozinho.

A inoperância da justiça extrapola a dimensão restrita do campo jurídico, uma vez que o flagrante delito, momento em que o jovem e adolescente é observado cometendo alguma infração à Lei, inicia-se na rua, na presença do policial. Um depoimento de um adolescente preso no CEDUC, enquanto aguarda a decisão da justiça, expressa a idéia que ele tem da Lei.

Professora, o boy tem é que roubar mermo. Porque a maioria das pessoa não liga pra você não. Os policia encara o boy como marginal. Mermo você sendo um boy diferente. Se o boy anda sujo de calção, descalço e mermo o boy tendo família eles acha vagabundo. O boy tem é que roubar mermo. As vez recebo dinheiro de um trampo qualquer e me assaltam. O próprio policial chegou e pediu pra passar a grana. Eu disse que dava se ele me liberasse. Disfarçadamente ele pegou meus sessenta reais e falou que eu ia pra delegacia do menor. E não fez nada comigo. Se eu não desse ele agia com violência e podia me matar ali mermo, não quer nem saber se sou de menor **(Bob Lerdo, 17 anos)**.

Observa-se que, na versão do adolescente, o ato inaugural de iniciação da sua experiência de cometer um delito vai ocorrer sob o crivo da não-diferenciação entre o roubo cometido por ele e, o roubo posterior, realizado pelo *homem da lei*. O imaginário que o adolescente infrator constrói em relação à justiça, inicia-se na experiência vivida na rua onde, nesse momento, não é possível estabelecer para ele um discernimento sobre o que significa política de segurança pública e sistema judiciário. O adolescente ressalta, mesmo sendo encaminhado para delegacia do menor, que o policial não fez nada com ele, ou seja, os R\$ 60,00 passados para o policial não tinha como intuito a *compra* de sua liberdade e sim a garantia de um pacto de não-violência.

As práticas de violência desencadeadas pelo corpo policial ou são consideradas *normais*, comuns, habituais ou têm uma utilidade e eficácia, portanto são justificadas na condução do sistema de segurança pública local.

No Brasil, políticas públicas de atendimento à infância e à juventude oscilam de acordo com a vontade política dos governantes que em determinados períodos da história acham que devem tratar jovens e adolescentes como sujeitos de direitos ou como meninos infratores que devem ser execrados pela sociedade.

Difunde-se a idéia de uma sociedade que parece estar aprisionada e aterrorizada com a violência. Essa violência difusa, sem um lugar preciso, que parece não obedecer a qualquer estrutura de regulação instala um clima ampliador de terror.

Qualquer comunidade às voltas com a violência, ou oprimida com uma desgraça qualquer, irá se lançar, de bom grado, em uma caça cega ao bode expiatório. Os homens querem se convencer de que todos os seus males provêm de um único responsável, do qual será fácil livrar-se (GIRARD, 1990, p.104).

Assim como outros bandidos socialmente temidos, os meninos aparecem como potenciais bodes expiatórios da sociedade e, conseqüentemente da polícia, o que ocorre tanto pelo seu comportamento violento, seus jogos de morte e vida, quanto pela sua desobediência às regras etc. A polícia lhes responde com as mesmas armas, somando-se ainda o preconceito. Ironicamente, muitas vezes a maior fonte de ameaças para a população periférica é a própria polícia, através de abuso de autoridade especialmente junto à “pobres, pretos e putas”, invasão de domicílio, flagrante “empurrado”, extorsão, conivência com justiceiros e mortes gratuitas.

Fomo nos juntar aos colega do bairro Felipe Camarão, fiquemos sabendo que os polícia estava rondando toda tarde pra pegar bagunceiro, na verdade eles querem é aparecer pra comunidade, exhibir sua força. Aprontemo nosso show, pois a gente queria trocar força com os urubus de farda. Só um colega tinha um 38, então resolvemo assalta uma vendinha, entremos e enquanto o colega apontava o oitão para o dono, a gente fazia a festa com balas, pirulito, doce. Chamaram os polícia e começou o duelo. Apesar de só um oitão acertamo dois urubus, eles mataram um colega e conseguiram meter no camburão dois. A raiva dos polícia era grande e ainda gritava: vamo pegar o resto seus vagabundo. Se escondemo na casa de um morador, enquanto eles nos procurava pela redondeza. Fiquemo nesse dia empate com os home **(Gentileza, 17 anos)**.

As reações de violência que os infratores necessitam mostrar conduzem a violência em cadeia quando, os atos realizados pelos policiais são uma resposta aos meninos e os atos destes, por sua vez, uma resposta aos dos policiais. Se de um lado no imaginário dos policiais os meninos são percebidos como agentes da violência cotidiana, de outro, no imaginário dos meninos os policiais é que são percebidos a partir de tal ótica. O bandido, o marginal, a encarnação do mal e da violência são acusações sempre imputadas ao outro.

Parte da visão acima exposta decorre do fato de que a violência policial nos bairros de periferia utiliza-se das mesmas práticas dos jogos violentos dos jovens e adolescentes. No entanto, cada grupo concebe os seus próprios atos como positivos, e aqueles realizados pelo outro grupo como negativos. Ocorre uma certa imaginação fantasiosa em que há a presença de heróis e vilões, que são representados de acordo com a ótica de cada grupo. A demonstração de força é concebida como ação complementar e exterior, como um poder que é reconhecido para potencializar a percepção de que por detrás das falas de teor normativo, de objetivo recuperador, disciplinador, estão acopladas ações baseadas na força e no enfrentamento.

Eu vinha de uma festa e sentamos na calçada de uma casa. Aí, de repente parou o camburão e mandou nós, tudinho, se encostar na parede, fez o baculejo e não encontrou nada. Aí eu fui olhar pro lado e eles disseram – que tu tá olhando vagabundo. Virei a cara para trás, e eles lá doido pra nós reclamar, só embaçando, ninguém tinha grana. Passou um pedacinho, eu olhei de novo. Então eu apanhei pra caralho, era tudo que os urubus queria, era bater, bater, bater. Isso não acaba nunca (**Cheira Balde, 18 anos**).

A partir, por exemplo, dos relatos dos meninos infratores pode-se constatar o relacionamento entre polícia e violência, ao mesmo tempo em que, para eles, polícia e crime organizado constituem uma associação quase inexorável. É possível que esta relação tenha suas origens a partir da experiência e percepção que esses meninos têm do modo de atuação policial. Para eles a polícia, a partir da sua própria vivência e também das idéias presentes em seu imaginário, é uma instituição cruel e que goza de certos direitos que em geral se pautam na impunidade, o que ocorre tanto no CEDUC como nas ruas, bairros e favelas da cidade.

A gente já cresce com medo dos polícia, pois troca de bala é o que mais a gente vê quando somo pequeno no nosso bairro. É mãe correndo com a gente pra dentro de casa, é menino levado no camburão, é peia, muita peia, é morte, é gente chorando é um inferno que corrói o boy por dentro e revolta a cada dia com esses cana. Todo mundo tem medo dos home, mais ninguém é covarde nem boiola de mostrar, o único jeito é enfrentar os fera. Tem muita injustiça professora, as vez não tamo fazendo nada, eles leva a gente. Já passei uma noite na delegacia do menor, só me soltaram de manhã. Cheguei em casa peguei uma peia do meu padrasto, então saí de casa e assim comecei a conhecer o mundo das droga, do crime. O que leva a gente ter essa rixa com os polícia é a safadeza deles pra cima da gente, toma tudo que é de valor, mermo sabendo que o boy roubou (**Fatal, 19 anos**).

O medo, valor central nos relatos, é recriado como um dos agentes da violência e elo visível de desordem entre o crime e a lei. A explicação que muitos jovens e adolescentes mostram para justificar essa confusão está fundada em suas

observações sobre a polícia nas trocas materiais que obtém: armas, dinheiro, e tudo de valor que eles podem fazer acordo. Segundo um dos meninos que tentava explicar-me:

A polícia tem a maior facilidade de botar medo, pressionar, de deixar a gente com medo deles. Mas é só safadeza desse bando de urubu, pois ficam de olho grande nos roubos que nós faz, na droga que nós vende, primeiro eles dão o baculejo, se tem coisas que interessa a eles principalmente a bufunfa, tudo isso é dado em troca da liberdade ou pelo menos num bate na gente. Eles tão de cima, o poder deles é maior, fazer o quê? Mais pense professora, são bandidos igual a nós. Outro dia professora a PM fez arrastão no bairro Mãe Luiza, saiu até na televisão. Esses polícia são marginais pior que a gente. Eles tomam dinheiro, relógio, tudo que tiver com a gente eles ficam pra eles. Meu amigo vendia colar, pulseira, etc na praia e quando um dia voltava pra casa, eles os polícia tomaram toda bufunfa apurada, uma merreca de R\$ 50,00. Eles são uma gangue da pesada, ou seja, da pior espécie **(Zarolho, 18 anos)**.

A partir da imagem negativa do outro, os meninos criam a *normalidade* de sua própria personagem. Além disso, é preciso dizer que eles trabalham com uma imagem pré-estabelecida do policial que, nem sempre, corresponde à verdade, há policiais honestos que pautam suas ações nos direitos humanos e na ética e que, dessa forma não correspondem ao tipo construído pelos meninos, mas eles englobam todos em uma mesma categoria, a de vilões.

Esta negatividade que os jovens e adolescentes apontam na ação policial faz com que eles estejam sempre em guerra com os policiais e imersos em um horizonte cheio de revoltas, medo e cada vez mais violência.

Uma estrutura social é sempre fruto de uma relação de força. Esta relação pode se alterar, nos confrontos com os jovens e adolescentes, mesmo que os policiais que ocupam posições de poder, tentem manter estas posições e seus valores, elegendo como verdade o que na realidade é apenas uma maneira de driblar o jogo do

poder, eles acabam perdendo o respeito e a moral, pois é possível perceber as nuances das relações entre pessoas nessa realidade marcada pelo discurso e pelas práticas da violência.

Os polícia algema e manda a gente andar até a delegacia do menor, bate, dá chute e quanto mais eles bate, mais cresce a revolta. Um dia, tava eu e meu colega na praça, eles cismaram com Preguinho de menor também, algemaram e botou ele pra andar no meio da rua. Foi mais de uma hora de pancada, deram chute na bunda, no estômago, em todo canto. Tapa na cara, não tem nem respeito pelo de menor nem com as pessoas que tão passando na rua **(Nino, 14 anos)**.

Interessante é que eles sempre apontam para uma violência visível e desrespeitosa do policial para com eles, uma *violência gratuita*, pois em seus depoimentos eles nunca estão fazendo nada de errado, mesmo quando se envolvem em atos violentos.

Com certeza, a esfera pública é um processo em construção. Como valor de democracia, de espaço por onde circulam bens materiais e simbólicos, sempre será um bem cuja definição será inacabada. Por mais dura que uma determinada rede de relações pareça, esse sempre será o espaço-tempo do inesperado, da surpresa, do inusitado.

Se acreditarmos em uma linha moral intransponível, dividindo os seres humanos entre o bem e o mal, acreditaremos também que essa linha divisória sendo intransponível servirá de barreira e nos protegerá assim como impedirá que a ultrapassemos. O problema que se coloca não é o de evitar que os outros passem para o lado de cá. O que realmente importa é o impedimento de que nós, do lado de cá, cruzemos a linha para o lado de lá. Assim o grande medo será apaziguado: nós não

somos nem seremos iguais aos *outros*, àqueles que personificam o mal, a violência criminosa.

Para os jovens e adolescentes infratores, a polícia expressa-se no mesmo campo da violência, ou seja, do mesmo lado dos meninos infratores. Poderia-se indagar: por que os conflitos parecem eternizar-se? *Se o conflito eterniza-se é por não haver diferença alguma entre os adversários* (CANEVACCI, 1990, p.65).

Aos poucos vai se tornando evidente que o enfrentamento entre polícia e bandidos é travado por indivíduos semelhantes na linguagem, na atuação e na escala de valores. A única diferença entre eles, *do ponto de vista dos infratores*, é que o *policia* é mais poderoso e, portanto, apesar de todo ódio despertado pela extorsão e violência de que são vítimas, devem se submeter.

Os polícia são mais ladrão do que a gente que é infrator. Eu conheço um, safado todo ele anda com um traficante de maconha da zona norte, ele pensa que a gente não sabe. Ninguém vai prender ele mermo, ele toma do malandro a mercadoria e vai vender pra outros mais sem-vergonhas, eles são muito pior que a gente, se for ver mermo quem está errado... tem policial sério, não vou falar de todos, mais eu sou contra os policia de modo geral. Se eu tivesse poder eu botava todo eles na parede e metralhava com o maior prazer. É por isso que o crime não pode acabar senão acaba a policia, vão viver de quê? **(Garotinho, 16 anos)**.

As relações da polícia com os meninos infratores se revestem de características de *oposição e complementaridade* tendo por base a *dominação* e exploração da polícia sobre os bandidos, os marginais, fundada no *poder e legitimidade social* atribuídos pela *legislação aos elementos do aparelho repressor*, (PASSETTI, 1984, p.147). *Suas relações se estabelecem e se reproduzem com aparência de*

*oposição total, em torno do eixo legal/ilegal: os dois grupos aparentemente se excluem, pois a polícia existe para não permitir o crime, tirar o criminoso de circulação.*

*Quanto mais polícia dir-se-ia, menos criminosos.* Porém, sua oposição aparente, sustentada pela legislação e instituições decorrentes, é a base que permite e, ao mesmo tempo, esconde a verdadeira natureza de suas relações: de *complementaridade e exploração*. Como nos fala um adolescente confinado no CEDUC:

quanto mais polícia, mais crime, mais bandido a procura da cruel via do tráfico, os policia se alimentam também do que os traficante conseguem, tão sempre fazendo acordo, é a própria máfia (**Canibal, 18 anos**).

É preciso pensar que há um conjunto de multicausalidades para a existência do crime e talvez não seja a polícia em si, uma delas, mas a filosofia e a ideologia que está por trás dela, a forma de agir, a maneira como o sistema trabalha etc. Assim como o aumento da polícia, por si só, não é capaz de acabar com o crime, o crescimento dela também não pode ser a única responsável pelo aumento do crime.

É por caminhos fantasiosos que os meninos infratores interiorizam um imaginário, assumindo como naturais, os fins do sistema policial e a essência do que é socialmente valorizado: a posse do poder e da riqueza, para o prazer de possuir as coisas e submeter pessoas. As regras institucionais do jogo social são encaradas como uma esperteza maior, um truque desleal dos oponentes, o roubo dos roubos, o único que não é punível.

Polícia só gosta de grana, é o bicho mais safado que tem solto por aí, meu irmão. Bota pra fuder, só gosta de dinheiro. É por isso que rico não fica preso, rico tem advogado, tem dinheiro que paga a polícia. Nós não

tem não, e vem pra cá pro CEDUC. Muita das vez eu já fugi, como outros igual a eu, fazer o quê? Nossa família não tem cor, mais o do rico tem cor: é o dinheiro (**Fuscão Preto, 17 anos**).

Eu já ganhei muito dinheiro numa semana, trabalhando para um traficante... e em dois dia eu estourei tudo... dinheiro é bom, a gente compra, dá aos amigos, se sente forte poderoso, e invejado. Mas que adianta a gente não pode comprar nada grande no nome da gente, a polícia vem no rastro e leva tudo, dizendo que foi roubado. Nessa vida do crime quem não tem como se garantir como os traficante de posse, se fode mermo (**Rick, 19 anos**).

Nos relatos aparece a questão do dinheiro como finalidade do crime, como uma gratificação pelo delito cometido. Muitos dos meninos infratores, já experimentaram o péssimo *sabor* da prisão e das *violências policiais*, por causa de seus roubos e trapanças, mas, isso também ocorre com dinheiro suado, de algum trabalho honesto.

Na encruzilhada do dinheiro fácil e do dinheiro suado, nem um nem outro parece ser finalmente lucrativo; um podendo significar o preço da própria vida, e o outro, muito esforço e muito suor derramado, para pouco ou nenhum reconhecimento social. É aí que os meninos infratores, como tantos outros do mesmo universo social, encontram-se no dilema do malandro decente, conforme a nomeia Violante: *expressão do nível ótimo de tensão entre sentir-se 'decente' e ter que ser um 'regenerado' ou um 'malandro'* (1983 p.15).

A ilusão do dinheiro fácil revela a sua outra face: o jovem que se encaminha para a carreira criminoso enriquece não a si próprio, mas a outros personagens que quase sempre permanecem impunes e ricos. Em outras palavras, as principais vítimas dos crimes violentos são os próprios jovens e adolescentes pobres. Por causa da cadeia de vinganças pessoais de que são prisioneiros, especialmente cruel entre os traficantes de drogas.

O termo *menino infrator* apareceu como fruto de inúmeras análises discursivas, construídas por diversos saberes, ditando regras e costumes; calcadas em padrões valorativos. Resta ao pesquisador captar, nas lacunas deixadas pelos discursos, a explicação de uma ordem na qual emergiram figuras previamente criadas, classificadas, caracterizadas pelo o olhar do *outro* nem sempre buscando as diversidades, antes fazendo discurso da ordem a ser seguida, jamais questionada.

Apesar do aumento da violência, por vezes assustador, a sociedade ainda não achou soluções para os jovens e adolescentes que vivem na escuridão das drogas, dos crimes, dos roubos, assaltos, etc. Os que sobrevivem nesse circuito, vez ou outra, principalmente quando chegam à maioridade, premidos por essas forças que os esgotam, tentam se regenerar. No geral são tentativas frustradas, ilusórias, pois já são peças necessárias, conhecidas, como os marginais do mundo do crime, que alimentam o poder e justificam o aparelho repressor.

Assim, os meninos infratores continuam nessa vida até onde agüentam. Continuam sendo extorquidos e extorquindo, roubando, endurecendo seus sentimentos na revolta que cresce em seu ser, transformando-se em desespero e instabilidade. Vão presos, fogem. São detidos, voltam às ruas. Muitos, nesse trajeto, são mortos em função de desentendimentos entre eles, em tiroteios; alguns são linchados pela população revoltada pelos crimes praticados; e outros ainda são baleados por ocasião de algum assalto etc. Uns poucos vão escapando da morte, e com a maioridade mudam-se do CEDUC e tornam-se hóspedes de Penitenciárias maiores, onde o ciclo se repete com mais vigor.

Uns entre eles prevendo a morte próxima realizam atos de valentia suicidas e desesperados, rompem o pacto com a polícia procurando uma morte honrosa, ou

seja, uma morte que encaram lutando até o fim. Eles querem que sua morte seja reconhecida pelos colegas com bravura, e isso ocorre quando se sentem encurralados, quando não conseguem mais viver escondidos dentro dos matagais, quando o cansaço já passou do limite e as forças estão por um fio. Então, enfrentam a polícia declarando a própria morte, mas, de armas na mão.

E assim, é essa cultura, essa violência instalada em suas vidas desde pequenos, os meninos que se tornam infratores vivem em suas *inocentes brincadeiras* copiando os meninos maiores e inventando a sua própria diversão. Sabem melhor o que é violência, pois suas *brincadeiras* são de boca de fumo, dando tiros pra se livrarem da polícia, se escondendo dentro dos matos, enrolando cigarros com folha seca de eucalipto para parecer maconha, prendendo e algemando etc. No romance Cidade de Deus (PAULO LINS, 2002) que inspirou o filme Cidade de Deus, dirigido por (FERNANDO MEIRELLES, 2002) percebe-se muito forte toda essa *brincadeira* dos meninos, ou melhor falando, das crianças. No documentário do (MV BILL E CELSO ATHAYDE, 2006), no seu livro *Os Falcões: meninos do tráfico*, um projeto que iniciou em (1998), fala sobre o universo dos meninos que trabalham no tráfico de drogas em diversas partes do país. No livro, eles também presenciaram as *brincadeiras* e as aventuras que é a diversão dessas crianças.

Os meninos ricos ou de classe média desde pequenos vão ao teatro, ao cinema, ao circo e outros programas educativos, enquanto os de bairros pobres ou de favelas, alimentam sua sede de cultura e diversão nos desenhos animados, revistas de super-heróis e outras coisas que também alimentam a violência, já que brigas, bombas etc. são bastante exploradas nesses filmes. Aliás, a mídia de maneira geral, é um instrumento que acaba reforçando a cultura do medo e da violência.

Todas essas reflexões nos conduzem a uma interrogação: O que seria a cultura da violência? Na visão de mundo e através dos relatos desses jovens e adolescentes confinados por cometerem delito, talvez eu possa mais no final do trabalho, elaborar uma noção daquilo que estou chamado de *cultura da violência*.

#### **4.2 CEDUC / PITIMBU: FORMAÇÃO / DEFORMAÇÃO.**

*(...) não tem dó no peito, não tem jeito, não tem ninguém que mereça, não tem oração que esqueça, não tem pé, não tem cabeça, não dá pé não é direito, não foi nada, eu não fiz nada, eu não fiz nada disso, e você fez um bicho de 7 cabeças, bichos de 7 cabeças.*

(Zé Ramalho/Geraldo Azevedo/Renato Rocha).

De instituição destinada à reeducação de meninos infratores, o Centro Educacional - CEDUC/Pitimbu se transformou em uma prisão para adolescentes em conflito com a lei. E, talvez por isso mesmo, não cumpra o objetivo a que se propõe: o de promover um espaço de reflexão para estes jovens e adolescentes repensarem sua posição na sociedade e projetarem um futuro baseado na dignidade e inserção social.

Quando esses meninos são apanhados em seus delitos e levados para o CEDUC, possuem uma concepção de quem são ou gostariam de ser no mundo externo, geralmente a infração, especialmente na adolescência, reflete questões e posicionamentos internos de quem passou por inúmeras privações estruturais, sociais, emocionais e quer tomar, mesmo que a força, da sociedade aquilo que lhe foi negado.

Essa concepção de si construída no mundo externo, em uma instituição total, como a FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) de todos lugares, é constantemente exposta às práticas institucionais de *rebaixamento, degradação, humilhação e profanação do eu* (GOFFMAN, 1996, p.24).

Para GOFFMAN (1996), as instituições totais se constituem em uma grave ameaça ao eu. Nelas o indivíduo é despido de sua identidade e de sua individualidade, compondo uma massa de iguais. No meio externo, o indivíduo possui territórios e objetos que se ligam aos seus sentimentos e atitudes de conservação do eu, como seu corpo, pensamentos, bens e ações, dos quais é desapropriado quando adentra a uma instituição como a FEBEM.

A rotina da instituição CEDUC/Pitimbu, já relatada no primeiro capítulo, não só com referência à vida diária, como também às relações entre os internos, os educadores e superiores, é formalmente administrada, cheia de regras impostas e regulamentadas, o que pode ocasionar a perda de intimidade do indivíduo. Esses meninos são constantemente expostos a práticas institucionais violentas de rebaixamento e humilhação, que os obriga a uma mutilação da consciência que possuem de si. A tensão psicológica desta rotina exige do indivíduo uma reorganização de seu eu, na verdade exige uma adaptação à instituição para que ele possa sobreviver, sem a constante ameaça de ser aniquilado.

Nas instituições é qualquer fala de funcionário que certamente focalizará, em primeiro plano, a vivência intensiva de abandono, com toda sua carga de significações traduzidas em inúmeras demandas, como se refere Paulon: *mais funcionários, mais horas extras, mais cursos etc. como se a experiência de desamparo se constituísse no cimento do tecido social, que une mais trabalhadores* (2001, p.203).

Outra coisa interessante é o relato de um funcionário do CEDUC: *quando a gente chega e os meninos infratores estão todos em silêncio, quietos...Olha, ai vem coisa, dá até um frio na espinha*. Segundo esse funcionário - educador do CEDUC/Pitimbu, tudo começa com os gritos dos meninos confinados.

Vamos virar! Vamos virar! Virou! Virou! Um pavilhão grita aqui, outro dali, outro ecoa ali, em pouco tempo já é o inferno. É uma gritaria que ninguém ouve mais nada, porque nós educadores, gritamos também e tentamos gritar mais alto que eles. Já era! Já era! Acabou! Senta! Senta! É uma competição de gritos para ver qual ordem que predomina. Mas nessa hora já está voando estilete, os meninos estão já com pau, pedaço de ferro e o que podem adquirir na hora a luta é grande para se negociar, eles não escutam nada na loucura de fugirem, e as vezes levam tiros, aqueles mais ousados, mais destemido de tudo, só conhece um dia de rebelião quem trabalha com esses meninos, primeiro não se pode confiar (**Educador do CEDUC, 35 anos**)).

Vai se delineando uma cena infernal: fogo nos colchões e roupas produzindo densas nuvens de fumaças que podem ser vistas à distância e mobilizam a atenção externa, um barulho ensurdecador de ferro batendo, paredes sendo demolidas, gritos dos meninos infratores e funcionários, sirene dos camburões policiais e das ambulâncias que chegam para retaguarda, tiros de alerta dados pela guarda externa. De forma desorganizada e eufórica, funcionários correm de um lado para outro, contando quem falta, juntando pertences, telefonando para a equipe dirigente ou para seus familiares.

Com uma certa freqüência esse tipo de episódio é comum nas instituições e as equipes de educadores sequer esboçam resistência, tratando de botar cadeado e escapar o mais rápido possível com medo de serem pegos como reféns e, com isto, deixando o local totalmente liberado para os jovens e adolescentes. *Viu no que dá esta conversa de direitos humanos?* Ironizam certos funcionários, dirigindo seu sarcasmo também para alguns colegas mais comprometidos com um projeto pedagógico de respeito aos meninos infratores.

Não é de hoje que temos assistido ao show bárbaro de rebeliões, fugas, mortes e crimes de todos os tipos. As FEBENS (espaços de reeducação para meninos

infratores), principalmente das grandes cidades mostram isso o tempo todo, sem soluções para esses jovens e adolescentes confinados e para a própria sociedade. Os funcionários que tentam fazer movimento de resistência geralmente adoecem ou são demitidos por não aderirem à crueldade imposta como prática pedagógica.

Contudo, a reforma de pensamento governamental sobre como tratar jovens e adolescentes tem de se voltar para a formação que eles precisam. Quando as escolas, as comunidades, a sociedade ou os governos proporcionam a esses meninos pobres das periferias e favelas acesso a criação cultural, estão lhe devolvendo e ao mesmo tempo oferecendo, um campo em que podem exercitar a própria subjetividade e expressividade, mostrando-se, inventando-se como pessoas, com respeito, com outro olhar que os valorizam pela mera atenção que eles tanto querem. Esta atenção valoriza quem se sente ninguém, quem se sente invisível.

Socialmente quando invisível, o maior desejo do ser humano, é o desejo do acolhimento, afeto, reconhecimento. Pressionado por este desejo profundo, os jovens e adolescentes recorrem aos expedientes acessíveis, dentre eles a violência. Claro que a realidade é bem mais complexa e que há sempre muitos outros fatores em ação. Mas a tese da invisibilidade é forte o suficiente para justificar algumas propostas que fazemos à sociedade e aos governos.

Acredito que uma atividade desta natureza é necessária por trabalhar uma questão básica que é o resgate da confiança em si e nos outros, sem o qual qualquer ação de inclusão social pode se tornar inócua e até mesmo paternalista, concorrendo para a menor autonomia, ou seja, para a infantilização desses jovens e adolescentes. Com certeza estamos trabalhando com algo que está marcado muito fortemente no imaginário social e no próprio corpo desses meninos.

Portanto, por esse motivo, também é fundamental discutir a cultura da violência, quer dizer, pesquisar seus meios de difusão, suas características, sua lógica moral, para investir nos eventos culturais, nos quais se destaca a cultura própria deles. O problema de comportamento violento e da disseminação do ódio como linguagem, postura e valor, não se enfrenta apenas com a polícia, ações socioeconômicas e uma vaga e genérica educação para a legalidade. Enfrenta-se com a difusão alternativa que promova paz e seus valores, numa linguagem jovem e em diálogos com o imaginário da juventude pobre.

O esforço metódico que empreendemos nesse tipo de estudo é valioso, sem dúvida, mas há um preço a pagar, pois há sempre perdas nas escolhas que fazemos de interrogar, questionar, ouvir e entender um menino envolvido com homicídios, roubos, crimes, drogas e estupros. A perda talvez seja grande demais, porque, nesse estudo existe uma compreensão mais profunda das experiências humanas, de uma violência sem limite desses jovens e adolescentes, que sempre estamos procurando desvendar.

#### **4.3 SONHOS: O INACESSÍVEL QUE MORREU.**

Sonhar mais um sonho impossível, lutar quando é fácil ceder, vencer o inimigo invencível, negar quando a regra é vender, sofrer a tortura implacável, romper a incabível prisão, voar no limite improvável, tocar o inacessível chão...

Chico Buarque/Ruy Guerra

Falar nos sonhos dos meninos infratores é remendar e tecer; é dar ponto e nó; ligar e interligar na máquina de costura do meu cérebro. Os relatos colhidos, como retalhos de panos, tecidos e articulados por eles, os retalhos da vida, os pedaços da família, do prazer, da liberdade, que servem também para construir uma religião da

visão simbólica entre tudo que está partido, separado e rasgado no mundo de seus sonhos.

Seu sonho é o sonho de todos nós: é o pote de ouro no fim do arco-íris. É a meta proposta para os cidadãos de uma sociedade de classe que se quer fazer de igualitária através do mito da mobilidade social. Os meninos infratores querem provar das delícias expostas nas vitrinas, na propaganda da TV, enfim, nos consumos em geral de tudo que está presente no nosso cotidiano.

Os sonhos desses jovens e adolescentes confinados se apresentam de múltiplas formas, da mais simples como: entrar numa lanchonete para comer um sanduíche, aos grandes sonhos, como ter uma família *estruturada*, bem como financeiramente equilibrada.

Para os meninos infratores, cada nova prisão mingua esses sonhos e a esperança, até mesmo a de sonhar, vai morrendo conforme os caminhos tortos da criminalidade que abraçaram e que os envolveu em um labirinto no qual a porta de saída é de difícil acesso.

Sonhar! Pra quê? Sonho em tá vivo todo dia. Não tenho mais tempo pra isso, até porque já realizei o que eu mais queria: matar o cara que matou meu pai, agora o que vier é lucro, o futuro de nós é a morte mermo **(Fuscão Preto, 17 anos)**.

Meu maior sonho é ter uma família. Não conheci nem meu pai, a minha mãe morreu eu era pequeno demais, moro com uma tia que é alcoólatra. Só estudei o primeiro ano primário, mas não aprendi nem a ler nem escrever, não dou para essas coisa, era o sonho da minha mãe eu ser gente, um doutor, vencer na vida. Tô nessa vida mais quando for de maior vou sair e ter minha família, mulher, filhos **(Maluco, 19 anos)**.

Ah! tenho um sonho desde pequeno, quero ser dançarino, mas não boiola, danço muito bem como macho. Se algum grupo de São Paulo ou do Rio de Janeiro levasse eu para trabalhar de dançarino com eles, eu saia dessa vida. Ia aparece na TV, no teatro. A professora que ensina dança, disse que tenho chance, já o coordenador o Zé Carlos disse que

eu bote os pé no chão, que não é fácil. Esse sonho fica guardado, qualquer coisa eu danço no céu – risadas **(Fininho, 18 anos)**.

Os relatos acima nos trazem pequenos fragmentos dos sonhos, das fantasias e dos desejos dos jovens e adolescentes. Esses relatos só foram possíveis com o passar do tempo, depois de estabelecida uma relação de confiança na qual eles puderam se sentir valorizados como pessoas.

Em contrapartida observo que ao mesmo tempo em que há o desejo idealizado de uma família feliz, há um lado obscuro de determinados desejos, inconfessáveis, muitas vezes presentes em qualquer ser humano. Refiro-me à crueldade percebida no discurso de alguns dos jovens e adolescentes entrevistados no CEDUC, em que há o desejo veemente deles serem vistos como protagonistas de histórias de crimes e perversidade - a maioria deles vêm na figura do traficante, sua referência maior, uma espécie de ídolo. Ninguém é mau ou bom por natureza, e isso tudo é o resultado de uma cultura da violência.

Não posso deixar de ressaltar a necessidade de vários infratores confinados no CEDUC/Pitimbu, de “gritar” para a sociedade que seu maior sonho é ser um traficante. Como se pode perceber nos relatos abaixo.

Meu sonho é ser um traficante, pois é respeitado, tem bufunfa, tem muitas boy gostosa, carrão do ano, casa de barão, piscina, e tem vários tipos de jogos, mas é dessa maneira que eu quero ser, pois o traficante que vevi nas bocas, ele são mais preso do que eu. A senhora acredita que ele não conhece nem o mar? Eu tô atolado de dívida, mais quando eu ficar na liberdade vou trabalhar mais ele, pagando vou ter meu próprio negócio vou ganhar minha grana e quem sabe não realizo meu sonho? **(Careca, 16 anos)**.

Meu sonho, meu sonho era o mermo da minha mãe. Ela queria que estudasse pra ser advogado. E eu queria, mais parei pra entrar no crime. Conheci o crack e foi o que mais me acabou. Agora minha idéias não dá mais pra estudar. A minha mãe ficava feliz, Pois eu sempre tirava

o primeiro lugar quando eu ia na escola. Agora o que eu mais quero é matar o boy que tá aqui também preso, por que ele matou minha mãe. É por isso que eu não me aproximava da senhora, por que a senhora é amiga dele **(Canjiquinha, 18 anos)**.

Eu queria ser um jogador e acabei aqui no CEDUC. Hoje não gosto nem de jogar, nem sei. Meu maior sonho foi desmanchado pelos boy ricos, pois da bola eu passei pra ser traficante de pó, sem nem mesmo saber o que era essa porra. Acreditei no boy filhinho de papai e fui jogar mais ele, depois do jogo foram cheirar essa porra de pó, a polícia chegou e eu fui o responsável de levar os papelotes para os canalha cheirar. Além de apanhar pra dedeu, para dizer o nome de quem mandou eu entregar. Agora meu maior sonho é ser um bandido de honra famoso, justo com minha gente, se eu ficar rico vou continuar gostando dos meus esses boy que nunca passou fome não dá valor a gente **(Peteca, 15 anos)**.

Meu sonho é ser um médico, mais um médico do bem, não esses filho da puta que atende no Walfredo, e quando sabe que a gente é um infrator, tira a bala sem anestesia, e ainda fica mandando a gente aqueitar: guenta, guenta, tu num é bandido, do num fura os outros, guenta, a própria Assistente Social ficou com pena de eu **(Dois Cu, 17 anos)**.

Meu sonho é voltar a estudar, conhecer as letra para fazer meu livro, como a senhora tá fazendo o seu, eu iria contar muitas coisa da vida, da que passei, da que aprontei e no fim ia mostrar ser alguém rico de bem com a vida, aceito nas roda dos grande, sair nos jornal, revista, TV no programa do Jô Soare... deixa eu me beliscar, (risadas) é apenas sonho professora, meu destino não diz mentira eu sei aonde vou parar **(Zezinho Herói, 17 anos)**.

Tomando esse último relato, é possível perceber que a valorização do estudo está fundamentada num ideal social, internalizado pela família e às vezes pelos filhos, de que só com ele pode-se vir a ser alguém na vida. Trata-se de um meio para *saída* de uma realidade sem perspectiva. Há o *mito dos estudos*, construídos a partir das crenças no seu poder de transformação, de mudanças na vida das pessoas.

A dimensão do idealizador surge às vezes como sonhos grandiosos: por exemplo, a fantasia de ser um médico, ou advogado, como condição de ser alguém e fazer parte de um mundo que lhes é vedado e podem apenas ver passar nas telas de

televisão, em vitrines no shopping, nas frestas das portas das casas de ruas dos bairros de classe alta e média da cidade.

De acordo com esses sonhos, o caminho que eles queriam seguir está claro. O que eles vêem como sonho são apenas idealizações deles, mas que se perderam entre o limite do real e do imaginado. “Sonho não copia a vida”. O destino deles não seguiu a trilha desejada, mas uma “reta torta” de um caminho sem volta.

Seus relatos soltos sobre o futuro, esperança, me encaminharam na rota dos seus sonhos como uma bússola, orientando-me e levando-me a ver os acontecimentos do que os meninos infratores, no seu imaginário diziam o que poderia acontecer com eles.

Esperança, professora? Nenhuma. Pois a gente deixa de crer nessas coisa a partir do que fica sabendo o que foi feito com o colega que saiu daqui do CEDUC, e os educador fazem questão de contar é como se fosse o maior prazer, dá a noticia pra gente, se eu nascer de novo talvez venha cheio de sonho, esperança, mais agora isso tá distante, pois sei o que me espera lá fora, vou tentar escapar de todo jeito, mais...  
**(Ferrugem, 19 anos).**

Então daí a importância da prática da esperança – por isso ela deve ser um imperativo ético, mesmo que racionalmente desautorizada, afinal, ter esperança não pode se confundir com sonhar o sonho impossível. A esperança é uma espécie de *parteira* de um futuro desejado.

As expressões manifestadas, na maioria das entrevistas, mostram que os sonhos e desejos apresentam uma discrepância grande com a própria percepção que esses meninos infratores possuem de sua realidade vivida e concreta. A realidade cotidiana parece mostrar-lhes os obstáculos reais para tentarem alcançar seus objetivos; além disso, todos aparentam uma certa inapetência para investirem no

aprender a ler e escrever, ou seja, estudar. Parece haver uma incredulidade naquilo que esses jovens e adolescentes infratores querem para si, portanto são sonhos que se desmancham com o vento, como os belos *castelos de areia*, feitos nas brincadeiras de criança na praia – se é que tenho direito à licença poética.

#### 4.4 A MORTE INTERDITA... O FIM DA HISTÓRIA.

Vem a história, escreve um capítulo cujo título pode ser 'nunca mais', vem o tempo e elege outra história que escreve outra parte que se chama 'nunca é demais'. 'nunca mais', 'nunca é demais', 'nunca mais', 'nunca é demais' e assim por diante tanto faz. Indiferente se o livro é lido de trás pra frente ou se lido de frente pra trás.

Gilberto Gil, "o fim da história".

A consciência da morte é uma marca da humanidade. Na vivência dos meninos infratores, embora eles temam a morte, é algo que está constantemente presente nas suas mentes e nos seus relatos: quase todos matam, mas no discurso deles, todos têm medo de morrer. Segundo Kastenbaum: *cada pessoa teme mais um certo aspecto da morte*, desse modo para ele a morte pode ser vista a partir de duas concepções: *a primeira seria a morte do outro; o medo do abandono, envolvendo a consciência da ausência e da separação. Enquanto a segunda seria a própria morte. A consciência da própria finitude, a fantasia de como será o fim e quando ocorrerá* (1983, p.15).

Assim que eu sair daqui sei que minha cabeça vale ouro. Mas eu não tenho para onde ir, vou voltar pra favela do detran e andar armado, é por isso que faço patos na (oficina de dobradura), com a grana eu descolo um oitão. Matei muita gente, tenho muito inimigo, sei que a morte me espera, posso até ir mais levo outros comigo. Tenho medo de morrer sim, mais sei que é o destino da gente **(Martins, 20 anos)**.

Esse jovem saiu em maio de 2005 do CEDUC/Pitumbu e após alguns meses, teve uma trágica morte. Foi assassinado pelos *amigos* da favela com oito tiros na cabeça numa emboscada do *cheiro do queijo*. Segundo consta na investigação a vítima foi morta por motivos de vingança. Através das entrevistas, ele deixava evidente o quão próxima estava sua morte. Todos os casos apontam para uma probabilidade desses jovens e adolescentes terem uma espécie de previsão de suas mortes, do seu próprio eu com sua cultura. Dessa forma, apresentarei abaixo um painel geral da situação em que se encontram hoje quase a totalidade dos adolescentes com os quais conversei. Para eles a morte se apresentou como um destino inevitável, uma armadilha de cujas teias não foi possível escapar.

O adolescente **Zezinho Herói, de 17 anos**, ao conseguir sua liberdade do CEDUC/Pitumbu, voltou para casa e retomou suas atividades na gangue da qual fazia parte. Em novembro de 2003 foi tragicamente assassinado pelos integrantes da gangue inimiga.

**Rouxinol, 14 anos** ganhou sua liberdade, começou a trabalhar em Parnamirim com o tio, na ocasião já havia completado 16 anos, e depois de duas semanas, o mataram cruelmente com várias facadas. Na opinião de alguns funcionários do CEDUC, foi queima de arquivo. Alguns colegas a mando de um traficante o eliminaram.

Já o adolescente **Garotinho, 17 anos**, ficou em liberdade quase cinco meses. Voltando para o tráfico foi pego em flagrante e levado para a delegacia do menor. Quando soube que voltaria para o CEDUD (já era a quarta vez que voltava), se matou dentro da cela da delegacia do menor, antes de descer para o CEDUC/Pitumbu.

O jovem **Dunga, 20 anos** conseguiu a liberdade em 2004. No começo de 2005, foi pego em flagrante no assalto ao supermercado. Matou um funcionário e desceu para João Chaves. No final de 2005, após uma fuga com outros presos, foi encontrado morto em um matagal.

**Biriba, 19 anos**, jovem infrator morreu pelas mãos do seu *melhor amigo*. Assim que saiu do CEDUC em 2003, a mãe se mudou com ele e a irmã mais nova, para o bairro do satélite, para tentar mudar o filho. Seu sonho era aprender a tocar violão. Como tinha voz bonita a mãe, mesmo diante das adversidades porque passava resolveu fazer um sacrifício para pagar suas aulas. Quando **Gentileza, 17 anos**, saiu do confinamento, eles se encontraram e passaram a andar juntos e, numa briga boba, Gentileza jogou gasolina e tocou fogo naquele que se dizia ser seu *melhor amigo*. Morreu no Walfredo Gurgel, em novembro de 2004.

**Gentileza**, já com **19 anos**, foi encontrado Morto em um matagal nas imediações do bairro Planalto por um carroceiro que passava pelo lugar. Sua morte continua sendo uma incógnita, pois ninguém ficou sabendo como aconteceu. Há dias ele havia saído de casa depois de uma briga com o padrasto e passou a trabalhar na boca com o traficante. Com dois tiros um na cabeça e outro na barriga, janeiro de 2006, Pedro fez sua viagem eterna.

**Bené, 20 anos** e **Samoa**, na ocasião com **16 anos**, morreram no assalto ao banco trocando bala com a polícia. Desde que saíram do CEDUC, continuaram no crime. Com dois meses de liberdade em 2004, tiveram seu triste destino – a morte.

Em 2005 foram mortos por policiais: **Lulu, 17 anos**, **Grafite, 20 anos** e **Chupeta**, na ocasião com **17 anos**, **Manelzinho**, com seus **18 anos**. O Motivo é por mim desconhecido, pois ninguém do CEDUC soube me dar detalhes. Um funcionário

me disse: *com certeza foi drogas, enfrentamento com os policiais, só sei que apagaram os quatros de uma só vez.*

No final de 2005 também foram mortos por polícias na favela do Detran, **Sabugo, 17 anos; Rick, 19 anos, e Coragem, 18 anos**, em troca de tiros numa dessas batidas policiais em busca de drogas, ao tentarem fugir enfrentando a polícia.

**Careca, 18 anos;** saiu do CEDUC em novembro de 2005; sua mãe não queria que ele voltasse para casa, pois tinha medo que o matassem. Careca estava devendo muito a um traficante e estava em aberto sua dívida. Voltando para trabalhar com o traficante e pagar o que devia, caiu na armadilha das drogas novamente. Morreu pelas mãos dos colegas de *trabalho* a mando do traficante.

**Torrão, 16 anos; Ferrugem, 19 anos e Caverinha, 18 anos** foram mortos no começo de 2006, por inimigos do tráfico. Ao acumularem dívidas voltaram a trabalhar e ao fazerem novas dívidas, perderam o controle e acabaram sendo encontrados mortos em um matagal qualquer.

**Zac, 17 anos**, em fevereiro 2006, ao sair de uma festa no bairro Guamoré, foi morto por um outro adolescente, devido a uma briga por causa de uma garota. Como a garota escolheu **Zac**, o adolescente esperou a festa terminar e na saída para casa matou-o com dois tiros no peito. **Lombrado, 17 anos**, depois de várias idas ao CEDUC, assim que teve liberdade e já quase atingindo a maior idade, resolveu ir trabalhar com o padrinho, mas, na primeira oportunidade deixou o emprego e voltou as drogas, foi morto em um assalto ao banco por um policial.

Assim é a violência no cotidiano desses meninos. Uma violência que corre e ricocheteia sobre todas as superfícies da existência, e que uma palavra, um gesto, uma imagem, um grito, uma sombra que seja, capta, sustenta e relança indefinidamente. E

desta confusão de gangues, tráficos, revoltas, prisões, abre-se à alma vertiginosos abismos que em mergulhos de angústia nos fazem pensar: *Eram desses adolescentes que provinha toda essa violência?*

A violência é sempre uma resposta à outra violência – é assim que normalmente as coisas são percebidas. A morte, ao que parece, coloca um ponto final na violência de Zezinho, que achava o máximo ser o herói. Rouxinol, que sabia muito sobre as bocas e as *tretas* dos traficantes, além de ter uma grande dívida e Garotinho, que não agüentando mais voltar para o CEDUC, se enforcou. E todos os outros citados, que depois de muitas idas e voltas ao Pitimbu, estão mortos.

Na vida desses meninos encontrei o ponto, a corda e o *nó cego*, que liga as mortes deles tão rápidas e tão urgentes. Eles se matam entre si (gangues, colegas do crime), a polícia mata, os traficantes matam também, é um mundo de mortos, porque é *o destino da cultura deles*. O ponto, ou seja, o *nó cego* encontrado por mim, não *desata* para esses meninos infratores poderem encontrar o caminho certo, o *nó cego* que para mim é a própria violência impregnada na mente dos jovens e adolescentes infratores, vai se duplicando até... a corda quebrar.

Seus sonhos, os valores que eles acreditavam poder encontrar em um futuro, as fantasias de um dia chegar ao topo, perderam-se quando a tão temida morte os tirou de circulação. O quadro de uma violenta adolescência é voltado contra ela mesma. A realidade do risco que vivenciam, que, aliás, nunca foi novidade para eles. Sabiam que os riscos de morrer seriam tantos e numa seqüência tão intensa que poderiam nem voltar pra casa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRÁGICO DESTINO DOS QUE SOBREVIVERAM.

Trágico por quê? Simples, os que sobreviveram continuam nos mesmos caminhos do crime, sem perspectiva de uma vida decente. Continuam confinados, mesmo aqueles que estão em liberdade, pois se proíbem de andar livremente pelas ruas e caminhos da cidade, já que, o medo está sempre rondando a vida desses jovens e adolescentes. Eles não vivem sobressaltados apenas pela exaltação do crime, ou pela vigília que lhe garante a liberdade, existe um medo muito mais profundo: o medo da violência, que os leva a morte, nunca mais acabar.

Lançados sobre a terra, ignorantes de seu destino, submetidos à morte esses meninos infratores não podem escapar das maldades propriamente humanas; ela é tanto mais cruel quanto o ser humano é plenamente consciente e sensível. Sua extrema emotividade, excitabilidade, irritabilidade os torturam, eles são vulneráveis a todos os golpes do destino. Os jovens e adolescentes infratores vivem cercados de ameaças, assim como, em si mesmos, encarnam uma ameaça.

A consciência da morte, a partir do que eles aprendem desde a infância, acompanha-os como consciência da destruição absoluta de seu único e precioso tesouro: a vida. Assim, esses meninos estão entregues à crueldade do mundo, assumindo desejos e sonhos que se chocam com a realidade.

Tal realidade pode ser percebida a partir das entrevistas feitas etc. Foram por mim entrevistados 56<sup>42</sup> meninos, com os quais trabalhei durante toda a minha pesquisa

---

<sup>42</sup> 57 jovens e adolescentes passaram por mim, mas um adolescente de 16 anos, conhecido por todos como Cagão, não está sendo contado, pois o mesmo não era infrator, tinha problemas mentais, e quando não estava sobre o efeito da medicação agredia as pessoas. Chamo atenção, desse caso por eu estar presente no CEDUC/Pitumbu na época e ter participado de vários acontecimentos. Na cela que Cagão (assim era chamado por todos os meninos infratores) ficava, todos os dias apanhava dos meninos, o que lhe deixava mais irritado, levando-o a fazer suas necessidades fisiológicas e jogar nos meninos do seu pavilhão. Até que um dia, bastante irritado, fez coco e comeu na frente de todos. Só assim, o caso foi resolvido com seus familiares, pois ali não era o lugar ideal para ele ser tratado. O motivo

de campo, colhendo seus relatos e mantendo uma relação de comunicação; dentre eles 46 meninos estão mortos e apenas dez vivos, esses são os sobreviventes. Dos dez jovens e adolescentes infratores, quatro completaram a maioria e estão presos na Penitenciária João Chaves, sendo eles: *Nino, Feroz, Canjiquinha* e *Bob Esponja*. Três voltaram para o CEDUC/Pitimbu, (*Naor, Fineza* e *Pocotó*) e três estão soltos, *Dois Cu*, *Miudinho* e *Boca de Sapo*; um deles anda perambulando pelas ruas e voltou para o tráfico e consumo das drogas; e o outro está outra vez totalmente enredando no mundo do crime, pois segundo informações que me foram prestadas por ele mesmo, está traficando com a companheira<sup>43</sup> e uma turma de jovens que ele mesmo contratou, inclusive os colegas de cela que se encontram em liberdade estão trabalhando com ele.

E a solução? Procuro me questionar. Existe saída? Talvez, o primeiro passo fosse uma mudança da concepção de educação possuída pelos políticos. Não se trata aqui de deixar crimes sem punição, mas da compreensão de que a violência quando combatida com violência só provoca mais violência. O que temos assistido como atos praticados pelos adolescentes, nada mais é do que a reprodução da violenta rotina a que são submetidos; e o que faz então o governo através das suas instituições? Aumenta a carga de violência. E os jovens e adolescentes? Dentro de suas condições, aumentam suas respostas violentas.

Os jovens e adolescentes infratores procuram superar essa exclusão através do crime e da notoriedade que dele pode advir. No entanto o curto-circuito previsível, na

---

da sua prisão foi agressão violenta a professora na sala de aula o que ocorrera, segundo sua mãe, pela suspensão da medicação.

<sup>43</sup> A companheira desse jovem infrator é sua professora de dança (funcionária do CEDUC, na época da minha pesquisa). Um funcionário do CEDUC, 35 anos, contou-me que ela pagou sua fiança achando que poderia ajudá-lo a ser um profissional da dança, como tinha se apaixonado pelo menino infrator, não pensou nas consequências. Resultado: está vivendo sob pressão, pois se ela deixá-lo, ele a mata. Não vou me deter nessa história, até porque o meu trabalho não está diretamente relacionado às relações afetivas travadas pelos adolescentes.

sua trajetória pelo mundo do crime (prisão ou morte) e a tensão decorrente de suas relações de violência, os fazem deixar de sonhar com um futuro melhor, diferente, sem esquecer suas histórias de vida e as possibilidades concretas que empurram-no para um final trágico. A mágica colorida – que no seu imaginário e nos seus sonhos de meninos passava por eles como um filme ou um sonho, o de serem jogados de volta a humanidade – perde a cor, a beleza, a inocência que a violência sofrida e praticada como uma constante em suas vidas, lhes roubou.

Não é possível continuar matando esses jovens e adolescentes como se eles fossem os nossos algozes. Não é possível ficar machucando-os e enjaulando-os como animais em celas frias. A sociedade não pode fechar os olhos, se escandalizar com as rebeliões dos infratores e não se escandalizar com fato de serem quase zero as chances dessas crianças transformadas em homens cruéis se tornarem parte de uma sociedade justa e igualitária. Pois, se acharmos que o mundo caminha como deveria e que só os outros é que estão errados, então é melhor mesmo abrir a boca, escancará-la e esperar a morte chegar – como já dizia Raul Seixas.

Todas as idéias repetidas em palanques e discursos políticos que não são contempladas dentro das instituições (melhor atenção, acesso à educação, ao lazer, a cultura, entre outras coisas) melhorariam a qualidade de vida de qualquer jovem e adolescente e exigem uma discussão a respeito dos pressupostos teóricos e pedagógicos das propostas educacionais vigentes, baseadas em uma concepção socioeducativa que, de fato, não consegue melhorar as condições de vida de milhares de crianças, jovens e adolescentes do nosso país. A cada governo os políticos propõem ações, um futuro de melhorias, coisas que com o tempo percebemos que se tornam apenas discursos – ilusão.

Um exemplo que parece corroborar as idéias acima expostas é que, conforme observei, o CEDUC/Pitimbu está funcionando apenas como depósito, servindo dessa forma para prolongar as vidas desses jovens e adolescentes, não havendo, de fato, a concretização das medidas socioeducativas propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O que percebi é que esses meninos, ao completar a maioridade e ter cumprido sua pena, voltam para as ruas, ou mais especificamente para as drogas e os crimes, sem qualquer perspectiva de reeducação.

Alguns poderiam pensar, tomando como exemplo as oficinas oferecidas pelas instituições socioeducativas, que um projeto cultural teria pouca efetividade para mudar a perspectiva de vida desses jovens. O raciocínio desses críticos é de que a arte é um mero passatempo. No entanto, o recurso artístico pode ser entendido, no caso da juventude de periferia, até mesmo como condição necessária para reconstruir a autoestima destrocada e para a abertura do desejo a novas opções de vida. Na realidade, são muitas as ações que devem ser realizadas para mudanças das instituições e do destino dos meninos.

No entanto, na prática, o que fica evidente nas ações voltadas para esses jovens e adolescentes é que elas não contemplam suas necessidades, o que acarreta um certo desinteresse pelo que é oferecido. Posso me remeter com isso, a minha própria experiência no CEDUC/Pitimbu – no período em que estive realizando meu trabalho de campo, constatei que havia poucas opções oferecidas. Na época apenas duas oficinas estavam funcionando, sendo estas: a oficina de dança e a oficina de dobradura, que não despertavam interesse na maioria dos meninos confinados, dominando uma atmosfera de ociosidade entre eles.

Algumas propostas poderiam surgir para diminuir o caos instalado na FEBEM, mas serão ineficazes se os governantes não levarem em consideração às especificidades desenvolvimentais dos adolescentes atendidos pela instituição e não promoverem um espaço de reflexão e formação adequado para esses jovens.

Contudo, Foucault (1982) é bem mais contundente ao afirmar que instituição prisional em sua origem não estava preocupada em ensinar nada aos presos, *para se estar bem seguro de que nada poderão fazer saindo da prisão*. Para este autor, *o caráter de inutilidade do trabalho penal não significa o fracasso de um projeto, mas o vínculo a uma proposta bem definida*.

Uma outra coisa que eu gostaria de esmiuçar aqui, além das idéias sobre justiça, liberdade, maldade, entre outras, é o confinamento na instituição como um acontecimento limite na vida dos jovens e adolescentes infratores, a partir do qual eles não serão mais os mesmos. A trajetória imprime nestes meninos as marcas de uma identidade em transformação, onde os valores norteadores da vida são questionados, reavaliados, refletidos a partir de um *golpe* do destino. Aparece como um fracasso de um projeto de vida e a incerteza do futuro, estando esses jovens e adolescentes no âmago de um conflito ainda não solucionado.

Os jovens e adolescentes dentro do CEDUC, conta o tempo que falta para a sua avaliação judicial, muito embora a maior parte das vezes esteja impossibilitado de fazer uma previsão. Quanto mais se aproxima o momento de um novo encontro com o juiz, o interno tende a ficar mais ansioso para sair do CEDUC, *o inferno* como eles chamam. Associo isto a angústia diante da perspectiva de um incerto futuro *lá fora* como já mencionei. Ao mesmo tempo, vai sendo descortinado um outro *palco da história*: de volta ao seu barraco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar,

seu bem e seu refúgio, cheiro horrível de esgoto, por cima e por baixo, se chover será o fim; molha tudo e é arriscado a cair parte do barraco, então os meninos infratores dizem: *aqui também é um pedaço do inferno, sua própria moradia*. A rua passa a fazer novamente parte do seu cotidiano, o crime e tudo parece um círculo sem começo nem fim.

O medo, assim como o riso, a dor e o sofrimento são emoções que apareceram no cotidiano dos meninos como pano de fundo de um cenário que contextualiza as cenas de violência vividas. As performances relacionadas ao medo são expressas ora com silêncio, ora com olhares incisivos de confronto e ameaça, ora como agitação acompanhada de gestos rápidos e olhares apreensivos. O medo marca o dia-a-dia como ameaça simultaneamente interna e externa do *outro*. Este *outro* apareceu ora como a rede de crimes ligada ao tráfico de drogas, ora como as batidas policiais.

A desestruturação da vida desses meninos infratores, pelo limiar da morte que vai de encontro com eles, é a consequência de idas e vindas ao CEDUC, as penitenciárias, aos bairros, as favelas onde vivem, sem a possibilidade de reavaliação de toda essa violência cometida por eles. Sobre a vida e os valores, algo muito presente nos seus relatos.

As mães sonham com o dia em que estarão livres da violência, das drogas e das armas que vão parar nas mãos de meninos ainda tão crianças e já envolvidos no mundo do crime. Mães e meninos compartilham sonhos, sonham com a plena integração à cidadania, com educação e respeito, emprego decente e uma chance razoável para viver com dignidade. A polícia também está nos sonhos, uma polícia humanizada e justa, educada e inteligente, eficiente e sem cumplicidade, que já se

projeta aqui e ali, mas que ainda é pouco freqüente e, nos bairros periféricos, nas favelas, infelizmente, em grande medida ela - a polícia - só figura no pesadelo. E a lei, de acordo com o que estabelece a Declaração dos Direitos Humanos<sup>44</sup> - *significa agir com respeito às pessoas e com honestidade* - que no momento encontra-se apenas no papel, figura nos seus sonhos e necessidades como algo que pode tomar vida própria e cuja presença possa ser aplaudida em seu cotidiano.

Quero compartilhar com aqueles que consideram que a investigação dessa nova realidade social e de suas questões mais amplas, como o caso da violência atual reativa a conflitos e confrontações que agora estão em evidencia, facilitados pelas mudanças estruturais e mundializadas. De uma maneira geral, atacar os agentes excluídos desse processo desigual – os meninos infratores – pode contribuir para aumentar o ódio e o preconceito, já bastante evidente na sociedade.

Para divulgar o sofrimento que a violência provoca é preciso conquistar a solidariedade para que se possa amenizar ou até mesmo extinguir, no futuro, suas causas. As pistas para a reversão de um cenário sombrio, que esta aquarela amarga do Brasil nos mostra, já existem; mas Brasil afora, vemos uma *cultura da violência*, gestada, alimentada e reproduzida pelo tráfico de drogas, que a utiliza, seja para envolver jovens e adolescentes vulneráveis a seu apelo, seja para integrá-los a seu sistema de trabalho e de poder. Esses meninos fixam-se no exemplo dos traficantes e o copiam – é claro que toda cópia envolve reinvenção – o que torna cada caso diferente.

---

<sup>44</sup> Outra coisa, que não posso deixar passar em branco, foi a reclamações sobre os Direitos Humanos, de várias mães dos meninos confinados no CEDUC. Elas dizem que não foram felizes em acreditar, que a lei era para todos. E o depoimento de uma mãe com questões do filho na delegacia do menor, deixa bem claro que: Direitos Humanos só para a mídia e filhos de ricos ou então ladrão e traficante bastante famoso.

De todo modo, está em curso um processo de nacionalização do modelo de violência de cidades maiores, como São Paulo, Rio De Janeiro, etc.

Não significa, entretanto, que haja limites sólidos e rígidos entre dois mundos, da lei e do crime. Segundo Soares (2005) *assim como há diferença de valores, linguagem suficiente para falarmos em algo próximo a uma cultura do tráfico, há também cruzamentos, interligações de todo tipo. Esses meninos ainda estão profundamente imersos na cultura brasileira, a maior parte dos valores ainda é comum* (p.283). O problema é que esse caminho não deixa de ser verdadeiro, “facilitando” ou ao menos, prometendo facilitar o trabalho de jovens e adolescentes que procuram ter acesso a dinheiro fácil e são atraídos e hipnotizados pelo mundo do crime.

Na visão dos meninos infratores, as coisas e as pessoas são impregnadas de valores, uma demanda de consumo de bens como vestuário de marca, calçados de griffes e, em circulo vicioso, de armas cada vez mais poderosas que são símbolos de poder e reforçam o seu prestígio junto aos companheiros. A droga também aparece como algo valioso, principalmente o crack que virou para eles uma moeda de troca fundamental em seu universo, fazendo e desfazendo com grande rapidez alianças, quadrilhas e gangues.

Através de cortes, recortes vividos no cenário dos meus personagens, cada capítulo se estruturou como uma colagem dos relatos que eu ia juntando. E em princípio eu estava convicta que essa colagem teria um fim. Porém, à proporção que ia sendo realizado o trabalho e a colagem tomava forma fui percebendo que ela não chegaria a uma possível conclusão, pois alguns desses personagens desistiram de atuar. Aprendi que as relações humanas são infinitamente fantásticas. Só que, nesse

contexto, o assunto era especialmente mobilizante e profundo, e envolvia relações alimentadas por grandes volumes de medo, angústia, sobressaltos e mortes.

A partir disso, então, como os meninos infratores, percorri um caminho que não tinha volta. Envolvida e fascinada por cada relato dos jovens e adolescentes que ouvia, fui arrastada pelos acontecimentos e percebi que só tive o ponto de partida, mas o de chegada ainda continuava a percorrer, embora sabendo que o caminho para o inesperado pode ser subitamente interrompido.

Essa idéia de um tempo linear: passado, presente e futuro, ganha uma outra densidade na vivência dos meninos infratores do CEDUC/Pitimbu. Eles não planejam o dia de amanhã e pouco estão ligando para o peso das experiências passadas. Cada tempo vivido tem o gosto do excessivo e do brilho das experiências fugazes.

A pressa usual das sociedades, a idéia de correr atrás do tempo vai sendo substituída pela perspectiva de que ele se dispõe inteiro a cada momento vivido. A temporalidade dos meninos infratores é regida por instantes que se condensam na ótica do absoluto pleno, no aqui e agora. Recortando os vários âmbitos de experiências no crime, nas drogas, o desaparecimento cheio de urgência de seus colegas, prisões, gírias que se renovam a cada dia, a permanência instável nas atividades com os traficantes, nos roubos, assaltos, nas bocas de fumo ou mesmo nas gangues, pude empreender a inusitada aventura de tentar montar peças, naturalmente desarticuladas de um quebra-cabeça violento, existente no cotidiano dos meninos infratores confinados no CEDUC.

Quando a liberdade humana e a habilidade de empregá-la constituem fatores decisivos, nenhuma previsão por mais plausível que seja pode ser excluída. Afinal, a liberdade é o outro lado da imprevisibilidade, da indeterminação e, portanto, da

incerteza. Por isso, nas coisas humanas onde está presente a liberdade, a ação, a criatividade, não há certezas. Mudanças para o bem ou o mal são sempre possíveis.

A idéia de *fim da história* desses infratores com quem convivi, que estudei, que dissequei, não existe. Nessas considerações finais, espero que o leitor tenha percebido não o fim da história, mas o fim que cada um teve, ou melhor, o destino a que cada um foi levado, o rótulo que cada um recebeu e do qual se impregnou, continuando a ser um menino infrator, não um menino que cometeu um delito. Sendo assim, a liberdade pode ser vista ainda como um sonho distante, um sonho ainda não sonhado, que esses jovens e adolescentes confinados esperam que a noite lhes traga.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, S.F. **Violência, justiça e organização social do crime**. Lei e Liberdade, Rio de Janeiro, v.15, nº 47, 1996.

ANTHONY, Giddens. **Mundo em descontrole**. Trad. Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 9ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

\_\_\_\_\_. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. 4ª ed. RJ: Record, 2003.

BATISTA, Anália S. e EL-MOOR, Patrícia D. **Violência e agressão**. In: CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, vozes/Brasília, Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do trabalho.

BALANDIER, G. **A desordem: elogio do movimento**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro:1997.

BERGER, Peter L. & BERGER, Brighth. **Sociology: a biographical approach**. 2a. ed. New York: Basic Book, 1975.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas Sociológicas: uma visão humanista**. Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Summus, 1986.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Difel / Editora Beltrand Brasil S/A, 1989.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muro: crime, segregação e cidadania.** Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **O ciclo da violência.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 17, Caxambu, 1993, Anais

CARDOSO, Ruth C. L. **Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.** In: - ---- **A aventura antropológica: teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAMACHO, Thimoteo. **Ensaio sobre a violência.** Vários autores. Vitória: EDUFES, 2003.

CANEVACCI, Máximo. **A antropologia da comunicação visual.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sobre o medo.** In: **Os sentidos da paixão.** Sérgio Cardoso et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: vozes, 1994.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** 4<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1984.

\_\_\_\_\_. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DADOUR, Roger. **A violência: ensaio acerca do "homo violens".** Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Cartografia da Cultura da Violência: gangues, galera e o movimento hip hop.** Tese de Doutorado em Sociologia, Fortaleza, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por uma abordagem hermenêutica da violência.** In: **Poder e violência.** Fortaleza: Edições UFC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Histórias de vida: desafios de um método.** In: **Cultura e Subjetividade.** João Pessoa: UFPB, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre.** São Paulo: studio/Nobel, SESC, 1994.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice R. **Família e Reprodução Humana**. In: FRANCHETTO, B. [ et. Alli ], orgs. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983. 3v.

DURKHEIM, Émile. In: **Os Pensadores**; seleção de textos de José Artur Giannotti, tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura [et alli]. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre o tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

ERIKSON, ERIK H. **Identidade: juventude e crise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1972.

FATELA, J. **O sangue e a rua: elementos para uma antropologia da violência em Portugal (1926-1946)** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 – 1924)**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A. 1984.

FONSECA, Cláudia. In: **Família, fofoca e honra ( Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares)**. Ed: UFRGS, Porto Alegre 2000.

\_\_\_\_\_. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas; Anped, jan/fev/mar/abr, nº 10, 1999,

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo, Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais do poder. Microfísica do poder**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

IANNI, Otávio. **Raízes da Violência**. Vitória: EDUFES, 2003.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

KASTENBAUM, R; AISENBERG, R . **Psicologia da morte**. São Paulo, Pioneira, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiano**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 3<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1985.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteoriada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S. A. 1988.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1990.

GOLDBERG, Jacob Pinheiro. **Cultura da agressividade**. 3<sup>a</sup> ed. ver. ampl. São Paulo : Landy Editora 2004.

GUATTARI, Félix e Rolnik, Suely. **Cartografia do desejo**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1986.

GUIMARÃES, Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. *Rio de Janeiro*: Paz e Terra, 1989.

LIPOVESTSKY, Gilles. **A indiferença pura. A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio d'água, 1997.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. Romance. 2<sup>a</sup> edição São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

MACHADO, R. **Por uma genealogia do poder**. In: Foucault. M. **A microfísica do poder**. Ed. Graal, 3<sup>a</sup> Edição, 1982.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é cidade: Fazendo antropologia na metrópole**. In: **Na metrópole**. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. **A rua XV, de praça a praça: um exercício antropológico**. Curitiba, 1991 (mimeo)\_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro:pedaços & trajetos**. Universidade de São Paulo – USP, 1992 (mimeo).

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Vértice, 1089.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. Coleção Primeiros passos. 6<sup>a</sup> Ed. São Paulo; Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEN, R.G. **A violência e a cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil.** In: BOSCHI, R. *Violência e cidade.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAIVA, V. **Violência e pobreza: educação dos pobres.** In: ZALUAR, A. (Org.). **Violência e Educação.** São Paulo: Cortez, 1992.

PAULON, Simone. **Um limite trágico como analisador institucional: notas cerca do processo diagnóstico da FEBEM.** In: OLIVEIRA, Carmen S. *Entre dois muros.* Porto alegre: Sulinas, 2001.

PASSETTI, Edson. **Violentados: crianças, adolescentes e justiça.** Vários autores. São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

RIFIOTIS, T. **Nos campos da violência : diferença e positividade.** Florianópolis: 1997. ms.

RODRIGUES, Carlos José. **Tabu da morte.** Rio de Janeiro. Ed: Achiamé, 1983.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Edições Liberdade, 1986.

SANTOS, W. Guilherme dos. **As razões da desordem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOARES, Luiz Eduardo. **Criminalidade: aspectos sociais.** Brasil, MV Bill, Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cabeça de porco.** Celso Athayde, MV Bill, Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Violência e política no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SOUTO, Lúcia. **As ações socioeducativas e políticas de promoção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.** In: BRITO, Leila Maria Torranca (coord.) **Responsabilidades.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

SOUZA, Octávio. **Fantasia de Brasil.** São Paulo: Escuta, 1994.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do Espelho: a fratura social e as pulsões juvenis.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

THIOLLENT, Michell. **Crítica metodológica, investigação Social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1982.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

VIOLANTE, Maria Lucia V. **O dilema do decente malandro**. Coleção Teoria e Prática Sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

VIANA, Hermano. **Galerias cariocas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VOLPI, Mário. **O adolescente e o ato infracional**. Apoio: Fundo das Nações Unidas para a infância – UNICEF. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de George Simmel**. São Paulo:Ed. 34, 2000.

Zaluar, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. **Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo . Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **A maquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Da revolta ao crime**. S.A São Paulo: Moderna, 1995c.

\_\_\_\_\_. **As imagens na e da cidade: a superação da obscuridade**. Cadernos de antropologia da Imagem, Rio de Janeiro, nº.4, p.107, 120. 1997c.



## BANCO DE DADOS

DATA 15/09/2002

Jornal do Brasil  
 Jornal O Posty  
 Jornal Folha de São Paulo  
 Jornal de Natal  
 Jornal Dois Pontos  
 Jornal Diário de Natal  
 Jornal Tribuna do Oeste  
 PARNAMIRIM NOTÍCIAS

Destaque na 1ª Página ( ) Veja: Pg.: \_\_\_\_\_  
 Caderno Página (4) CIDADES  
 Obs.: CONTINUA

Espaço em Página: (4) Coluna(s).    ∞ ½ Página.    ( ) Página inteira.

## ■ CRIANÇA E ADOLESCENTE

# Penitenciária ao lado do Ceduc gera revolta entre autoridades e jovens

**Membros do Conselho da Criança criticam situação: Secretaria de Ação Social mostra-se inerte**

**CEFAS CARVALHO**  
 EDITOR  
**HELENA CRISTINA**  
 REPÓRTER

Ligado à Fundac, uma fundação da Secretaria Estadual de Ação Social, o Centro Educacional Pitimbu (Ceduc), é uma espécie de "última solução" para crianças e adolescentes que cometem atos infracionais graves como homicídio, uso e tráfico de drogas.

Funcionando de modo precário, no bairro Planalto, em Parnamirim, o Ceduc abriga, hoje, 86 adolescentes de 13 a 21 anos (idade máxima para o lugar) de todo o estado. Mas, a maioria é mesmo de Natal e Parnamirim. Apesar de, no papel, servir como centro de aprendizado e recuperação; na prática, a história é outra.

"O espaço físico não dá condições para que se trabalhe adequadamente com os jovens",

reclama o coordenador do Ceduc, psicólogo José Carlos Moraes Ferreira, que ocupa o cargo desde abril de 2001. Basta um passeio pelo centro para se constatar o caos; infiltrações, paredes deterioradas, quartos, aliás, celas pequenas e inadequadas, falta de espaço para recreação.

**ESTIGMA** - Contudo, não bastassem os problemas com a estrutura, o Ceduc ganhou outro problema; a Penitenciária de Parnamirim, construída bem ao lado do centro.

"Construí-la bem aqui foi uma idéia infeliz, pois isso vai estigmatizar ainda mais os jovens", reclama José Carlos. Com razão. Será difícil trabalhar a auto-estima de jovens infratores com a presença da penitenciária tão perto.

O Ministério Público de Natal e Parnamirim, unidos, tentaram

fazer a Secretaria de Interior, Justiça e Cidadania, responsável pela edificação do presídio, dentro da política de erguer diversos presídios no estado, desistir da idéia, mas foi inútil. Como se antevendo a polêmica, a penitenciária está sendo concluída quase em segredo. O PN visitou o local e, segundo trabalhadores da obra, a penitenciária estará pronta para ser inaugurada em um ou dois meses. Uma batata quente que nem a secretaria e nem a Prefeitura de Parnamirim, que teve participação na escolha do lugar da casa de detenção, parecem querer segurar.

ANEXO B

BAIRRO	JOVENS E ADOLESCENTES	PERFIL APROXIMADO DE SUAS RESIDÊNCIAS	NÚMERO MÉDIO DE MORADORES POR RESIDÊNCIA E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR
Mãe Luiza	04 Meninos Infratores	Localizadas no final do bairro, caracterizadas por pequenas residências construídas lado a lado, distribuídas da seguinte forma: 01 quarto, 01 sala e 01 cozinha próxima ao banheiro. Algumas possuem o banheiro na parte exterior da casa.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 07 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe e irmãos.
Felipe Camarão	04 Meninos Infratores	Casas pequenas tipo conjunto, localizadas próximo à praça do bairro, distribuídas da seguinte forma: 02 quartos, 01 sala, 01 cozinha e 01 banheiro.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 04 e 08 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe, irmãos, avós e tios.
Passo da Pátria	06 Meninos Infratores	Casas de taipa, com um só vão, sem divisórias. Não possui banheiro, sendo as necessidades fisiológicas realizadas no próprio quintal.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 05 e 08 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe, irmãos, avós, tios e sobrinhos.
Favela do Detran	08 Meninos Infratores	Casas localizadas no final da Favela do Detran, que geralmente são alugados, sendo chamadas pelos moradores de 'barracos, que são feitos de 'flande', papelão e tábuas.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 08 e 10 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe, irmãos, avós e tios.

## ANEXO C

BAIRRO	JOVENS E ADOLESCENTES	PERFIL APROXIMADO DE SUAS RESIDÊNCIAS	NÚMERO MÉDIO DE MORADORES POR RESIDÊNCIA E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR
Favela do Japão	08 Meninos Infratores	Casas de papelão, flande, com um vão sem divisórias, com presença de esgotos entre uma casa e outra.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 07 pessoas. Geralmente a família é composta por mãe, irmãos, avó e tios.
Bairro Guamoré	02 Meninos Infratores	Casas de alvenaria tipo conjunto, subdivididas da seguinte forma: 01 ou 02 quartos, 01 sala, 01 banheiro, por vezes fora de casa, e 01 cozinha.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 06 pessoas. Geralmente a família é composta por mãe, padrasto, irmãos, avós e tios.
Cidade da Esperança	03 Meninos Infratores	Casas de alvenaria, localizadas na periferia do bairro, tipo conjunto, subdivididas da seguinte forma: 01 ou 02 quartos, 01 sala, 01 banheiro e 01 cozinha.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 06 pessoas. Geralmente a família é composta por mãe, padrasto, irmãos, avós e tios.
Vila de Ponta Negra	02 Meninos Infratores	Casa de alvenaria, tipo conjunto, subdivididas da seguinte forma: 01 ou 02 quartos, 01 sala, 01 banheiro e 01 cozinha.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 06 pessoas. Geralmente a família é composta por mãe, pai, irmãos e avós.

## ANEXO D

BAIRRO	JOVENS E ADOLESCENTES	PERFIL APROXIMADO DE SUAS RESIDÊNCIAS	NÚMERO MÉDIO DE MORADORES POR RESIDÊNCIA E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR
Quintas	09 Meninos Infratores	Localizadas no final do bairro, caracterizadas por pequenas residências construídas lado a lado, distribuídas da seguinte forma: 01 quarto, 01 sala e 01 cozinha próxima ao banheiro. Algumas possuem o banheiro na parte exterior da casa.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 03 e 07 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe e irmãos.
Guarapes	08 Meninos Infratores	Casas pequenas tipo conjunto, localizadas próximo à praça do bairro, distribuídas da seguinte forma: 02 quartos, 01 sala, 01 cozinha e 01 banheiro.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 04 e 08 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe, irmãos, avós e tios.
Favela Ponta Negra	03 Meninos Infratores	Casas de flande, com um só vão, sem divisórias. Não possui banheiro, sendo as necessidades fisiológicas realizadas no próprio quintal.	O número de moradores nas residências destes jovens e adolescentes varia entre 05 e 08 pessoas. Geralmente a família é composta por padrasto, mãe, irmãos, avós, tios e sobrinhos.

## ANEXO E

Meninos Infratores entrevistados			
1.	Martins	2.	Naor
3.	Zezinho herói	4.	Careca
5.	Rouxinol	6.	Marley
7.	Garotinho	8.	Peteca
9.	Dunga	10.	Bombom
11.	Nino	12.	Manelzinho
13.	Bené	14.	Cabeção
15.	Samoa	16.	Fineza
17.	Lulu	18.	Fininho
19.	Grafite	20.	Biriba
21.	Chupeta	22.	Zac
23.	Sabugo	24.	Dois Cu
25.	Rick	26.	Peninha
27.	Torrão	28.	Kakau
29.	Ferrugem	30.	Café
31.	Coragem	32.	Carluxo
33.	Gentileza	34.	Boca de Sapo
35.	Feroz	36.	Caverinha
37.	Pocotó	38.	Mildinho
39.	Rambinho	40.	Tareco
41.	Orelha	42.	Mikael
43.	Canibal	44.	Zarolho
45.	Canjiquinha	46.	Duda
47.	Bráulio	48.	Cheira Balde
49.	Bob Esponja	50.	Chico Bomba
51.	Fuscão Preto	52.	Léo
53.	Bob Lerdo	54.	Alê
55.	Fatal	56.	Maluco

## ANEXO F

	JOVENS E ADOLESCENTES SOBREVIVENTES	DESTINO
1.	Nino	Penitenciaria João Chaves
2.	Feroz	Penitenciaria João Chaves
3.	Canjiquinha	Penitenciaria João Chaves
4.	Bob Esponja	Penitenciaria João Chaves
5.	Naor	Voltou para o CEDUC
6.	Fineza	Voltou para o CEDUC
7.	Pocotó	Voltou para o CEDUC
8.	Dois Cu	Esta em liberdade, mas se enveredou novamente para o crime.
9.	Miudinho	Esta em liberdade, mas se enveredou novamente para o crime.
10	Léo	Esta em liberdade, mas se enveredou novamente para o crime.

**GLOSSÁRIO<sup>45</sup>****A**

**ABOTOAR O PALITÓ** - morrer  
**AMARRADO** - acertado, aprovado  
**AMOLAR** - importunar  
**ANEL DE COURO** - ânus  
**AQUECER O ESTÔMAGO** - alimentar-se  
**APARECER** – dá as caras.  
**APITAR** - liderar, mandar  
**ARAPUCA DE CAÇAR PINTO** - genitália feminina  
**ARAQUE** - falso policial  
**AVIÃOZINHO** - trabalhador para traficante

**B**

**BAND** - Bandido  
**BAGULHO** - maconha  
**BANANA** - ingênuo  
**BAITOLA** - homossexual  
**BARRIGADA** - ato de defecar  
**BARRO** - fezes  
**BARÃO** - cheio de dinheiro  
**BATIDA OU BACULEJO** - revista dos policiais  
**BOY** - para meninos e meninas  
**BOCA CHEIA DE FORMIGA** - já estar morto  
**BOCA DE CABELO** – vulva  
**BOCA DE FUMO** - ponto de venda de maconha, crak, pó etc  
**BOLADO** - cismado  
**BRENHA** – mato  
**BRANQUINHA** - Cocaína  
**BATEU AS BOTAS** - morreu  
**BUNDA MOLE** - covarde  
**BUNDÃO** - medroso  
**BUFUNFA** – dinheiro

**C**

**CABEÇA VALE OURO** - valor da morte  
**CAIR** - ser preso  
**CASA ARRUMADA** – casa pronta para o assalto  
**CANHÃO** - mulher feia  
**CAGADO** - tem sorte  
**CABEÇA** – chefe, o mais valente  
**CACETE** - surra

---

<sup>45</sup> Resolvi fazer um glossário por ordem alfabética, pois cada menino usava alguns termos desconhecidos por mim, e assim fui aprendendo com eles os significados dessas palavras (gírias). Algumas bem repetitivas que estão no texto, nos relatos dos meninos infratores. Outras ditas nas nossas conversas informais, às quais achei muito interessante, e que merecem ser citadas.

**CANTAR DE GALO** - mandar  
**CHARLAR** - enganar  
**CHEIRAR PERIGO** - meter medo  
**CHEIRA CU** - puxa saco  
**CHEIRO DO QUEIJO** - armadilha  
**CHUPANDO DINDIN** - cueca entrando no cu  
**CHAPADO** - drogado  
**CU DE BOI** - confusão  
**CU RASPADO** – miserável

## D

**DANÇAR** - cair nas mãos da polícia  
**DAR O SERVIÇO** – confissão  
**DA ROLÉ** – andar por aí.  
**DEDAR** - dedurar  
**DEDO CRUZADO** – juramento

## E

**ECO** - tiro  
**ENDURECER** - desobedeceu  
**ENTRAR BEM** - ser preso  
**ENTRAR DE GAIATO NO NAVIO** - ser condenado sem culpa  
**ENTRAR NO PAU** - apanhar  
**ENTRAR PELO CANO** - se dar mal  
**ENTREGAR DE BANDIJA** – trair o irmão de fé  
**EMBAÇANDO** – embromando, enrolando.  
**ENTOCAR** - esconder  
**ENCRENCADA** - problemas  
**ENCHE BUCHO** - o trabalho  
**ESTOU NA LONA** - sem dinheiro  
**FAZER BICO** - trabalho informal  
**EU VOU TE FAZER** - eu vou te furar; matar.

## F

**FIM DA PICADA** - fim de linha, arrogante  
**FILHINHO DE PAPAÍ** - sustentado pelo pai  
**FOGUETEIRO** – anunciando a chegada da polícia ou inimigo  
**FRUTA** - homossexual  
**FUXICANDO** – fofocando

## G

**GANDAIA** – vadiagem  
**GERAL** – para todos  
**GOROROBA** - comida  
**GRUDE** - comida  
**GRANFINA** - cheia do dinheiro  
**GOGÓ** - pescoço

**H**

**HUMZINHO** - maconha  
**IRMÃO** – CÚMPLICE

**I**

**INFORMAÇÃO**- bugiganga

**J**

**JAULA** – cela  
**JOGA NA MINHA** - dividir

**L**

**LARANJA** – que é condenado sem culpa.  
**LAMBANÇA** - conversa fiada  
**LANCE** - momento da pratica de um delito  
**LEVAR CHUMBO** - ser recebido por arma de fogo  
**LERDO** – devagar, quase parando

**M**

**MALUCO** – cara, sujeito, uma pessoa  
**MALANDRÃO** - quer fumar sem pagar  
**MAIOR LIMPEZA** – coisa boa; situação tranqüila  
**MUNDO ESCULACHADO** - mundo bagunçado, mundo sem lei  
**MANÉ** - otário  
**MARIA CINCO DEDOS** - masturbação  
**MOLHAR O PAVIO** - relação sexual  
**MANJAR** – observar  
**METER O PÉ** – Ir embora  
**MASSA** – legal, Maravilha  
**MIXARIA** - pouco dinheiro  
**MUTRETA** – trapaça

**N**

**NARIGADA** – Cheirar cocaína  
**NOÇÃO** – idéia

**O**

**OITÃO** - revólver trinta e oito  
**OUVIR O CU DE COTIA ASSOBIAR** - passar por dificuldades

**P**

**PAPIAR** - conversar  
**PAGUEI O PATO** - paguei pelo outro.  
**PRESUNTÃO** - encontrar a pessoa morta ou fazer um morto  
**PEÇAS** - roupas, acessórios, armamento  
**PEITUDO** - corajoso  
**PINGOU** - apareceu

**PIROCA** - pênis  
**PIMBADA** - relação sexual  
**PISANTE** - sapato  
**PASSARINHO** – apenado

**Q**

**QUEIMANTE** - arma de fogo

**R**

**RALF** - maconha  
**REFRESCO** - corretivo para que a pessoa puxe pela memória  
**REAR** – lasciar  
**RODAR** – se dar mal

**S**

**SACAR** - entender  
**SUJAR** - dar errado  
**SUJOU** – chegou alguém  
**SUGESTÃO** – ameaça  
**SUJEIRA** – alguém ruim  
**SONDAR** – espionar

**T**

**TÁ LIGADO** - está atento  
**TAVA DE BAIXO** - sem arma nenhuma  
**TIRARAM DE CIRCULAÇÃO** - mataram  
**TÊNIS DA HORA** – falsificado, curtição com as imitações de marcas  
**TELEFONE** - tapa no ouvido  
**TIMBLIM** - tapa no ouvido  
**TRAMPO** - trabalho  
**TAMPA DE CU** - destemido  
**TIRAR ONDAR** - insultar, desafiar  
**TOCA** - esconderijo  
**TUTU** – dinheiro

**U**

**UM DOIS UM** - homicida  
**UM CINCO CINCO** - ladrão  
**UM SETE UM** - estelionatário  
**URUBUZAR** – aquele que cerca e vende o companheiro para que outro o possua sexualmente

**V**

**VAMO DÁ UM TAPA** – Fumar maconha  
**VACILAR** – negligenciar; descuidar  
**VER O SOL QUADRADO** - estar preso  
**VOAR** - não compreender um assunto

**VOU DAR UM SAL** – dar uma surra

**VIAGEM** – delírio

**VINTE** – cigarro

**X**

**XANHA** - micose de pele adquirida no pavilhão

**XERETA** – curioso além da conta

**Z**

**ZERADA** – garota virgem

**ZURETADO** - enraivecido, inconformado